



**FAMÍLIA,  
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
e  
REDE SOCIAL**

**Orientadora de Dissertação:**

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

**Coordenadora de Seminário de Dissertação:**

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

**Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:**

MESTRE EM PSICOCRIMINOLOGIA

**2010**

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Gouveia Pereira, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicocriminologia conforme o Despacho da DGES, nº 29595/2008, publicado em Diário da República, 2ª série, nº. 223, de 17 de Novembro de 2008.

## AGRADECIMENTOS

Esta tese representa o produto final de um desafio que coloquei a mim própria e que agora termina, mas que será no entanto, o início de algo. Ao longo deste caminho várias foram as pessoas com quem me cruzei e por isso, aqui ficam os meus sinceros agradecimentos:

À Professora Doutora Maria Gouveia Pereira, pela disponibilidade, orientações e sugestões e sobretudo por ter acreditado e apoiado neste estudo;

Agradecer à minha família pelo apoio incansável, pela constante presença, pelo carinho inesgotável e também por estarem comigo nos momentos que mais preciso e não me deixarem desistir;

Aos meus amigos, nos quais perdura a amizade e confiança, aqueles que me fazem sorrir, mas também amparam quando a tristeza aparece, mas que também fazem acreditar que é possível sonhar e que se mantém lado a lado, ajudando-me, assim a crescer;

A todas as Instituições que abriram portas e possibilitaram a realização deste estudo, em especial a uma delas, onde iniciei a minha vida/carreira profissional e que apesar de já não me encontrar a trabalhar, mostraram desde logo, interesse na realização deste estudo;

E um agradecimento muito especial a todas as pessoas que participaram neste estudo, pela sua disponibilidade e receptividade e sobretudo, por terem acreditado que a sua participação poderá de alguma forma, contribuir para ajudar outras crianças e mulheres, vítimas de violência doméstica;

A todos o meu muito Obrigada!

Essencialmente, por fazerem parte da minha vida, quer de uma forma mais permanente, quer seja de um modo mais passageiro, mas o facto de terem passado já se tornaram importantes!

## RESUMO

Apesar da existência de estudos recentes relativos à problemática da violência doméstica, do ponto de vista da criança, sendo ela testemunha ou vítima directa, é ainda hoje pouco estudada. Por outro lado, as redes sociais tem sido fonte de estudo em diversas áreas, contudo a relação destas com a violência doméstica, surge ainda como algo novo.

Deste modo, o presente estudo tem como objectivo analisar a experiência de violência doméstica tanto dos filhos, enquanto testemunhas destes episódios, como também das mães enquanto vítimas directas. Deste modo, compreendendo quais as percepções que as vítimas tem da violência, assim como o seu impacto nas suas vidas. Os participantes em estudo já não residem com o agressor, não estando actualmente expostos aos episódios de violência. Pretendeu-se ainda identificar as redes de apoio social nos participantes em estudo.

Tal foi possível, através da análise de conteúdo e utilizando como referência um guião de entrevista já existente mas totalmente adaptado de acordo com os objectivos pretendidos para este estudo e englobando três momentos diferente das vidas das famílias: viver com violência, viver em transição e viver sem violência. Utilizou-se também um instrumento referente ao mapa de rede social.

Os resultados parecem indicar que a violência doméstica revela-se um factor perturbador para toda a família e viver sem o agressor proporciona um bem-estar e estabilidade emocional. Verifica-se ainda que os participantes revelam redes sociais fracas, sendo o seu suporte social essencialmente da família e dos amigos.

**Palavras-Chave:** Família, violência doméstica, vítima, agressor, rede social.

## ABSTRACT

Despite the existence of recent studies concerning domestic violence, under the children viewpoint as a witness or a direct victim, it is still a poorly studied problem. Social networks have been a study source in different areas, however their relation with domestic violence arises as a new subject.

This study aims to assess and analyze domestic violence experiences of children, as witnesses, and of their mothers as direct victims of these episodes, in order to understand the victim's perception of this phenomenon as well as the consequent impacts on their lives. Currently, the study subjects are not in contact with the aggressor and are not exposed to violent episodes. Moreover, it is also intended to identify the social networks acting on the study subjects.

This was possible through content analysis and using as reference an existing interview script, adapted according the study goals and focusing on three different moments on the family life: to live with violence, a transition phase and to live in the absence of violence. A measurement referring to the social network map was also used.

Results seem to indicate that domestic violence is a disturbing factor for the whole family and that the absence of the aggressor leads to emotional stability and to a general well-being. The participants also revealed weak social networks where the main social support is given by family and friends.

**Key words:** Family, domestic violence, victim, aggressor, social network.

## ÍNDICE

Introdução -----	10
Violência familiar -----	12
A família -----	13
A Violência na Família -----	15
Consequências da violência doméstica para as crianças-----	20
Factores mediadores do impacto da violência familiar -----	22
Redes sociais -----	27
Modelos Explicativos -----	30
Objectivo do estudo -----	33
Método -----	34
Participantes -----	34
Caracterização dos participantes -----	35
Delineamento do estudo -----	42
Instrumentos -----	42
Guião de entrevista -----	42
Instrumento de Análise da Rede Social -----	43
Procedimentos -----	45
Apresentação e Discussão de Resultados -----	47
Conclusão -----	71
Referências -----	74

## ANEXOS

Anexo 1: Guião de Entrevista-----	81
Anexo 2: Instrumento de Análise da Rede Social -----	86
Anexo 3: Declaração de consentimento -----	100
Anexo 4: Entrevista ao B.-----	102
Anexo 5: Entrevista à Sra. V. -----	114
Anexo 6: Grelhas de análise dos filhos e mães: três momentos -----	137
Anexo 7: Mapa da rede social da Família V.-----	161

## LISTA de TABELAS

Tabela 1- Presença de discussões entre os pais / casal -----	47
Tabela 2- Origem das discussões entre os pais / casal -----	48
Tabela 3- Recordações das discussões -----	49
Tabela 4- Relação entre os pais / casal quando vivam juntos -----	49
Tabela 5- Frequência das discussões -----	50
Tabela 6 - Altura do dia em que decorriam as discussões entre os pais / casal --	51
Tabela 7 - Sentimento dos filhos/ mãe face às discussões entre os pais/ casal --	51
Tabela 8 - Percepção sobre os sentimentos dos filhos face às discussões, na perspectiva das mães -----	52
Tabela 9 - Motivos que levaram à saída de casa da vítima ou agressor -----	53
Tabela 10 - Sentimentos vivenciados pelos filhos / mães com a decisão de sair de casa ----- -----	54
Tabela 11 - Sentimentos vivenciados pela mãe / filhos, na perspectiva dos filhos / mães, com a decisão de sair de casa -----	56
Tabela 12 - Sentimentos vivenciados pelo pai / agressor, na perspectiva dos filhos / ex. companheiras, com a decisão de sair de casa -----	57
Tabela 13 - Percepção dos filhos / da mãe relativamente àquilo que a mãe/ a própria, poderia ter feito antes, para terminar com a situação de violência -----	58
Tabela 14 - Percepção dos filhos/ mãe sobre o que melhorou na sua vida com a ausência do agressor -----	60
Tabela 15 - Aspectos positivos do pai/ agressor -----	61
Tabela 16 - Aspectos negativos do pai/ agressor -----	62

Tabela 17 - Percepção da relação da criança com o pai -----	63
Tabela 18 - Percepção da relação entre os filhos / as mães e as mães / os filhos -----	64
Tabela 19 - Percepção da relação da criança com os irmãos-----	65
Tabela 20 - Percepção dos filhos/ da vítima sobre quem é para a mãe / a própria, o agressor ----- -----	65
Tabela 21 - Percepções dos (as) filhos / mães face às diferenças actuais na sua vida ---	66
Tabela 22 - Sentimentos da criança face à situação actual / Sentimentos dos filhos, face à situação actual, na perspectiva das mães -----	67
Tabela 23 - Sentimentos da mãe face à situação actual, na perspectiva dos filhos/ Sentimentos vivenciados pelas mães na situação actual -----	68

## INTRODUÇÃO

De acordo com Magalhães (2002) não é possível constatar o número de casos de violência nos diversos países, uma vez que a maioria ocorre em contexto familiar e deste modo, estão presentes diversas dificuldades de diagnóstico.

No entanto, a violência na família tem sido estudada com base nas informações obtidas apenas por uma pessoa, quer se tratando da história da violência familiar, quer remetendo para os problemas comportamentais que as crianças apresentam (Sternber et al, 1998, cit. por Sani & Gonçalves, 2007).

Neste sentido, as investigações direccionadas para a perspectiva dos menores, são baseadas nas informações e relatos dados pelos progenitores ou por outras figuras da relacionamento da criança e deste modo, não se pode falar de algo genuíno, mas pelo contrário é algo que pode estar deturpado (Sani & Gonçalves, 2007).

Por outro lado, as famílias onde ocorre violência tem tendência para revelar isolamento, quer seja por iniciativa própria, quer seja por sentimentos de vergonha que sentem da própria situação ou até pelo preconceito que acreditam que os outros têm por si. Já no interior da família, o silêncio impõe-se tanto por medo ou por consideram que não é possível encontrar uma solução para evitarem o sofrimento vivido (Zuma, 2004).

Neste sentido, a realização de estudos que permitem avaliar o impacto da violência, de forma mais directa, devem ter por base os discursos e percepções das próprias crianças e assim, parece ser possível obter resultados e conclusões mais válidos sobre as suas experiências face aos conflitos interparentais (Ericksen & Henderson, 1998, cit. por Sani & Gonçalves, 2007). Do mesmo modo, que a investigação focado nas redes sociais, também surge como importante, uma vez que estas famílias apresentam habitualmente um suporte social fraco e assim, surgindo assim a necessidade de conhecer melhor, para intervir de forma mais eficaz no contexto social destas famílias (Zuma, 2004).

Deste modo, a presente investigação teve como objectivo analisar a experiência de violência doméstica tanto dos filhos, enquanto testemunhas destes episódios, como também

das mães enquanto vítimas directas. Deste modo, compreendendo quais as percepções que as vítimas tem da violência, assim como o seu impacto nas suas vidas.

Os participantes em estudo são acompanhados por três instituições sociais diferentes e que apresentam como característica comum, é o facto de já não residirem com o agressor e deste modo, não estão actualmente expostos aos episódios de violência. Pretendeu-se ainda identificar as redes de apoio social nos participantes em estudo

## Violência Familiar

### A Família

A família funciona como uma entidade única e própria que se encontra, no entanto, inserida, num sistema abrangente, que é a sociedade. Cada família tem por isso, uma entidade cultural, responsável por moldar os comportamentos de cada elemento, em cada momento, seja ele fácil ou difícil, que surgem ao longo da história familiar (Bayle & Martinet, 2008).

Assim, cada família é observada como um todo, de onde emergem todos os elementos que a constituem, deste modo é vista como una e única e é como um sistema e deste modo, onde esperado que tenha um processo de desenvolvimento, no sentido de evoluir e de se tornar cada vez mais complexa (Relvas, 1996).

Outros autores referem que a família é compreendida como um sistema complexo e dinâmico, que assume diferentes configurações, quer sejam estruturais, quer sejam relacionais e que deste modo, torna-se difícil encontrar uma definição única que abarque as diferentes realidades das famílias (Böing, Crepaldi & Moré, 2008).

A família é então, definida como um organismo complexo que se altera ao longo do tempo, de forma a assegurar a continuidade e crescimento psicossocial dos elementos que a constituem. É por isso, um sistema activo em constante transformação. Deste modo, a família desenvolve-se como uma unidade, mas que simultaneamente assegura a individualidade e independência dos membros que a constituem (Aglío, Koler & Yunes, 2006).

Cada membro de uma família procura nela o seu bem-estar e a felicidade pelo que quando surge uma desilusão ou decepção, é uma experiência vivida com infelicidade e numa escala que é variável, consoante o investimento afectivo feito na própria família (Bayle & Martinet, 2008).

É também importante referir que ao longo do tempo, o conceito de família tem vindo a evoluir, tanto como sistema, como também no que se refere às tarefas desempenhadas por cada elemento, que pertence a essa mesma família (Bayle & Martinet, 2008). Assim, a família apresenta um funcionamento dinâmico e neste sentido, sofre alterações e está sujeita a mudanças, que permitem a sua evolução (Relvas, 1996).

A família actual apresenta maior valorização da vida emocional e afectiva, essencialmente pela ocorrência de mudanças sócio-culturais, tecnológicas, ambientais, políticas e/ou religiosas. No entanto, a família está sempre em constante mutação, não se revelando coesa e sólida, e os únicos que parecem resistir à ruptura familiar e ao tempo, são os laços fraternos (Bayle & Martinet, 2008).

Segundo Macedo (1994) a família torna-se um lugar seguro para crescer, quando existe um ambiente saudável nas relações estabelecidas entre os membros que a constituem.

Cada família tem a sua história, que é uma sucessão de momentos, tanto de crise e de períodos de transição, como também de acontecimentos e de dificuldades, que permitem a sua evolução e deste modo, cada família também o seu ciclo vital da família (Relvas, 1996).

Neste sentido, a família cumpre as funções que fazem parte do seu ciclo vital. Este é constituído por etapas evolutivas, que são: nascer, crescer, amadurecer e habitualmente reproduzir novas famílias. O ciclo termina com a morte dos elementos que a originaram essa mesma família ou com a dispersão dos descendentes que constituíram novos núcleos familiares (Aglia et al, 2006).

O ciclo vital da família deriva de uma abordagem desenvolvimentista. Este ciclo, refere-se a um esquema de classificação em estádios que demarcam uma sequência de consequências que são previsíveis mas diferenciadas em fases ou etapas. Assim, este ciclo não é mais, do que o caminho que uma família percorre desde o seu início até ao seu fim permitindo deste modo, a integração interactiva de diversos factores como é a dinâmica activa do sistema, os aspectos e características individuais e a relação entre os vários contextos que a família se insere, como por exemplo, a sociedade e os seus subsistemas (como a escola) (Relvas, 1996).

A crise na família pode estar relacionada com diversos aspectos, nomeadamente com as mudanças quer sejam internas, quer sejam externas que lhe são colocadas, com as tarefas necessárias e inerentes à própria evolução familiar ou com as fontes de stress que vão surgindo ao longo do ciclo vital da família (Relvas, 1996).

Na família estão presentes diversas funções, que estão interrelacionadas. Estas funções são de natureza biológica, psicológica e social. As primeiras referem-se à sobrevivência dos novos elementos através dos cuidados básicos que estes necessitam. Já as funções psicológicas remetem para o afecto e como este é uma primeira e fundamental função

psíquica da família, sendo por isso, indispensável à sobrevivência de um recém – nascido. Por fim, a função social refere-se à transmissão de valores culturais e de preparar o indivíduo para a sociedade (Aglío et al, 2006).

Na perspectiva de Bourdier (1996, cit. por Neves & Romanelli, 2006), a família funciona como principal sujeito de estratégias de reprodução, quer seja ao nível biológico, quer seja ao nível das relações sociais. Neste sentido, a cada família compete permitir o crescimento individual e contribuir para os processos de individualização e diferenciação de cada elemento. O ciclo vital de cada família é dinâmico e não está contido de forma rígida num mesmo padrão (Aglío at al., 2006).

De acordo com a perspectiva sistémica, a família assume duas funções, uma interna e outra externa. A primeira refere-se à autonomia dos diferentes elementos, mantendo o sentimento de pertença e a função externa remete para boa integração social e cultural. Estas funções revelam-se essenciais a um bom desenvolvimento e um crescimento saudável dos elementos que fazem parte de uma família (Alarcão & Gaspar , 2007).

Também na perspectiva de Vasconcelos (2003), o estudo das famílias através da perspectiva sistémica significa, entender a família como um processo dinâmico e assumir que há um caminho a percorrer no sentido, de produzir conhecimento.

A família é assim caracterizada essencialmente pelas relações de afecto e de compromisso que existem entre os elementos que a constituem (Macedo, 1994). Contudo, o espaço doméstico transforma-se por vezes, num ambiente de perigo iminente e de medo, isso torna-se um factor negativo para um bom desenvolvimento da criança, sobretudo no que se refere ao sentimento de protecção e segurança, à estabilidade emocional, à consistência e à eficácia das práticas educativas, entre outros (Neves, 2007).

Nesta perspectiva (Almeida, André & Almeida, 1999), o ambiente familiar pode constituir-se como um espaço privilegiado à violência e neste sentido, a família que deveria ser o principal agente socializador, é nestes casos, um meio criador de violência em que o que a criança aprende, são condutas agressivas (Santos & Costa, 2004). Deste modo, o espaço doméstico que deveria ser visto como um abrigo, é encarado como um local de insegurança e de risco, levando a que a vítima sinta que tenha um pouco controlo sobre a sua vida (Machado, Gonçalves & Matos, 2004).

Então, quando existe violência no seio familiar, ela adquire um significado especial, uma vez que o sinónimo de família, deveria ser fonte de amor e não de agressão e de força (Santos & Costa, 2004). Assim, poderá dizer-se que a violência doméstica é uma decepção à crença na família, uma vez que neste espaço apenas deveria haver amor e afecto (Neves & Romanelli, 2006).

### A Violência na Família:

Ao longo dos tempos, a percepção do que é ou não violência tem oscilado, sendo por isso, um processo de representações e definições, que tem vindo a ser construído. Assim, não parece haver uma definição universal sobre o conceito de violência, uma vez que tem variado em função de normas, que por sua vez, vão mudando consoante os contextos, não sendo assim partilhadas por todos os indivíduos (Lourenço & Lisboa, 1992; Pais, 1996, cit. por Fonseca, Sousa & Vaz, 2003).

É possível constatar que historicamente a violência tem ganho novos significados e é percebida no final do século XX e até aos dias de hoje, de uma forma mais simbólica, o que tem permitido também, uma mudança de pensamento relativamente ao fenómeno de violência (Agra, 1999 cit. por Manita, 2008).

É a partir dos anos setenta, que se começa a dar ênfase à problemática da violência doméstica, até esta altura era considerado como algo aceitável (Casimiro, 2008). O modelo social era caracterizado pelo poder que era dado ao homem, enquanto figura central na família, ele era visto como “chefe de família”, o patriarcal que tinha o poder económico, social e disciplinar. Em Portugal, essa perspectiva perdura quase até aos dias de hoje (Matos & Machado, 1999).

Surge assim, a consciência da existência de maus tratos às mulheres e aos menores no sistema familiar, que veio contribuir para a construção de um novo olhar sobre a família e o espaço doméstico e deste modo, começa a dar-se atenção para a problemática da violência doméstica, como algo que deveria ser do conhecimento público, deixando de ser exclusivamente do âmbito privado (Fonseca et al., 2003). Os estudos sistemáticos sobre a violência familiar desenvolvidos pelas ciências sociais e humanas começam também por esta altura (Casimiro, 2008).

Neste sentido, a violência quando decorre no meio familiar deve ser entendida, como um conceito amplo e vista como uma forma de violência que ocorre em contexto doméstico, colocando em perigo qualquer membro que pertença a essa família (Ballonga et al, 2007).

Também Guerra (1998, cit. por Neves & Romanelli, 2006), afirma que a violência doméstica, deve ser encarada como uma forma de violência intersubjectiva e interpessoal em que claramente há abuso de poder disciplinador e que isso implica, um processo de vitimização e de maus-tratos.

Deste modo, a temática da violência doméstica encontra-se bem presente nos dias de hoje, no entanto, existem diversos impedimentos que por vezes, não permitem o seu conhecimento mais aprofundado, entre os quais, destacam-se o silêncio das vítimas e a proximidade destas com os agressores. Mas também o sentimento de impotência ou o próprio desconhecimento da vítima, e a vergonha que estas sentem perante a situação que vivem, podem apresentar-se como obstáculos. E assim, este tipo de violência tem-se mantido ao longo de diversos anos (Matos & Machado, 1999).

Assim, o facto de a violência acontecer na esfera privada do lar, encontra-se escondida aos olhares do exterior, e por isso os maus-tratos não são observáveis e os apelos feitos pelas vítimas nem sempre são compreensíveis (Matos & Machado, 1999).

Também Dias (2000, cit. por Fonseca et al, 2003) reforça a ideia de que a família moderna tem um carácter privado, o que torna o fenómeno da violência doméstica pouco visível e que existe ainda a idealização da imagem da “família normal”, que não pode ser destruída e por isso, quando ocorre violência, não ser denunciada.

Outros autores (Almeida et al, 1999) defendem que a ideia de família – fortaleza, revelam um lugar onde existem riscos, mas que dificilmente são vistos do lado de fora, o que deste modo não permite detectar a violência existente.

Por outro lado, apesar do sofrimento da vítima, esta revela muitas vezes, dificuldade em encontrar ajuda, quer seja pelas ameaças que sofre, quer seja mesmo pela falta de perspectivas e capacidade em encontrar alternativas para sair da situação em que se encontra, sujeitando-se deste modo, à situação em que vive (Neves & Romanelli, 2006).

Assim, este tipo de violência pode ser entendido como todos aqueles actos ou omissões que são violentos e que são praticados no interior da família (Carvalho, 2007). Nesta

perspectiva a violência doméstica é entendida como um conjunto de condutas abusivas, nomeadamente os maus-tratos físicos, sexuais e psicológicas, manifestado por uma pessoa numa relação íntima que estabelece com outra, sendo esta uma forma de ganhar poder e autoridade (Ballonga et al, 2007).

Este tipo de violência é, então, considerado um fenómeno multidimensional e caracteriza-se por ser um conjunto de atitudes (por exemplo actos, verbalizações, omissões, que são praticados de forma abusiva por um companheiro ao outro (Matos, 2001). Assim, este tipo de violência pode adoptar diversas formas, podendo ser praticada de uma forma mais discreta ou assumir formas mais graves, como as agressões físicas, maus-tratos psicológicos ou emocionais, verbais, sexuais, chegando mesmo a situações extremas, como quando há ocorrência de homicídio (Machado, Matos & Gonçalves, 2008).

Manita (2005) afirma por isso que o fenómeno da violência familiar é bastante complexo, uma vez que decorre nas relações íntimas e deste modo, entre agressor e vítima existe uma enorme proximidade. O agressor habitualmente utiliza diversas estratégias de manipulação e controlo sobre a vítima e a relação próxima que existe entre ambos, constituiu um dos factores que aumenta o risco de agressão física, mas também o impacto da vitimização, uma vez que há sempre a possibilidade de ocorrerem os acontecimentos violentos e diminuir o sentimento de confiança (Machado, Gonçalves & Matos, 2004).

Constata-se também que apesar de a violência ser entre os dois cônjuges, também são observadas consequências para toda a família, sobretudo para os filhos (Carvalho, 2007). Assim, quando ocorre violência nas relações de intimidade, há consequências tanto para o casal, como os restantes elementos da família, são também atingidos. Neste sentido, a dinâmica familiar é alterada nomeadamente, no modo como comunicam e como expressam os seus afectos (Neves, 2007).

A violência na família destrói a estrutura familiar, tanto nas referências afectivas, como também no que remete para o desenvolvimento social e psicológico. A violência doméstica quebra a confiança que é necessária à vida familiar e ainda, perturba todas as relações familiares, verificando-se que é assim um factor destrutivo (Martins et al, 2007). Por isso a violência na família revela-se um acontecimento aversivo e causador de stress na dinâmica familiar, e conseqüentemente origina mudanças no sistema de papéis, nas práticas e no poder (Sani, 2004a).

Na perspectiva de alguns autores, a problemática da violência na família revela-se um paradoxo, uma vez que a família é considerada a base da sociedade e uma fonte de amor humano, mas em certos casos, revela-se a principal geradora de violência. Esta conduta violenta revela uma relação de poder e uma forma de controlo da relação, onde se observa abuso de poder (Gómez et al, 2009).

Para a ocorrência de violência nas famílias contribuem vários factores: individuais, familiares e sociais. Os primeiros dizem respeito a factores biológicos e genéticos, à situação económica, laboral e educacional do indivíduo e ao consumo de drogas e/ou álcool. Relativamente aos factores familiares referem-se a variáveis como o nível sócio – económico da família e à dinâmica familiar, sendo que aqui há a considerar o papel do género e de poder de cada elemento da família. Por último, os aspectos sociais remetem para o modo como a sociedade em que o indivíduo pertence, encara a própria violência (Bahamón, 2005).

A ocorrência de violência doméstica de acordo com vários estudos, continua a ser mais elevada para as mulheres, sofrendo de uma forma mais desproporcionada quando comparada com os homens. Assim, as mulheres têm maior probabilidade de serem vítimas, sobretudo dos seus maridos ou companheiros (Machado et al, 2004).

Da perspectiva da Organização das Nações Unidas a violência contra a mulher, é definida como sendo qualquer acto de violência de género que origine ou possa vir a originar dano ou sofrimento quer seja físico, psicológico ou sexual para a mulher (Miranda, Paula & Bordin, 2010). Os estudos e dados estatísticos revelam que a mulher continua a ser a protagonista no cenário da violência doméstica (Sani, 2008). Este fenómeno pode ter a sua origem em vários factores, destacando-se os de natureza individual (como eg. psicopatologia do agressor), relacional (eg. a violência ser passada de geração em geração), conjectural (eg. separação ou divórcio) ou sociocultural (eg. aspectos sociológicos para a igualdade de género) (Matos, 2002).

As mulheres vítimas de violência doméstica apresentam-se geralmente deprimidas e com baixa auto-estima. São também mulheres submissas, passivas e apresentam isolamento social quer de amigos, quer dos recursos da comunidade e perdem muitas vezes a capacidade de protecção quer para elas, quer para os seus filhos (Zotiis, Algeri & Portella, 2006). De acordo com alguns autores, quando a mulher é vítima de violência doméstica, são expressas dinâmicas de poder por parte do agressor, e conseqüentemente a mulher é submissa e dominada pelo companheiro (Tavares & Pereira, 2007).

Quando a mulher vítima de violência doméstica é também ela mãe, o seu papel assim como as suas funções podem ficar comprometidas, uma vez que o facto de ser vítima afecta a sua capacidade de ser mãe (Edleson, Mbilinyi & Shetty, 2003, cit. por Sani, 2008).

Actualmente também já se observa uma maior preocupação, relativamente aos menores que assistem à violência praticada entre os pais, pois mesmo não estando envolvidos directamente, são igualmente vítimas de violência doméstica (Carvalho, 2007).

A violência para com as crianças e jovens pode ser manifestada de diversas formas, como sendo, pela negligência, o abuso emocional ou psicológico, maltrato físico, abuso sexual, abandono, exploração no trabalho, exercício abusivo da autoridade, entre outros (Magalhães, 2002).

De acordo com vários autores existem quatro tipos de violência (Rosas & Cionek, 2006):

Negligência – vista como qualquer descuido, ausência de ajuda e que coloca a criança em risco, privando –a de cuidados alimentares e de saúde e falta de afecto;

Violência física - quando há o uso da força física, que pode ir desde uma bofetada ao espancamento, pode ser utilizado como uma forma de domínio dos pais sobre os filhos;

Violência Psicológica – considerada uma interferência negativa do adulto para com a criança, podem ser gritos, queixas, palavrões, chantagem de uma forma sistemática e repetitiva e isto pode prejudicar a auto-estima;

Violência sexual – é definida como qualquer jogo sexual entre o adulto e a criança e adolescentes, tendo como fim estimular sexualmente os menores.

Deste modo, os conflitos interparentais podem reflectir-se como uma ameaça para a criança e jovem, e caso interferiam neles, a hostilidade presenciada poderá ser direccionada contra elas (Sani, 1999).

## Consequências da violência doméstica para as crianças

A família é o meio mais imediato para a experiência de risco da infância, o que significa que se há violência doméstica, a criança é ela também uma vítima indirecta (Ballongo et al, 2007).

A violência familiar e os maltratos às crianças podem trazer consequências irreversíveis para o seu desenvolvimento emocional, comportamental e interpessoal (Menard, 2002). Deste modo, as crianças que são expostas à violência conjugal, são muitas vezes vítimas invisíveis e que sofrem em silêncio e pode trazer diversas consequências para o seu desenvolvimento (Fautuzzo, Mohr & Noome, 2000, cit. por Gonçalves & Sani, 2006). Assim, a criança não precisa necessariamente de experienciar directamente as situações de violência, para ser afectada de forma profunda. Na opinião de Sani (1999) desde que a criança viva num ambiente em que testemunhe constantemente estas situações, pode vir a desencadear diversos sintomas considerados desadaptados (Zeanah & Scheeringa, 1997, cit. por Sani, 1999).

Nesta perspectiva Sani (1999) afirma que a criança e o jovem não precisam de experienciar de forma directa a violência, para serem na mesma afectada, o que significa que se viver num ambiente familiar violento, isso poderá desencadear diversos sintomas e terá consequências no seu desenvolvimento. Deste modo, a criança exposta à violência conjugal é aquela que viu e ouviu um incidente de agressão por parte de um dos progenitores ao outro ou vivenciou o seu efeito na interacção com os seus pais (Brancolhone, Fogo & Williams, 2004).

Assim, o facto de uma criança ou jovem ser espectador da violência que ocorre entre os seus pais, é também uma vítima indirecta, e deste modo, é possível dizer que é uma forma de mau trato psicológico (Carvalho, 2007). O impacto da vitimização indirecta apresenta-se como bastante negativo para as crianças e jovens, levando mesmo ao aparecimento de problemas emocionais, comportamentais e cognitivos graves (Neves, 2007).

Entre outros autores Mcgee (2003, cit. por Gonçalves & Sani, 2006). Diversos estudos realizados com crianças que foram testemunhas de violência doméstica, concluem que elas revelam problemas de internalização como o isolamento, a baixa auto-estima, a ansiedade, a depressão e os medos, como também apresentam problemas de externalização, entre os quais se destacam a agressividade, a raiva e delinquência.

Da mesma opinião partilham Smith e Landreth (2003), referindo que as crianças que testemunham episódios de violência doméstica, apresentam problemas tanto

comportamentais, como emocionais, quando comparadas com crianças que não vivem com esta problemática familiar. Esta exposição revela-se um acontecimento marcante, que perturba emocionalmente a criança, seja qual for a sua idade (Sani, 2004a) e que pode também levar à interiorização de um modelo de resolução de conflitos, onde a violência é vista como uma forma de alcançar objectivos pessoais e adquirir poder e controlo sobre os outros (Neves, 2006)

De acordo com Graham - Bermann (1998, cit. por Sani, 2006a) as crianças que estão expostas à violência parental apresentam mais problemas comportamentais, revelam afecto mais negativo, respondendo na maioria das vezes de uma forma desadequada às situações. Mostram ainda relacionamentos ambivalentes com as pessoas que cuidam delas e demonstram mais agressividade para com os pais, quando comparadas com crianças que tem um ambiente familiar que não é violento.

Também Magalhães (2002) enumera algumas das consequências directas da violência nas crianças, como as consequências cognitivas (como um baixo rendimento académico ou défice intelectual); consequências afectivas (por exemplo, níveis baixos de auto-estima, sensações de medo e de raiva, ideação suicida); consequências comportamentais (isolamento, agressividade, sentimentos de culpabilidade, entre outras); e por último, consequências de carácter psiquiátrico (como por exemplo, a presença de depressões ou neuroses).

As crianças vítimas de violência familiar revelam diversas vulnerabilidades quer seja a curto, médio ou longo prazo e que podem originar reacções tanto externas como internas. As primeiras remetem por exemplo para dificuldades de atenção ou comportamentos agressivos, enquanto as segundas reflectem-se na baixa auto-estima ou estados depressivos (Sani, 2006a).

Outros autores constataram também que a violência familiar ocorrida durante a primeira infância da criança, pode constituir-se como um factor que está fortemente associado a comportamentos agressivos na adolescência e na fase adulta (Piedrahita, Martínez & Vinazco, 2007). Relativamente aos jovens vítimas de violência doméstica, existem estudos realizados que demonstram que estes apresentam vínculos afectivos inseguros, exibem comportamentos mais agressivos e são menos tolerantes à frustração na relação com os seus pais (Venturini, Bazon & Alves, 2004).

Neste sentido Heyman e Slep (2002, cit. por Sani, 2006a) concluíram no seu estudo que tinha como objectivo compreender o ciclo de violência, que a exposição à violência

familiar, aumenta o risco de as crianças e os adolescentes, apresentarem na fase adulta perpetuação do abuso infantil, de violência sobre o companheiro e vitimação do próprio.

Apesar de poucos serem os estudos longitudinais relativamente às consequências a longo prazo das crianças e jovens vítimas de violência doméstica e evidências empíricas que remetem para o predomínio de desordens psiquiátricas, nomeadamente depressão, baixa auto-estima, consumo de substâncias sintomatologia traumática, ajustamento social e dificuldades emocionais, na fase adulta (Mcneal & Amato; 1998; Carlson, 2000, cit. por Coutinho & Sani, 2008b). Outros estudos longitudinais concluíram que a exposição à violência familiar, pode conduzir a problemas a longo prazo, destacando-se por exemplo, problemas de saúde mental, ofensas criminais e abuso de substâncias (Fergusson e Horwood, 1998, cit. por Sani, 2006a)

Em resumo e de acordo com vários autores nomeadamente Rodrigues (2008, cit. por Coutinho & Sani, 2008b), ser testemunha de violência familiar, de forma continuada, origina nas crianças e jovens uma vulnerabilidade tanto física como emocional, uma que vez que o facto delas assistirem a situações violentas e agressivas, imprevisíveis e traumáticas, vai ter interferência no seu desenvolvimento, não possibilitando que este seja normativo.

#### Factores mediadores do impacto da violência interparental:

Na perspectiva de Sani (1999) existem alguns factores que podem funcionar como protectores para as respostas e reacções dadas pelas crianças. Assim, a autora enumera três grupos de factores de protecção que são: suporte dentro do sistema familiar (irmãos ou uma das figuras parentais); suporte fora do sistema familiar e atributos e características da própria criança.

Outros estudos referem outras variáveis, que funcionam como mediadoras e que contribuem para esclarecer a relação entre o ajustamento da criança e conflito conjugal. Destas variáveis, é possível destacar as características individuais e situacionais - contextuais (Hughes & Graham-Bermann, 1998, cit. por Sani, 2006 b).

As características individuais das crianças podem constituir-se como factores de protecção ou de vulnerabilidade, que podem respectivamente diminuir ou aumentar o risco associado à exposição de violência (Sani, 2006b).

Também Alberto (2004) refere que as diferenças individuais nas crianças são consideradas um dos factores de vulnerabilidade ou de protecção, podendo potenciar ou reduzir, quando são expostas às situações de violência doméstica, assim estas parecem ser um dos factores essenciais, porque delas depende o modo como as crianças lidam com as situações de violência e no modo como as interioriza (Martins, 2005).

Estas características são: o género, a idade e maturidade, aspectos étnicos e culturais, atributos da criança como o temperamento e estilo cognitivo, as percepções e as interpretações das crianças e estratégias de *coping* (Hughes & Luke, 1998; Hughes & Graham-Bermann, 1998, cit. por Sani, 2006b).

Relativamente ao género, os estudos realizados por Cummings e Davis (1994, cit. por Sani, 1999) revelam que os rapazes têm tendência para serem mais agressivos e a externalizar os seus comportamentos, enquanto as raparigas, apresentam-se mais ansiosas e os seus comportamentos são mais internalizados.

Outros autores referem também os rapazes apresentam mais tendência para sofrerem de agressões físicas e demonstram mais problemas de exteriorização do que as raparigas e acrescentam ainda que os rapazes tendem a revelar comportamentos agressivos em idade escolar, enquanto as raparigas podem apresentar estes mesmos comportamentos, mas já na fase da adolescência (Rossman, et al, 2000, cit. por Sani, 2003).

A idade também é identificada como uma característica individual, sendo referido que nas crianças que apresentam poucos anos de vida, os danos causados são elevados, sobretudo no que se refere ao seu desenvolvimento (Brazelton & Greenspan, 2001, cit. por Martins, 2005). Na perspectiva de Cunningham & Baker (2007, cit. por Coutinho & Sani, 2008b), de acordo com a idade que a vítima apresenta (criança ou adolescente), assim a violência interparental terá um possível impacto. Deste modo, os autores referem que para as crianças em idade escolar há um aumento da consciência do impacto da violência tanto em si como em si, a violência começa a ser racionalizada (eg. mitos do abuso) e começa a surgir dificuldades de aprendizagem devidas ao impacto da violência (eg. falta de concentração). Também a aprendizagem de papéis de género está associada ao abuso (eg. os homens são agressores e as mulheres são vítimas) e a agressão pode ser utilizada como forma de interacção, aumentado assim, o risco de *bullyig* e/ou de vitimização.

Outros autores, nomeadamente Jenkins e Buccioni (2000m cit. por Sani, 2003), mencionam também que a criança a partir dos seis anos já apresenta uma maior sensibilidade para resolver os conflitos, assim como já é capaz de se envolver e de intervir directamente nas discussões entre os pais, dizendo por exemplo a estes para pararem.

Já as crianças mais velhas e adolescentes apresentam uma forma diferente de lidar com a violência entre os pais, mostrando-se mais reservadas. Observa-se que por um lado, tendem a guardar segredo da situação familiar e por outro negam por vezes, que ocorram episódios de violência (Sani, 2003).

No período da adolescência determinadas competências sociais como a comunicação e negociação podem ficar comprometidas e conseqüentemente, a passagem na adolescência pode tornar-se mais difícil. Os adolescentes podem assumir uma posição face aos episódios na família, ou sejam, eles próprios intervir directamente na violência e imporem-se através da intimidação física ou da agressão. Mas por outro lado, podem revelar vergonha perante os pares devido à situação vivenciada no ambiente familiar, passando assim pouco tempo em casa e utilizam estratégias de *coping* desadequadas.

Apresentam também dificuldade em estabelecer relações saudáveis e o risco de se envolverem em relacionamentos abusivos é mais elevado, quando comparados com adolescentes que não vivam um ambiente familiar onde ocorre violência (Cunningham & Baker (2007, cit. por Coutinho & Sani, 2008b).

Constata-se ainda que os adolescentes tendem a revelar agressividade, como forma de resolverem os problemas, exibem uma ansiedade elevada, utilizam a manipulação dentro do sistema familiar e outras vezes projectam a culpa nos outros (Sani, 2003).

Relativamente a estes aspectos não são muito observados muitos estudos (Rossman et al, 2000, cit. por Sani, 2003), no entanto, em muitas culturas ainda permanecem crenças, normas e até instituições sociais que legitimam a violência, mantendo-a de geração em geração. A explicação para este facto, provém muitas vezes de determinadas normas sociais que definem os papéis e responsabilidades dos pais perante os filhos, baseada na violência física, em que por exemplo, bater é visto como algo comum e que faz parte das práticas parentais (Silva et. al, 2009).

Outros autores referem também que em determinadas sociedades são preservados certos valores culturais e que estes podem funcionar como proporcionadores e mantêm assim a violência (Rossman et al, 2000, cit. por Sani, 2006b).

Também o temperamento da criança aparece como uma das características que funciona como mediadora, sendo referenciado que as crianças que apresentam temperamento difícil são por um lado, menos sensíveis a eventos positivos e por outro, mais reactivas a acontecimentos negativos. No limite a criança com temperamento difícil pode agravar o conflito parental e deste modo, aumenta a insegurança emocional, assim como podem surgir outros problemas (Davies & Cummings, 1994, cit. por Rocha, 2007). A criança tem também a capacidade de interpretar pistas específicas que a alertam para a presença de um evento desagradável, dando assim origem a respostas afectivas e apreciações cognitivas (Grych & Fincham, 1990, cit. por Sani, 2006b).

A percepção do controlo face aos episódios de violência familiar, podem ser um factor mediador no impacto, uma vez que as crianças que apresentam um maior controlo interno sobre os eventos revelam uma maior adaptação, quando comparadas com as crianças que não mostram este mesmo controlo (Rutter, 1996, cit. por Sani, 2006b).

A percepção da culpa também revela ser um factor mediador importante para o ajustamento da criança à violência interparental, assim como a percepção de ameaça extrema pode contribuir para mediar uma reacção que seja intensa e minimizar os efeitos negativos no desenvolvimento da criança a longo prazo (Griych, 2000, cit. por Sani, 2006b).

No que se refere às estratégias de *coping*, a violência conjugal tem influência nos processos emocionais e cognitivos das crianças, conduzindo a ineficácia destas estratégias. Assim, as crianças que são vítimas directas ou indirectas deste tipo de violência têm, habitualmente um conjunto de estratégias reduzido, quando comparadas com crianças que vivem num bom ambiente familiar (Lisboa et al, 2002).

Relativamente às características situacionais – contextuais remetem para dois tipos de variáveis: variáveis situacionais que reportam directamente com a criança, como sejam a sua experiência passada com a violência ou suporte social, tal como referem nos seus estudos Hughes e Graham-Bermann (1998, cit. por Sani, 2006b).

Estes autores afirmam que as variáveis contextuais, referem-se à relação entre os pais e o conflito existente entre estes, tendo em conta aspectos como local e frequência dos episódios de violência, ou o modo como resolvem o próprio conflito (Hughes & Graham-Bermann, 1998, cit. por Sani, 2006b).

É de salientar que existem estudos (Rogers & Holmbeck, 1997) que indicam, que duas das variáveis contextuais a considerar são a intensidade e a frequência do conflito. Os resultados apontam para quando existe elevada intensidade e frequência dos conflitos, estes estão ligados a uma elevada intensidade de condutas externalizadas ao nível do comportamento e da depressão apresentada pelas crianças.

Destas variáveis destacam-se a experiência passada da criança e o suporte social. A primeira, refere que a exposição prolongada de episódios de violência doméstica, leva a que as crianças apresentem um maior nível de stress quando têm que enfrentar novas situações de conflito, quando são comparadas com outras crianças que nunca estiveram expostas a situações de violência (Sani, 2006b).

Relativamente ao suporte social é definido como a existência ou disponibilidade de pessoas em quem um indivíduo confia e que estas mesmas pessoas revelam preocupação, valorizam e gostam desse mesmo indivíduo (Sarason, 1983, cit. por Ribeiro, 1999). Assim, o suporte social apresenta-se como uma das variáveis de extrema importância, nomeadamente o suporte dentro da família, tendo por isso um papel muito importante ao nível da prevenção dos efeitos negativos à exposição da violência doméstica (Sani, 2006b).

A percepção que a criança tem do seu suporte, pode encontrar-se dentro ou fora do sistema familiar, tornando-se este um factor de protecção, quando se trata de crianças que estão expostas à violência familiar (Jenkins & Smith, 1990, cit. por Sani, 2006b).

A rede social pode ser também um factor de mediação da violência, porque permite a construção da identidade do indivíduo, uma vez que permite que este crie laços e relações com outros elementos da família, assim como com outras pessoas que podem ser significativas na sua vida (Ramírez, 2008). Contudo, as famílias que vivem num ambiente familiar violento têm tendência para o isolamento social, possivelmente pelo sentimento de vergonha que a própria situação origina ou até pelo preconceito dos outros face à problemática. Também no interior da família, o silêncio é imperativo e decorre de vários aspectos, como o medo e a impossibilidade de encontrarem uma solução (Zuma, 2004).

Zuma (2004) refere também que as redes, familiar e comunitária são as que estão mais próximas dos indivíduos e são nelas que estes vão procurar primeiramente apoio e protecção, sendo estas que também testemunham as situações de violência.

Assim, o suporte social apresenta-se como uma das variáveis de extrema importância, sobretudo o suporte dentro da família, tendo por isso um papel muito importante ao nível da prevenção dos efeitos negativos à exposição da violência doméstica (Sani, 2006b).

#### Redes sociais:

Tal como foi referido anteriormente a rede social pode constituir-se como factor de mediador de violência (Ramírez, 2008). A rede social engloba as relações que o indivíduo estabelece desde os grupos informais, como por exemplo, família e grupo de amigos, aos grupos formais como seja os grupos políticos ou sociais (Grossi, Partala & Kaminski, 2004).

Portanto, a família revela-se um agente socializador de extrema importância e é a partir dele que, quer crianças quer adolescentes, desenvolvem outras interacções, aumentando a sua rede social para outros grupos sociais, como a escola, os amigos e a comunidade, passando estes a serem também fontes de apoio (Brito & Koller, 1999, cit. por Costa, 2009).

Assim, a família é vista como a primeira rede de apoio social, uma vez que é nela que são formados os primeiros vínculos, assim como é onde a criança desenvolve os primeiros laços afectivos e aprende a relacionar-se com o mundo (Costa, 2009).

Deste modo, para a criança a rede social de apoio mais próxima é a família e neste sentido, o contexto familiar é visto como um factor importante de protecção, uma vez que permitem à criança manter a sua estabilidade e responder de forma adequada às mudanças (Dell'Aglio, 2000).

Actualmente o estudo das redes sociais tem-se tornado uma nova forma de explicar a causalidade de vários fenómenos sociais e talvez por este motivo, tem assumido uma elevada importância. O seu estudo tem sido também bastante válido para a compreensão dos indivíduos e de diversas problemáticas relacionadas com a saúde física e mental (Galván, Serna & Hernández, 2008).

A rede social pode então ser definida como a interface entre, o sujeito e o sistema social, onde ele está integrado e proporciona meios para que cada indivíduo percepcione o seu mundo e consiga orientar-se nele (Brito e Koller, 1999, cit. por Couto et al, 2008).

Nas redes sociais existem transformações temporais, núcleos de tensão, relações forte de proximidade e interconexão, elementos isolados, sub -sistemas relacionais que estão mais ou menos delineados, vínculos periféricos, histórias que podem bloqueadoras ou promotoras de apoio e de crescimento (inter) pessoais (Alarcão & Sousa, 2007).

Segundo as autoras Alarcão e Sousa (2007), a rede social é constituída por uma rede de pessoas, que estabelecem entre si ligações específicas, com um significado mútuo, encontrado no quadro social. Deste modo, a rede social é vista como um instrumento de suporte e um sistema de comunicação, que através de canais (que podem ou não estar instituídos) de trocas e de comunicação encontradas numa sociedade.

As redes sociais podem ser colocadas em três categorias de acordo com o ponto de vista da ancoragem. Assim, quando este ponto não é especificado, a designação de rede social é utilizada apenas como uma forma de expressão e utilizada de um modo abstracto, envolvendo todas as ligações possíveis entre um grupo. No entanto, se o ponto de ancoragem já remete para a pessoa, então refere-se às redes pessoais. Aqui já são incluídos os indivíduos que se relacionam entre si, através de uma identidade comum. Por último, quando o ponto focal é a família, designa-se por rede familiar, definida por sua vez, pelas relações que são estabelecidas pelos elementos de uma mesma família (Erickson, 1975; Atteneave, 1976; Collins & Pancoast, 1976, cit. por Alarcão & Sousa, 2007).

Existem duas dimensões da rede de apoio social que devem ser tidas em conta, que são a estrutura e a função. A primeira remete para as múltiplas relações que o indivíduo identifica, ou seja, são aquelas pessoas que o sujeito sente que pode contar. Relativamente à segunda dimensão referida, a função refere-se à satisfação e a ausência de conflitos existentes nas relações e a qualidade das mesmas. Estas duas dimensões podem funcionar tanto como factores de risco, como factores de protecção para o desenvolvimento e qualidade de vida das pessoas (Zuma, 2004).

Na perspectiva de Cochran e Brassard (1979, cit. por Serrano & Bento, 2004) as redes de apoio apresentam três grandes características, que são:

*Características relacionais* que envolvem o conteúdo da relação entre duas ou mais pessoas (que se referem à troca de bens e serviços, ao nível emocional, recreativo ou de informação), a direccionalidade da relação que investiga a sua capacidade de influência, assim como a intensidade e reciprocidade, ou seja, depende da motivação dos membros da rede social para existirem trocas que seja no âmbito do auxílio, quer seja quando é prestada a ajuda pedida;

*Características estruturais* que incluem aspectos como o inter - relacionamento dos membros que constituem a rede e também a dimensão desta;

*Características de localização no espaço e no tempo* da rede que inclui a proximidade geográfica e a continuidade dos seus membros.

Para a construção de uma rede pode utilizar-se aquilo que Sluzki (1997, cit. por More, 2005) designou de mapa da rede. Segundo este autor, este mapa é onde estão representadas as pessoas significativas no meio familiar, profissional, nas amizades ou vizinhas ou até das instituições que o sujeito tem acesso. Deste modo, o mapa de rede social permite encontrar as pessoas que são significativas para um indivíduo e as relações que são estabelecidas, quer no contexto familiar, quer no contexto social.

É ainda de salientar que de acordo com Zuma (2004), se uma pessoa tem uma percepção mais satisfatória da sua rede de apoio social, mais forte serão os seus os sentimentos de satisfação relativos à sua vida.

Neste sentido, o apoio social define-se como a ajuda e a assistência dada a vários níveis como emocional, psicológico, informativo, instrumental ou material e associativo que é prestado pelos membros que constituem as redes de apoio social e que influenciam de forma positiva a saúde e o bem-estar (Serrano & Bento, 2004).

O apoio social pode ser atribuído tanto por redes informais (como são, os familiares, amigos, vizinhos, ou grupos sociais), como formais (como por exemplo, instituições, entidades civis, entre outras) (Dunst, 1995, cit. por Serrano & Bento, 2004).

Também Zuma (2004), refere que o mapa social surge como uma forma de desenhar a partir da identificação de uma determinada situação, todos os actores que estão envolvidos nela. Assim, o mapa de rede é uma *gestalt* do grupo de pessoas que um indivíduo considera

como significativas. Com estas pessoas são estabelecidas relações com diferente vínculo afectivo (Alarcão & Sousa, 2007).

Na perspectiva de Dell’Aglío (2000) a rede de apoio social revela-se um factor essencial e necessário ao desenvolvimento da criança, sobretudo no que remete para os níveis de adaptação a situações de *stress* e de distúrbios físicos e emocionais. Assim, para esta autora, a rede social de apoio é constituída por todos os recursos sociais disponíveis ao indivíduo, incluindo deste modo, a família, a escola, instituições com as quais tem contacto e existem na comunidade, entre outros.

### Modelos explicativos

As investigações realizadas sobre a temática da violência doméstica têm permitido o aparecimento de diversas hipóteses e teorias explicativas (Sani, 2004b) para este fenómeno. No entanto, neste estudo apenas será focado o modelo ecológico.

Hipótese do Ciclo de Violência: a ideia central é a de que “violência gera violência”, ou seja, o facto de um indivíduo estar inserido num contexto familiar violento, tem maior probabilidade de desenvolver esse padrão e apresentar comportamentos idênticos, assim como experienciar um relacionamento conjugal violento e agressivo (Feldman, 1993, cit. por Sani, 2004b). Esta hipótese explicativa assenta assim, na ideia da transmissão intergeracional da violência, fundamentada por diversos estudos empíricos (Widom, 1989, cit. por Sani, 2004b).

Também de acordo com Fonseca et. al (2003), a perspectiva do ciclo de violência aponta para o facto de os padrões de violência familiar se auto-sustentarem, ou seja, após a ocorrência de um período de violência familiar, sucede um período de “lua-de-mel”, que perdura até ao momento em que ocorre outra fase de violência, reiniciando-se deste modo, o ciclo de violência.

Modelo Narrativo de re - autoria : evidencia o modo como a violência é alimentada pelos discursos sociais que por sua vez, tem o seu suporte no domínio masculino (como por exemplo do ponto de vista simbólico ou material) (Matos, 2001).

O processo de re – autoria define-se como o processo de recriação, a partir do momento em que as vítimas se conseguem distanciar das narrativas problemáticas de

desqualificação, que as impediam de viver as suas preferências. Através deste processo é possível, surgirem novos significados para a sua identidade, permitindo à vítima re- apropriar a experiência passada a partir de outros aspectos e ainda possibilita reestruturar o presente no sentido de autoria (Matos, 2001).

Deste modo, este modelo apoia a identidade enquanto processo, permitindo simultaneamente a emergência e a consolidação de novas formas de identidade (White, 1993, cit. por Matos, 2001).

Modelo de Intervenção na Crise: este modelo é baseado nas abordagens propostas pelas teorias feministas, que surgiram nos anos setenta e pela teoria do trauma. A intervenção na crise abarca diversas estratégias, vindas sobretudo das teorias cognitivo - comportamentais (Hoff, 1995, cit. por Matos, 2001).

Os princípios orientadores deste modelo são: 1) limitação dos objectivos; 2) a focalização dos esforços terapêuticos; 3) a elevada actividade do terapeuta (por exemplo, o contacto intenso e frequente) e 4) uma intervenção imediata (Prats, 1988, cit. por Matos & Machado, 1999).

De acordo com Hoff (1995, cit. por Matos & Machado, 1999) este modelo permite a vítima, estabelecer novos objectivos de futuro e a formular um plano alternativo para a sua vida. Assim, o objectivo do plano é dirigido ao problema, é limitado e concreto, podendo ser negociável e consistente.

O objectivo último deste processo é o *empowerment* da vítimas, para que futuramente saibam e consigam dar resposta a estas situações de vida, de um modo mais positivo e auto-valorizado (Webb, 1992, cit. por Matos & Machado, 1999).

A intervenção com vítimas de violência doméstica, baseada neste modo permite ajudar as vítimas na identificação, análise a alteração de crenças possivelmente erradas, que por sua vez, têm impacto na como estas se sentem e respondem aos maus-tratos (Hoff, 1995, cit. por Matos & Machado, 1999).

Modelo Ecológico – este modelo proposto por Bronfenbrenner (1998) organizado em rede e no qual existe um círculo interior que corresponde à família designado por

*microsistema*, um círculo intermédio que remete para a rede social pessoal e definido como *mesosistema* e por último, um círculo externo equivalente à sociedade e que inclui os valores sociais, culturais, poder político e económico e que é classificado como *macrosistema*. Cada um dos sistemas apresenta a sua própria dinâmica, no entanto, são independentes entre si (Sluzki, 1998, cit. por Ramírez, 2008).

Apesar de este não ser um modelo específico de violência intrafamiliar, sugere que haja seja interactivo, uma vez que propõe que o individuo se relacione com os contextos onde o indivíduo se relaciona. Neste sentido, este modelo também a interacção dos vários sistemas em torno da rede social, onde cada pessoa constrói a sua identidade enquanto indivíduo (Ramírez, 2008).

Neste modelo (Bronfenbrenner, 1996,) as redes sociais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento humano, uma vez que permite ao sujeito participar em diversos ambientes sociais, com características culturais distintas.

Este modelo, designado por Modelo Ecológico tem por base compreender a interacção entre a pessoa e o seu meio ambiente, reflectindo as interacções que fazem a mediação e são mediadas pelos sistemas compreendidos como ambiente ecológico (Bronfenbreener, 2005)

Neste modelo é possível encontrar a rede de apoio no sistema *mesosistema*, onde convergem vários microsistemas, como a família, escola, pares e a própria comunidade (Brito & Koller, 1999, cit. Costa, 2005). Enquanto a família é vista como uma unidade funcional, ou seja, como um *microsistema*. Aqui as relações são estáveis, mútuas e os diversos papéis encontram-se em equilíbrio. Assim, este é o primeiro sistema, que permite ao sujeito interagir e adquirir um conjunto de papéis, de relações e de actividades, que por sua vez estão associados a determinados comportamentos e expectativas esperados e adequados à sociedade em que está inserido (Bronfenbrenner, 1996)

De acordo com a revisão de literatura, o presente estudo apresenta como objectivos gerais conhecer quais as percepções que as vítimas tem da violência familiar e qual a sua influência desta, nas suas vida, assim como identificar quais as redes de apoio social das famílias participantes.

Na perspectiva de Koller (2000, cit. por Neves & Romanelli, 2006), a cena da violência doméstica apresenta-se no enredo familiar, de três formas: como vítima, actor e/ou testemunha. Este estudo pretende analisar a violência doméstica, segundo o ponto de vista das vítimas, ou seja, quer das mães quer dos filhos das famílias, onde o agressor era o pai.

Relativamente à rede social pessoal e de acordo com Sluzki (1994, cit. por Zuma, 2004) traduz-se no somatório de todas as relações que uma pessoa percebe como significativas e que por isso, se diferenciam de todas as que são anónimas. As relações sociais pessoais, são assim as relações privilegiadas e que permitem a construção da identidade e da auto-imagem de cada indivíduo.

Neste sentido, pretendeu-se neste estudo analisar a percepção relativamente à experiência de violência doméstica, segundo o ponto de vista das vítimas, ou seja dos filhos e das mães, em famílias onde o agressor foi o pai. Também se quer compreender qual a percepção das vítimas, relativamente à sua rede de apoio social

Deste modo, este estudo tenta responder aos seguintes objectivos específicos:

- Identificar a percepção dos filhos face às discussões existentes entre os pais
- Identificar quais os sentimentos dos filhos e das mães face à existência das discussões existentes.
- Reconhecer os motivos que levarão à decisão de sair de casa.
- Identificar os sentimentos de todos os elementos do agregado familiar, com o fim da violência doméstica.
- Compreender a percepção dos menores sobre quem é o agressor.
- Compreender a relação estabelecida entre os filhos e o pai e entre as mães e o pai.
- Identificar e compreender quais as consequências para os filhos que testemunharam episódios de violência doméstica.
- Identificar a rede social de cada participante, vítima de violência doméstica.

## Método

### Participantes

O facto de muitas investigações realizadas sobre a experiências de violência domésticas nas crianças, ser baseada em fontes indirectas de informação, nomeadamente a análise de informações e as percepções da mãe vitimizada, não fornecem a real experiência da criança e podem assim não revelar a sua verdadeira experiência interna ( Coutinho & Sani, 2008b). Neste sentido, é muito pertinente analisar as experiências das vítimas, tanto adultos, como crianças.

Deste modo, a amostra deste estudo é constituída por quatro famílias que experienciaram situações de violência doméstica, em que o agressor foi o companheiro/marido e pai e em que este já não reside com a restante família. As crianças destas famílias, foram vítimas indirectas, o que significa que assistiram aos acontecimentos de violência entre os pais.

Foi ainda realizada uma entrevista, a uma quinta família, no entanto, a participante encontrava-se recentemente (apenas há duas semanas) a residir numa casa de abrigo para vítimas de violência doméstica. Neste sentido e visto ser uma saída recente, não foi considerada neste estudo a sua entrevista, uma vez que a ainda revelava bastante instabilidade e confusa com a situação pela qual está a viver.

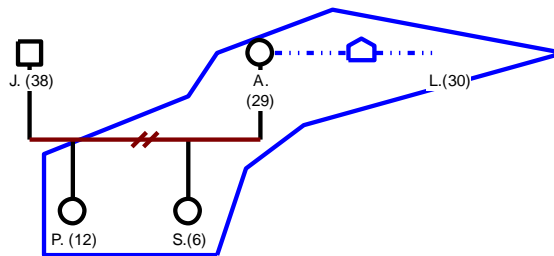
As quatro famílias deste estudo são acompanhadas por quatro instituições diferentes do distrito de Lisboa.

Apenas nas Famílias A. e V. foram recolhidas as entrevistas e o mapa de rede social da família (mãe e filhos). Nas famílias F. e M. apenas se recolheu as entrevistas da mãe e o mapa de rede social, pelo facto de na primeira família a filha se recusar a falar e na segunda família a criança apenas ter dois anos de idade. Contudo, estas duas mães revelaram interesse em participar nesta investigação.

## Caracterização dos Participantes

### Família A.

#### GENOGRAMA



A Família A é constituída pela A, pelas duas filhas P. e S. e pelo L., actual companheiro da mãe, com que vive em união de facto há cerca de dois anos.

A participante A. é uma jovem adulta de vinte e nove anos, reside nos arredores de Lisboa, encontra-se desempregada há cerca de dois anos, mas está a terminar um curso profissional com equivalência ao 12º ano de escolaridade. Tem duas filhas, a P. com doze anos e a S. com seis anos de idade. Ambas frequentam uma escola do primeiro ciclo na localidade onde residem, sendo que a P. já ficou retida três vezes em anos anteriores, devido a dificuldades de aprendizagem, de acordo com a avaliação psicológica realizada pela psicóloga que a acompanha.

A A. casou-se com o J. quando tinha apenas quinze anos, porque segundo ela foi uma forma de se libertar da família, onde também existia violência doméstica durante vários anos, sendo o seu pai agressor. Refere que os primeiros anos de casamento o ex-marido não era agressivo fisicamente, mas afirma que ao nível psicológico já existiam alguns sinais, nomeadamente a desvalorização, o controlo e a pouca liberdade de sair de casa. Menciona ainda que estiveram quase dois anos a residir na habitação dos sogros e que estes também exerciam algum controlo sobre si. Ao fim deste tempo foram residir para habitação própria e foi assim que começou a ter alguma liberdade, sobretudo porque insistiu em começar a trabalhar, de forma a conseguir assegurar algumas das despesas e a tornar-se mais autónoma.

A participante afirma que as agressões físicas começaram pouco tempo depois de a filha P. ter nascido e que esta desde cedo assistiu a estes episódios. O pai nunca agrediu directamente nenhuma das filhas, apesar de ter agredido a mãe várias vezes à frente delas. A A. saiu algumas vezes de casa após episódios de violência, mas acabava por regressar referindo que, por um lado porque gostava do J. e porque este depois das suas saídas ia buscá-la, prometendo que ia mudar o seu por comportamento. Por outro lado, segundo ela, não tinha para onde ir, apesar de a sua mãe a receber temporariamente em sua casa, afirmava-lhe sempre que ela teria de arranjar outro sítio e nesta altura refere que não tinha recursos económicos suficientes para subsistir.

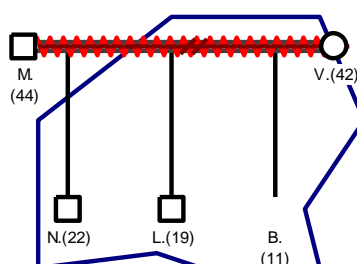
A saída definitiva de casa ocorreu há cerca de três anos e foi desencadeada por um dos episódios mais graves de violência. O J. fechou a porta do quarto, amarrou-a à cama e agrediu-a tanto física como sexualmente, sendo a filha P. que ouvindo os gritos saltou da janela e foi pedir ajuda a uma vizinha, que por sua vez chamou a polícia e o INEM. Foi deste modo, que pôs termo à situação de violência doméstica e deu início ao processo de separação e divórcio. Ao fim de alguns meses conheceu o L., com quem vive em união de facto há aproximadamente dois anos.

Actualmente a A. têm contactos esporádicos com o ex-companheiro, habitualmente são telefónicos e remetem para assuntos relacionados com as filhas. Estas, por sua vez, pontualmente, vão passar os fins-de-semana à casa do pai. Também poucas são as vezes, que falam telefonicamente com ele, sendo que a maior parte das vezes são elas que têm essa iniciativa.

A A. é acompanhada em psicologia há cerca de um mês, procurou esta ajuda na sequência das dificuldades que têm sentido em lidar com a filha mais velha. Esta por sua vez é também acompanhada há cerca de um ano.

### **Família V.**

#### GENOGRAMA



A Família V. é constituída pela V. e por três filhos. Esta participante é de origem angolana, está em Portugal há treze anos, nunca mais regressou ao país de origem e actualmente reside nos arredores de Lisboa. Desde que se encontra em Portugal, trabalhou como empregada de limpezas e como operadora de supermercado, mas há cerca de dois meses que se encontra de baixa médica, devido a problemas de saúde.

Tem quarenta e dois anos de idade e foi casada durante vinte e um anos com o M. e encontra-se divorciada dele há cerca de dois anos, altura em que ele saiu de casa por ordem do Tribunal, terminando assim os episódios de violência doméstica.

O casal teve três filhos, o N. com vinte e dois anos, o L. com dezanove e o B. com onze anos de idade. Este último filho nasceu em Portugal e é o único que mantêm contacto directo com o pai, uma vez que por ordem do Tribunal ficou estipulado visitas quinzenais (aos fins de semana e onde o menor pernoita) e duas vezes por semana está com o pai ao final da tarde. No entanto, de acordo com a V., o filho B. não gosta destas visitas feitas ao pai.

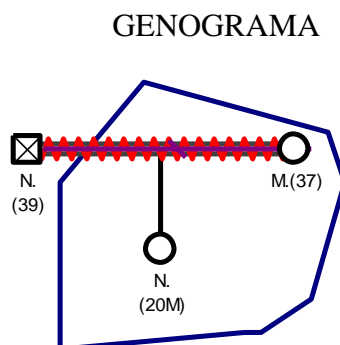
A participante refere que os episódios de violência doméstica surgiram pouco meses depois de ela chegar a Portugal e são descritos por si como tendo sido bastante agressivos, tanto psicológicos, como físicos. Acredita que esta agressividade do ex-marido começou porque ele queria que ela ficasse em Angola, no entanto, ela insistiu uma vez que estava casada e como esposa tinha que ficar ao pé dele. Quando teve o terceiro filho, o ex-marido não quis assumi-lo, alegando que ele não era seu, mas acabou por reconhecê-lo.

O M. nunca agrediu fisicamente os filhos, mas privava-os de certas coisas como bens alimentares necessários, assim como nunca se revelou um pai afectuoso e preocupado. Por outro lado, assim que a V. começou a trabalhar, ele ficou vários meses com o seu ordenado, no entanto, não assegurava as despesas da casa. Segundo ela, o agressor foi sempre um pai ausente e pouco afectuoso, virado apenas os seus interesses próprios (como por exemplo viajar e terminar o curso superior).

Apesar de todo o contexto familiar, a participante afirma ainda que não teria se divorciado, se essa não fosse a vontade dele, referindo que o divórcio é mal visto na sua cultura e religião e como esposa teria que ficar com ele até ao fim da vida, apesar de também dizer que era difícil lidar com todo o sofrimento que ele lhe causou. Refere ainda que sobretudo no último ano, já se defendia, ou seja, mesmo que ele a agredisse, também ele “apanhava”.

Tanto a V. como nenhum dos filhos foi acompanhado em consultas de psicologia. Segundo ela, foi por opção, apesar de assumir que talvez fosse importante este acompanhamento tanto para si como para os dois filhos mais novos, contudo, parece refugiar-se na religião.

### **Família M.**



A Família M. é constituída pela M. e pela filha N. A participante reside nos arredores de Santarém, tem trinta e sete anos e tem a filha N. com 20 meses de idade. Viveu em união de facto com o ex- companheiro, o R. durante três anos, mas separou-se quando estava grávida de sete semanas.

A sua família de origem era constituída pelos pais e mais três irmãos, sendo ela a segunda filha mais velha. Refere que na sua família sempre houve violência doméstica, sendo o pai bastante agressivo para a mãe, por este motivo começou a trabalhar cedo e aos vinte e três anos foi viver sozinha, conseguindo deste modo ser autónoma. Aos trinta e dois anos conheceu o ex- companheiro, namoraram cerca de três meses e passado este tempo começaram a viver em união de facto, nos arredores de Lisboa, deixando assim o emprego e a proximidade com a família, sobretudo do irmão mais novo, que para si é como um filho.

De acordo com a M. ao fim de algum tempo de estarem juntos, começou a tentar engravidar, mas ambos apresentavam dificuldades e por esta razão começaram a fazer tratamentos de fertilidade, engravidando ao fim de dois anos de relacionamento.

Às sete semanas de gravidez saiu de casa devido às situações de violência que já estava a sofrer, foi internada no hospital e ao fim de algumas semanas regressou à casa da mãe. Desde o dia em que saiu não voltou a ter contacto directo com o ex-companheiro e este

também nunca a contactou, nem após o nascimento da filha. Há cerca de três meses o R. cometeu suicídio.

Relativamente à situação de violência, a participante identifica alguns episódios sobretudo de violência psicológica, em que o R. a desvalorizava sobretudo na sequência da primeira vez que ela perdeu o emprego. Posteriormente, os motivos poderiam ser outros, agravando-se com o facto de não conseguir engravidar e de terem que recorrer a tratamentos médicos. Admite também que pontualmente aconteciam alguns episódios de violência física, como por exemplo empurrões, no entanto, minimiza estes acontecimentos. No entanto, descreve o R. como sendo “um príncipe”, sempre bem disposto e alegre, sobretudo nos primeiros tempos de casamento, recordando esta altura como um período de enorme felicidade.

É de salientar que ambos eram oriundos de famílias onde existia violência doméstica (sendo o pai o agressor). Assim, situa a mudança do comportamento do ex-companheiro, a partir do momento da separação dos seus pais, nomeadamente quando o pai do R. o subornou, para testemunhar contra a mãe. Ele aceitou e que a partir daqui nunca mais voltou a ser a mesma pessoa, aumentando assim a sua agressividade e apresentando comportamentos desadequados.

A M. afirma ainda que a sua decisão de sair de casa aconteceu no dia em que o ex-companheiro, comprou-lhe um frasco de remédio para ratos e insinuou que ela os deveria tomar e caso não o fizesse, mais cedo ou mais tarde morreria. Na sequência deste episódio, declara que ficou bastante assustada e com medo, sentindo que naquele momento a única forma de viver e manter a gravidez, seria sair de casa, acabando por fazê-lo. Após a saída de casa, foi internada no hospital, onde se manteve por motivos sociais uma vez que não tinha para onde ir. Esteve algumas semanas em casa de uma cunhada, acabando por regressar ao hospital por uns dias e a única solução foi voltar para a casa da mãe, no entanto, mostrou-se bastante contrariada com a presença da filha. A participante refere ainda que a sua mãe só começou a mudar de atitude, quando a neta nasceu. Actualmente vive numa casa só com a filha, mas mantém esta proximidade familiar quer com a mãe, quer com o irmão mais novo.

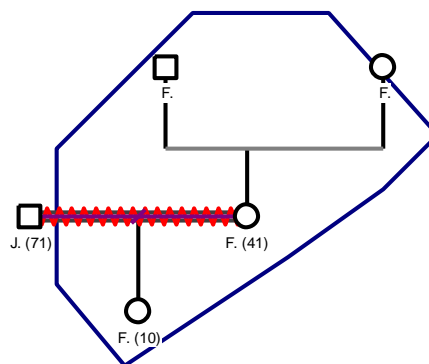
A N. tem quase dois anos e frequenta desde o primeiro ano de vida um equipamento de infância. Nunca teve qualquer contacto com o pai, a única vez que o viu foi no Tribunal, contudo só tinha alguns meses de vida.

A M. iniciou o acompanhamento psicológico há cerca dois meses, numa instituição local. Refere que antes não tinha procurado este apoio, porque segundo ela estava a conseguir lidar com os acontecimentos vivenciados, apenas acrescenta que só sentiu necessidade de ajuda psicológica depois de ter saído de casa, contudo como não teve esse apoio, foi conseguindo superar a dor. No entanto, e na sequência do suicídio do ex- companheiro, sente uma enorme angústia e confusão de sentimentos e neste sentido, recorreu às consultas de psicologia.

A filha do casal nasceu já eles estavam separados e deste modo, nunca vivenciou episódios de violência entre os pais, contudo a Sra. M. disponibilizou-se em ceder a entrevista e por este motivo, parecendo-lhe importante a sua participação neste estudo, assim como analisar o seu mapa da rede social.

### **Família F.**

#### GENOGRAMA



A Família F. é constituída pela F. e pela sua filha C. No entanto, pertencem também a esta família, os pais da F. uma vez coabitam juntos na mesma habitação.

A participante reside nos arredores de Lisboa, tem quarenta e um anos de idade, trabalha como administrativa. Tem uma filha, a C. com dez anos, que frequenta o quinto ano de escolaridade numa escola local.

Esteve casada com o J. cerca de dezassete anos, legalmente ainda não está divorciada, afirmando que não sabe se algum dia o fará mesmo estando separada dele, há cerca de quatro anos. O J. é mais velho de trinta anos que a F.

A Sra. F. refere que só saiu de casa pelo facto de ter sido pressionada pela CPCJ local para que saísse de casa, pelos episódios de violência doméstica, senão saísse ficava sem a filha. A abertura do processo na CPCJ aconteceu a partir de uma queixa anónima, o que despoletou mais episódios de violência e consequentemente a saída da F. e da C. de casa. Esta saída ocorreu há cerca de quatro anos, quando saiu esteve três meses numa casa de abrigo e ao fim deste tempo, foi residir para a casa dos seus pais, onde se mantém até hoje.

Ainda mantêm contacto com o J., fazendo-lhe algumas visitas em sua casa, segundo ela porque ainda se preocupa com ele e gosta de saber como ele se encontra. No entanto, a filha não tem procurado o contacto presencial com o pai, apesar de manter os contactos telefónicos quase diários.

Relativamente aos episódios de violência doméstica, a F. refere que sempre existiu sobretudo violência verbal e psicológica, assume que desde cedo o ex- marido a desvalorizava, dizendo-lhe palavras “pouca simpáticas”. No entanto, afirma que a violência aumentou e agravou-se, desde que ele ficou em casa, devido ao facto da empresa que era sócio, ter falido e consequentemente ficou em casa. Desde desta altura que passa a maior do tempo em casa, não sai por isso à rua, não mantendo assim qualquer contacto com o exterior.

Segundo a participante, o J. nunca agrediu a filha, mas esta assistiu muitas vezes às discussões e agressões e por vezes colocou-se entre os pais, para defender a mãe.

A F. apresenta diversos problemas de saúde, sobretudo comportamentos alimentares, uma vez que há uns anos atrás colocou uma banda gástrica, contudo tem alturas que apresenta descontrolos alimentares, que consequentemente originaram internamentos hospitalares.

Já foi acompanhada várias vezes em consultas de psicologia, mas acabou sempre por desistir por sentir que não tinha necessidade e não compreender a sua utilidade. No entanto, há cerca de um mês e na sequência do último internamento hospitalar (ocorrido pelos problemas de saúde referidos anteriormente), foi procurar ajuda psicológica, mantendo até à data da entrevista, este acompanhamento semanalmente.

Também a C. teve acompanhamento psicológico durante três anos, tendo este começado quando saíram de casa e terminou há uns meses por decisão dela. De acordo com a F., a filha recusa-se a continuar este acompanhamento, porque segundo ela “já disse tudo o que tinha a dizer à psicóloga” e , quando sentir necessidade que retomará as consultas.

### Delineamento do estudo

O presente estudo trata-se de um estudo qualitativo. Segundo Dias (1997) na abordagem qualitativa nesta temática, o investigador tem em conta essencialmente, a “acção – significado”. Assim, estudar a violência doméstica, interessa ter em conta as práticas, mas também o significado que os indivíduos, pertencentes a determinado contexto familiar e social, atribuem a esses comportamentos violentos.

#### . Instrumentos

Para a utilização deste estudo foi utilizada uma entrevista semi-estruturada. Esta permite ter acesso a informação pertinente, complexa e profunda, uma vez que é dada liberdade ao entrevistado de falar sobre os temas que lhe são sugeridos. Assim, pelo facto de o entrevistado responder de forma exaustiva e com a sua própria linguagem, permite que a entrevista mantenha a sua complexidade e seja menos ambígua (Dias, 2007).

O guião de entrevista foi totalmente adaptado do guião, do guião criado pela autora Sani (2004a), num estudo designado “O discurso de crianças expostas à violência interparental: Estudo qualitativo” (anexo 1). Esta adaptação deveu-se essencialmente aos objectivos específicos que se pretendeu identificar e compreender neste estudo.

Deste modo, com este guião pretende-se compreender a percepção tanto dos filhos, como das mães em três momentos diferentes. Um primeiro momento refere-se à experiência de violência entre os pais (viver com violência); o segundo prende-se com o momento da transição (em que as vítimas saem da situação de violência) e um terceiro momento remete para a percepção após a saída / afastamento do agressor e o início da nova situação de vida (viver sem violência).

Também a rede social pessoal revela-se bastante importante no apoio ao sujeito. Neste sentido, importa operacionalizar de forma mais fácil, permitindo assim o seu conhecimento (Alarcão & Sousa, 2007). Neste sentido, utilizou-se igualmente neste estudo, o mapa de rede social pessoal através do instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP – R) (Alarcão et al, 1998, cit. por Alarcão e Sousa, 2007). (anexo 2). Este instrumento tem como características estruturais o tamanho da rede, composição ou distribuição e densidade e é constituído por três partes, perfazendo um total de oito questões. É um instrumento de auto – resposta, mas também pode ser utilizado em contexto de entrevista.

O IARSP – R encontra-se dividido em duas partes. Numa primeira parte são pedidas algumas informações referentes à pessoa (sexo, idade, estado civil, profissão, situação profissional, zona de residência, escolaridade).

É também pedido ao sujeito que identifique o nome das pessoas ou instituições/ técnicos com que estabeleceu contacto nos últimos seis meses e que estas sejam significativas na sua vida, quer tenha uma carga positiva ou negativa ou conflitual.

Após esta identificação, o sujeito deverá distribuir os elementos que identificou, de acordo com a ligação que mantém com cada um, segundo as seguintes categorias:

- Familiares (especificar o grau de parentesco);
- Amigos;
- Colegas de trabalho ou de estudo;
- Vizinhos;
- Instituições ou profissionais.

No caso de o sujeito identificar a mesma pessoa em duas ou mais categorias (eg. familiar e vizinho) deverá escolher pela categoria que melhor se ajuste ao tipo de relação que tem com esse elemento).

Para cada um dos elementos identificados, o sujeito terá também que caracterizar segundo os seguintes itens:

- Idade;
- Profissão;

- Frequência dos contactos;
- Residência/ distância;
- Apoios;
- Apoio dado.

Seguidamente é pedido ao sujeito que defina o tipo de apoio dado por cada elemento identificado, segundo as categorias:

*Emocional* – “posso contar com essa pessoa num clima de simpatia, compreensão e carinho”

*Material ou instrumental* – “essa pessoa ajuda-me nas coisas do dia-a-dia, como refeições, cuidar dos filhos, etc..”

*Técnico ou serviço* – “quando essa pessoa lhe presta um serviço técnico, com base em conhecimento especializado”;

*Cognitivo ou aconselhamento* – “uma pessoa que lhe dá conselhos ou lhe diz como deve ser”;

*Acesso a novos contactos* – “alguém que lhe indica a quem deve recorrer e/ou apresenta-me a pessoas novas”;

*Companhia social* – “uma pessoa que lhe faz companhia”;

*Regulação social* – “essa pessoa lembra-me como devo ou não devo comportar-me”.

Relativamente a cada pessoa/instituição identificada e para tipo de apoio, é solicitado ao sujeito que refira o tipo de apoio que lhe é dado, de acordo com a seguinte escala:

1. Não lhe dá nenhum apoio; 2- Se lhe dá algum apoio e 3 -Dá-lhe apoio suficiente;
- Seguindo esta mesma escala, é também pedido que a pessoa identifique o tipo de apoio que dá.

Por último é requerido que o indivíduo refira quem das pessoas que identificou, conhece quem.

## Procedimentos

Tal como foi referido anteriormente, as famílias sobre as quais incide o presente estudo, são acompanhadas por quatro instituições diferentes. Apenas numa das instituições foi entregue uma carta elaborada pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada, a formalizar a realização deste estudo. Nas restantes apenas foi estabelecido um contacto informal através das Técnicas que acompanham as referidas famílias.

Inicialmente o critério de selecção da amostra prendera-se com o facto de se tratarem de famílias onde tivessem ocorrido episódios de violência doméstica, mas que já não residissem com o agressor. Relativamente aos menores pretendia-se que tivessem entre dez a dezoito anos e poderiam ser vítimas directas ou indirectas de violência familiar. O intervalo de idade escolhido prende-se com o facto de nesta fase o desenvolvimento da identidade pessoal revela-se um processo bastante intenso, uma vez que existem ganhos cognitivos que permitem integrar a interpretação das experiências passadas e assim é possível lidar com as situações futuras (Fierro, 1995, cit. por Venturini et al, 2005)

As entrevistas foram recolhidas durante a segunda quinzena do mês de Outubro, na habitação das famílias, à excepção da família F. que preferiu que fosse entrevistada num local público. As entrevistas foram gravadas em áudio, com o consentimento dos participantes sendo explicado qual o objectivo do estudo, assim como a sua importância. Relativamente aos menores, o consentimento foi dado pelas mães (modelo em anexo 3).

Posteriormente as entrevistas foram transcritas integralmente, quer as questões do entrevistador, quer as respostas dos entrevistados, uma vez que assim permite uma melhor reflexão sobre os modos como as mesmas foram conduzidas (Lindlof, 1995, cit. por Sani, Gonçalves & Keating, 2000).

Após a transcrição integral das entrevistas, foi realizada a análise de conteúdo das mesmas, utilizando assim as matrizes relativas às unidades de análise do guião de entrevista. De acordo com Vala (2003) é uma das técnicas mais utilizadas em investigação empírica e adoptada pelas diversas áreas das ciências sociais. Também Berelson (1952, cit. por Vala, 2003) descreve a análise de conteúdo como uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objectiva, quantitativa e de forma sistemática do conteúdo manifesto da comunicação.

A análise de conteúdo surge como uma técnica de tratamento de informação e não como um método. Deste modo, e sendo uma técnica é possível ser integrado num dos tipos de procedimento lógicos de investigação, servindo assim diferentes níveis de investigação empírica (Vala, 2003). Segundo Vala (2003) esta técnica pode ser utilizada em diferentes níveis de investigação empírica.

A análise de conteúdo remete para a definição de três modos de unidades (Vala, 2003):

a) Unidade de registo é uma determinada parte do conteúdo e que é caracterizado quando colocado numa categoria. Esta unidade divide-se em dois tipos de unidades: formais (onde se pode colocar uma palavra, frase, expressão do entrevistado) e semânticas (refere-se ao que o analista pressupõe do discurso do entrevistado);

b) Unidade de contexto dão suporte às escolhas feitas pelo analista para as unidades de registo, por si escolhidas;

c) Unidade de enumeração diz respeito à unidade que permite quantificar, podendo ser geométricas ou aritméticas.

## Apresentação e Discussão dos Resultados

A apresentação e discussão de resultados inicia-se com as entrevistas realizadas aos filhos e às mães, tendo em conta a análise de conteúdos dos participantes. De seguida, será feito o mesmo relativamente ao mapa de rede social.

É importante referir que as tabelas que se seguem, são uma versão compacta dos dados obtidos quer pelas, quer pelos filhos. No entanto, as tabelas completas encontram-se em anexo (anexo 6).

### A- Entrevistas às mães e filhos

#### Área: Viver em transição

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj.
Presença de discussões entre os pais /casal	Filhos	Sim (n=2)	Filhos	B. -“(…) meu pai discutia sempre com a minha mãe(…)” P. “ Sim.”	2
		Sim (n=3)		Mães	A.-(…) discutíamos várias vezes” F.- “Houve algumas (…).”
	Não (n=1)	M. - “Muito pouca (…).”	1		

Tabela 1. Presença de discussões entre os pais / casal

(n=) = a nº de unidades de registo totais por subcategoria

Pretendeu-se em compreender qual a percepção sobre a presença de discussões entre os pais/casal. Neste sentido, foi possível observar que os filhos assumiram que existiram, assim como as suas mães. Da mesma opinião é a participante F., mas já a M. refere que entre ela e o ex-marido existiam poucas discussões.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO	N Suj.	
<b>Origem das discussões entre os pais / casal</b>	<b>Filhos</b>	Dinheiro (n=1)	<b>Filhos</b>	<b>P.-</b> “(...) e discutiam sempre por causa do dinheiro...”	1
		Relações extra – conjugais (n=1)		<b>B.-</b> “(...)tinha relações com outras mulheres,(...)”	1
	<b>Mães</b>	Dinheiro/ trabalho	<b>Mães</b>	<b>A.-</b> “(...) às vezes pelo dinheiro (...)”	1
		Sem motivo específico ( n=1)		<b>V.-</b> (...) ele começava não custava..”	1
		Práticas educativas (n=1)		<b>F.-</b> “ (...)eu achava que não devia fazer, vinha o pai e dizia deixa lá, que ela é pequena!(...)”	1

Tabela 2. Origem das discussões entre os pais / casal

A origem das discussões remetia para a percepção que os participantes tinham relativamente ao que desencadeava as discussões entre os pais/ casal. Nos filhos foram obtidas respostas diferentes. Relativamente às mães também revelaram respostas, no entanto, a resposta da participante A. vai de encontro ao que a sua filha P. refere, Já a participante V. afirma que não haviam motivos específico, não sendo essa razão identificada pelo filho. No caso da participante F. declara que as discussões iniciavam-se geralmente pelas divergências nas práticas educativas.

As Tabelas 1 e 2 remetem para a presença e origem das discussões do casal. Neste sentido é possível constatar que as crianças salientam o conflito entre os pais, manifestado através discussões e o mesmo é identificado pelas mães. Contudo, a origem das discussões parecem remeter para factores internos (personalidade, práticas parentais) e externos (relações extra – conjugais, factores económicos).

As respostas dos filhos sugerem ainda que estes revelam ausência de culpa relativamente à origem dos conflitos/ discussões entre os pais, uma vez que atribuem a responsabilidade pelas mesmas, essencialmente ao pai. O mesmo foi concluído no estudo realizado por Sani (2003), onde os resultados apontam, que as crianças assumem que nada tem que ver com o facto de os pais discutirem.

Por outro lado, a origem das discussões pode estar na origem de factores com as divergências nas práticas educativas e o modo como cada progenitor educa a criança ou outras

causas como o desemprego ou problemas económicos (Sani, 2003). Estes aspectos parecem verificar-se nas famílias participantes.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj.
Recordações das discussões	Filhos	Saída do pai de casa (n=1)	Filhos	B.- “(...) lembro quando ele saiu de casa.(...)”	1
		Episódio de agressão (n=3)		P.- “O meu pai bateu nela (...)”	2

Tabela 3. Recordações das discussões

Relativamente às recordações das discussões, pretendia-se perceber o que ambas as crianças se recordavam das discussões existentes entre os pais. O discurso sugere recordações diferentes, uma vez que uma das crianças relembra a saída do pai e a outra refere-se a um episódio de violência específico. No entanto, nenhuma das duas parece conseguir verbalizar e descrever em concreto episódios específicos de violência. Esta dificuldade poderá dever-se ao sofrimento que essas recordações baseadas no conflito e violência por parte do pai para a mãe, podem causar nelas.

Parece ser importante referir que apesar das crianças que participaram neste estudo, serem testemunhas e não vítimas directas, das discussões e posteriormente das agressões entre os pais, não significa que não traga consequências para o seu desenvolvimento, a curto ou a médio prazo. Tal como é referido por diversos autores (Brancolhone, Fogo & Williams, 2004), a exposição das crianças à violência doméstica pode trazer riscos para o seu desenvolvimento comportamental, emocional, social, cognitivo e físico e também dificuldades em expressarem o que testemunharam.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj.
Relação entre os pais / casal quando viviam juntos	Filhos	Relação má / agressiva (n=3)	Filhos	B.- “(...) batia-lhe sempre (...)”	2
				P.- “Era má. (...)”	
	Mães	Má (n=2)	Mães	V.- “(...)em nenhum sentido foi boa (...)”	2
Conturbada (n=1)		F.- “Muito conturbada (...)”		1	

Tabela 4. Relação entre os pais / casal quando viviam juntos

O objectivo desta categoria era compreender a percepção face à relação existente entre os pais, na altura em que viviam todos juntos. As duas crianças referem que a relação entre os pais era má e relatam a agressividade do pai para com a mãe. O mesmo é referido pelas mães A. e V. Já a participante F. afirma também que a relação com o ex - marido era conturbada. Neste sentido o discurso das vítimas parece indicar que as discussões vieram agravar, as dificuldades existentes de relacionamento e de comunicação entre o casal.

De acordo com alguns autores (Duque & Santos, 2009), a violência entre o casal deriva de várias causas, destacando-se a fraca imposição de limites por parte da vítima ao agressor, a sua baixa auto-estima e as dificuldades de comunicação entre o casal e consequentemente no meio familiar. Deste modo, um dos factores que poderá ter contribuído para a má relação entre os casais, poderá estar relacionados com a comunicação existente entre eles.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj.
<b>Frequência das discussões</b>	<b>Filhos</b>	Diariamente (n=1)	<b>Filhos</b>	P.-“ Todos dos dias...”	1
	<b>Mães</b>	Diariamente (n=1)	<b>Mães</b>	A.- “(...) quase todos os dias (...)”	1
		Sextas-feiras e fins-de-semana (n=2)		V.- “Sexta – feira e fins-de-semana (n=2)	2

Tabela 5. Frequência das discussões

Nesta categoria pretendia-se saber qual a frequência das discussões entre os pais/ casal. Das crianças apenas a P. faz referência, indicando que eram diárias, o mesmo afirma pela a sua mãe. Já as participantes V. e F. mencionam que a maioria das vezes, as discussões aconteciam aos fins-de-semana, pelo facto de estarem mais tempo juntos.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj.
Altura do dia em que decorriam as discussões entre os pais / casal	Filhos	Tarde e noite (n=1)	Filhos	P. - “Era mais à noite, às vezes era a tarde.”	1
		Noite (n=1)		B.- “À noite.”	1
	Mães	Final de tarde e noite (n=2)	Mães	M.- “Ao final do dia...ou à noite(...).”	2
		Noite (n=1)		F.- “Ora bem quando eu chegava a casa (...).”	2
			A. - “Era à noite (...).”	1	

Tabela 6. Altura do dia em que decorriam as discussões entre os pais / casal

Esta categoria prende-se com o facto de saber em que altura do dia as discussões eram mais frequentes. Ambos os filhos afirmaram que habitualmente aconteciam à noite, no entanto, a P. acrescenta que por vezes, também existiam no período da tarde. No que refere às mães, a participante A. confirma que as discussões ocorriam também à noite, já as participantes M. e F. referem o final da tarde e à noite, eram as alturas mais recorrentes para as discussões.

As Tabelas 5 e 6 reflectem tanto a frequência das discussões, como o período horário, onde habitualmente aconteciam. Assim, parece ser possível verificar que os conflitos nas famílias em estudo eram bastante frequentes e decorriam quando o casal estava em contacto directo. Diversos estudos relatam que a frequência dos episódios de violência entre os pais, está associado ao aparecimento de diversos problemas quer sejam comportamentais, emocionais ou cognitivos, neste sentido, quanto mais frequentes forem as discussões e os acontecimentos de violência, mais elevado é o risco destes comportamentos existirem (Neugut, Edleson & Tolman, 2010).

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj.
Sentimento dos filhos/ mãe face às discussões entre os pais / casal	Filhos	Mal (n=4)	Filhos	B.- “Bem mal.”	2
				P. - “Mal (...).”	
	Mães	Ausência de sentimento”; sentimento de vazio (n=2)	Mães	V.- “(...) não sentia nada (...).”	2
		Mal (n=1)		M.- “ (...) a gente deixa de sentir (...).”	
	Revoltada / vontade abandonar o lar (n=1)		A.--“(...) um bocadinho mal!”	1	
			F. - “Revoltada (...) e desaparecer (...).”	1	

Tabela 7. Sentimento dos filhos/ mãe face às discussões entre os pais/ casal

Esta categoria refere-se ao sentimento que os filhos e as mães apresentavam quando os pais/ casal discutiam e ao mesmo tempo presenciavam (filhos) e vivenciavam (mães) os episódios de violência doméstica. Tanto a P. como o B. revelaram o mesmo sentimento, afirmando que se sentiam mal, sendo algo que a ambos desagradava. O mesmo sentimento é partilhado pela mãe da P. e relativamente às participantes V. e M. referem que sentiam um vazio interior, quase que uma ausência de sentimento. Por fim, a participante F. menciona que se sentia revoltada com a situação e com vontade de abandonar o lar.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N. Suj.
<b>Percepção sobre os sentimentos dos filhos face às discussões, na perspectiva das mães</b>	<b>Mães</b>	Mal-estar / sofrimento (n=3)	<b>Mães</b>	V.- “Não se sentiam bem(...)”	2
				A. – “(...) Sentiam-se mal (...)”	
		Rebeldia (n=1)		F.- “(...)uma miúda rebelde (...)”	1
		Tristeza (n=1)		F.- “Triste também (...)”	1

Tabela 8. Percepção sobre os sentimentos dos filhos face às discussões, na perspectiva das mães

Nesta categoria pretendia-se que as mães relatassem os sentimentos que percecionam como sendo aqueles que os filhos apresentavam, quando aconteciam as discussões entre os pais. Assim, foi possível observar que as participantes V. e a. A. foram unânimes em referir que os filhos sentiam um mal-estar, que causava sofrimento. Quanto à participante F. acrescentou ainda que estes acontecimentos faziam com que a sua filha se sentisse triste e se tornasse rebelde

Os sentimentos enunciando pelas mães participantes relativamente aos seus filhos, parecem revelar reacções emocionais (mal-estar, sofrimento e tristeza) e comportamentais (rebeldia). O mesmo indica um estudo realizado por Coutinho e Sani (2008a), feito com crianças e jovens institucionalizados em casas de abrigo, em foi possível que concluir que a exposição à violência parental desencadeou nesta amostra diversas reacções emocionais, cognitivas e comportamentais, destacando-se emoções como a tristeza, a raiva, o medo e a revolta. Estas reacções parecem estar relacionadas com a elevada percepção de ameaça e da reduzida eficácia que permitisse fazer face aos acontecimentos sentidos como perigosos, incontrolláveis, ameaçadores e imprevisíveis.

Importa ainda salientar que no estudo anteriormente referido, menciona também que uma das reacções ao nível cognitivo é o fraco rendimento escolar (Coutinho & Sani, 2008a). Neste sentido, esta poderá também ser uma das reacções da P., uma vez que tem vindo a apresentar dificuldades de aprendizagem.

### Área: Viver em transição

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj.
<b>Motivos que levaram à saída de casa da vítima ou agressor</b>	<b>Filhos</b>	Por fim à violência (n=2)	<b>Filhos</b>	<b>P.-</b> “(...)...ela já estava farta!”	1
		Bem-estar das filhas (n=2)		<b>P.-</b> “ (...)a minha irmã visse estas coisas(...).”	1
		Separação do casal (n=1)		<b>B.-</b> “Porque ele não queria mais a minha mãe (...).”	1
	<b>Mães</b>	Gravidez (n=1)		<b>M.-</b> “Porque estava grávida (...).”	1
		Filhos (n=2)	<b>Mães</b>	<b>F.-</b> “(...) pela miúda (...).”	
		Intenção de separar-se da família (n=1)		<b>V.-</b> “ (...)ele já tinha isso na mente (...).”	1

Tabela 9. Motivos que levaram à saída de casa da vítima ou agressor

Esta categoria prende-se em saber qual a percepção das crianças sobre quais os motivos que levaram o pai ou a mãe a saírem de casa. Do mesmo modo, junto das mães pretendeu-se compreender qual ou quais os motivos que a levaram ou ao agressor, a saírem de casa. Relativamente aos filhos apresentaram percepções diferentes, sendo que a P. assume que a saída da mãe se deve ao facto de querer por fim à situação de violência doméstica e desta forma promover o bem-estar das filhas, sobretudo da mais nova. No que diz respeito às mães tanto a participante A. como a F. relatam que a sua saída foi essencialmente pelas filhas, mas também a M. refere que o facto de se encontrar grávida, fez com que abandonasse o lar. Já a participante V. acredita que o ex- marido tinha intenção de se separar da família desde que ela ficou em Angola, uma vez que quando ela e os filhos vieram viver para cá começaram a

surgir indícios de que ele não queria a família por perto, como por exemplo, querer que a família fosse residir para outro país ou para outra cidade.

De acordo com o discurso das participantes, uma das razões que parece ter impulsionado a saída de casa das vítimas, remete para os filhos e para o impacto negativo que os acontecimentos de violência doméstica teriam neles. O mesmo conclui Rocha (2007) no seu estudo, ao verificar que a decisão das vítimas de sair da situação de violência, tem como principal factor o perigo que a violência pode constituir para os filhos. Assim o bem-estar das crianças parece ser um assumir um papel determinante na decisão da mulher sair da situação de violência doméstica (Spears, 2000, cit. por Sani, 2003).

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj.
<b>Sentimentos vivenciados pelos filhos / mães com a saída de casa</b>	<b>Filhos</b>	Feliz	<b>Filhos</b>	<b>B.</b> -“Eu fiquei feliz (...).”	2
		Bem (n=1)		<b>P.</b> - “ Agora podemos ser felizes”	
	<b>Mães</b>	Revolta (n=1)	<b>Mães</b>	<b>F.</b> - “(...) uma revolta muito grande (...).”	1
		“A melhor opção” (n=1)		<b>F.</b> -“ (...)era a melhor opção.”	1
		Aliviada (n=1)		<b>V.</b> -“ Aliviada.”	1
		Livre (n=1)		<b>V.</b> - “(...)era mesmo à vontade (...).”	1
		Medo/ Receio (n=3)		<b>F.</b> -“ (...) e depois era o medo (...).”	2
		Agressividade / zanga (n=1)		<b>A.</b> - “(...)sentia um bocadinho de receio(...)”.	
		“Abandono ” (n=1)		<b>V.</b> - “Muito agressivo(...)”.	1
		Bem (n=1)		<b>M.</b> - “(...) estava a deixar para trás qualquer coisa (...).”	1
		<b>A.</b> - “Bem (...)”.	1		

Tabela 10. Sentimentos vivenciados pelos filhos / mães com a decisão de sair de casa

Nesta categoria pretendia-se compreender quais os sentimentos vivenciados pelas crianças, com a saída da mãe ou do pai de casa. Ambas as crianças, verbalizaram que o seu

sentimento foi de felicidade, a P. acrescenta ainda que se sentiu bem com a decisão tomada pela mãe.

Relativamente às mães, foram observadas diversas respostas. A participante V. apresenta sentimentos ambivalentes. Por um lado, afirma que sentiu alívio com a saída do agressor, mas por outro relata que esta saída foi vivida de uma forma agressiva, pelo facto de sentir que ele conseguiu aquilo que queria (livrar-se dela e dos filhos), sentindo também o divórcio, como sendo algo injusto uma vez que na sua perspectiva não fez nada para merecer para que tal acontecesse. É de salientar, que as crenças e valores religiosos desta participante, não permitem o divórcio e como tal, ela parece sentir de uma forma agressiva, acrescentando o facto de não o sentir como uma injustiça. Contudo, viu esta saída do ex- marido como uma forma de se libertar, visto ele a privar, assim como aos filhos, de certas actividades e ajudas.

Quanto à participante A. refere que sentiu-se bem com a sua decisão, uma vez que pôs fim aos episódios de violência, apesar desta saída ter provocado algum receio, pelo facto de ter de educar e cuidar das filhas sozinha. O mesmo é partilhado pela participante F. que acrescenta que por um lado sentiu uma revolta pelo facto de sentir que foi obrigada (pela CPCJ) a sair de casa, não tendo sido por iniciativa própria, no entanto, reconhece que esta decisão foi a melhor que podia ter tomado, uma vez que os episódios de violência já se revelavam bastantes graves. No caso da participante M. assume que a sua saída provocou um vazio interior, considerando que esta foi uma das decisões mais difíceis que teve que tomar na sua vida. Refere ainda a sua saída foi algo que aconteceu muito rápido e que por isso, não teve tempo para pensar antecipadamente.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO	N Suj
Sentimentos vivenciados pelas mães / filhos, na perspectiva dos filhos / mães, com a decisão de sair de casa	Filhos	Bem (n=2)	Filhos P.- “Acho que ela ficou bem (...)” B.-“ Sentiu bem.”	2
	Mães	Bem / Satisfação (n=2)	Mães V. - “(...)sentiram-se bem (...).” A.- (...) elas ficaram contentes (...).” F.- “Ela sofreu (...).” F.- “ (...)me culpou (...).” F. -“Triste (...).”	2
		Sofrimento (n=1)		1
		Atribuição de culpa à mãe (n=1)		1
		Tristeza (n=1)		1

Tabela 11. Sentimentos vivenciados pela mãe / filhos, na perspectiva dos filhos / mães, com a decisão de sair de casa

Esta categoria remete para os sentimentos das mães / filhos, de acordo com a perspectiva dos filhos / mães, com a decisão de casa. Ambas as crianças referem que as mães sentiram-se bem com esta decisão. No que se refere às mães, as participantes V. e a A. são da mesma opinião que os seus filhos, ao afirmarem que estes também se sentiram bem. Já a participante F. menciona que inicialmente a filha atribuía-lhe a culpa por terem abandonado a casa e o pai e que isso, a deixou triste. No entanto, com o passar do tempo perceber que tinha sido a melhor decisão para ambas.

Através da análise do discurso, parece que a decisão de sair de casa, revelou-se como sendo algo de bom, promovendo deste modo o bem-estar familiar, uma vez que reflecte a ausência do agressor. Neste sentido, parecem ser observadas reacções emocionais (bem –estar) mas também negativas (tristeza, culpa, sofrimento), estas últimas traduzem algumas das consequências dos acontecimentos violentos (Sani, 2003).

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj
Sentimentos vivenciados pelo pai / agressor, na perspectiva dos filhos / ex. companheiras, com a decisão de sair de casa	Filhos	Bem (n=1)	Filhos	B.- “Também sentiu bem.”	1
		Ausência de opinião (n=1)		P.- “ Não sei.”	1
	Mães	Aliviado (n=2)	Mães	V.- “ (...)sentiu aliviado (...).”	2
		Bem (n=1)		F.- “aliviado...”	1
		Sentimento de dor pela filha (n=1)		V.- “(...) sente-se bem (...).”	1
		Desagrado (n=1)		F.- “(...) e se teve dor foi pela filha (...).”	1
		“Estar sozinho” (n=1)		A.- “ele não gostou (...).”	1
		Desconhecimento do sentimento do agressor (n=4)		F.- “ ele queria mesmo estar sozinho (...).”	1
	M.- “ Eu nunca percebi (...).”;	1			

Tabela 12. Sentimentos vivenciados pelo pai / agressor, na perspectiva dos filhos / ex. companheiras, com a decisão de sair de casa

Relativamente a esta categoria pretendia-se compreender qual a perspectiva dos filhos e das mães, sobre os sentimentos do pai/ agressor com a saída de casa. Apenas o B. mencionou que o pai sentiu-se bem e a P. não conseguiu expressar a sua opinião. No que diz respeito às mães, surgiram diversas respostas.

Um dos sentimentos identificados remete para a sensação de alívio, que foi mencionado pelas participantes V. e F. Esta última acrescenta ainda que o agressor, aparentemente sofreu com a ausência da filha e declara ainda que o ex-marido provocou estes episódios, com o objectivo de ficar sozinho, o que acabou por acontecer.

Na opinião da participante M. admite que não consegue identificar quais foram os sentimentos do ex- companheiro, uma vez que não voltou a contactar directamente com ele. Por fim a participante A. o ex-marido sentiu desagrado com a sua decisão, no sentido em que não gostou que fosse ela a abandoná-lo, mostrando-se posteriormente reticente em dar-lhe o divórcio.

Na sequência da análise de discurso desta última participante, os sentimentos referidos remetem para o desagrado por parte do agressor, pelo facto da vítima ter abandonado a casa. Este facto poderá estar relacionado com o poder e o controlo, identificado como aspectos comuns num agressor e neste sentido, o facto de já não terem sobre a vítima, pode remeter para este tipo de sentimentos. Por vezes, mesmo depois da separação, o agressor ainda quer manter este poder e controlo, utilizando as crianças como meio para o fazerem (Sani, 2003).

Tabela 13. Percepção dos filhos / da mãe relativamente àquilo que a mãe/ a própria, poderia ter feito antes, para

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj
Percepção dos filhos / da mãe relativamente àquilo que a mãe/ a própria, poderia ter feito antes, para terminar com a situação de violência	Filhos	Sair mais cedo de casa (n=3)	Filhos	P.- “ (...) podia ter saído antes (...)” B.- “ (...)ia para outra casa (...)”	2
	Mães	Por fim à situação de violência mais cedo (n=1)	Mães	A.- “(...) acho que devia ter tomado essa decisão antes (...)”	1
		Tentativa de melhorar a relação (n=2)		F.- “dar o meu melhor para que a relação desse certo (...)”	1
		Crença de que poderia ter feito alguma coisa (n=3)		M.- “Gostava de ter feito alguma coisa antes (...)”	2

terminar com a situação de violência

Esta categoria prende-se com a percepção que as crianças assumem, sobre o facto de que a mãe poderia ter feito, alguma coisa assim, para terminar com os episódios de violência, assim como levar a que a própria mãe a reflectir, sobre se poderia ter feito algo e se sim, concretamente o quê.

Ambas as crianças referem que a mãe poderia ter saído de casa mais cedo e assim por fim às agressões. Relativamente às mães, é possível encontrar diferentes respostas.

Quanto à percepção da participante A., tal como a filha, ela considera que poderia ter terminado com os acontecimentos de violência mais cedo, não deixando assim, que ocorrem episódios de violência tão graves. Da mesma opinião, são as participantes M. e V. ao revelarem que poderiam ter feito alguma coisa para terminar com a situação de violência, no entanto, não conseguem identificar em concreto, mas esta última, situa que a mudança poderia ter acontecido pouco depois de ter chegado a Portugal.

No caso da participante F. afirma que fez várias tentativas para melhorar a relação do casal e deste modo, evitar que saísse de casa, contudo, admite que não conseguiu. A decisão de abandonar a relação é muitas vezes adiada, pelo facto da vítima sentir que as agressões podem tornar-se mais violentas ou recear sofrer mais ameaças e represálias. No entanto, podem também surgir outros motivos, como a dependência económica ou factores psicológicos nomeadamente a vergonha, o medo, a minimização dos episódios de violência ou até mesmo a dificuldade em assumir que a relação foi um fracasso e terminou (Fuster, 2002). Neste sentido e tendo em conta este último aspecto, poderá ter sido o que levou uma das participantes a manter a sua relação com o agressor, uma vez que assume que fez diversas tentativas para melhorar a relação, podendo assim, revelar-se como a não aceitação de que a relação findou.

No caso das participantes A. e M. um dos motivos que poderá ter levado ao não abandono da relação, poderá estar relacionado com factores económicos, visto que ambas eram dependentes economicamente dos agressores. No que refere à participante V. aquilo o facto de ter mantido o casamento apesar dos episódios de violência, sugere que tenha sido por seus valores relativamente ao casamento, uma vez que refere no seu discurso que a mulher deverá manter-se unida ao marido e em situação alguma, separar-se deste. Deste modo e de acordo com Rocha (2007), permanência na relação pode verifica-se pelos valores e crenças culturais, como por exemplo a crença de que o casamento é para sempre.

## Área: Viver sem violência

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj
Percepção dos filhos/ mãe sobre o que melhorou na sua vida com a ausência do agressor	Filhos	Ter paz (n=1)	Filhos	B.-“ Assim ele me deixou em paz! (...)”	1
		Liberdade (n=1)		B. - “Assim eu já estou disposto a mexer nas coisas.”	1
		Felicidade (n=1)		P. -“ Estou feliz (...)”.	1
	Mães	Relação com a filha (n=2)	Mães	F.- “Melhorou a minha relação com miúda”.	1
		Maternidade (n=1)		M.- “(...) ela merecia que eu tentasse fazer por ela (...)”.	1
		Estabilidade (n=1)		F.- “(...) fiquei mais estável(...)”.	1
		Fim das discussões (n=1)		A. - (...) “Não criar discussões (...)”.	1
		Ambiente familiar (n=2)		A.- “ O ambiente em casa (...)”.	2
		Bem-estar (n=3)		F.-“ (...) melhorou tudo (...)”.	
		Imagem positiva do homem (n=1)		A.-“ (...)minhas filhas vivem mais felizes e eu também!”; V. “Senti-me aliviada (...)”.	
		Relação com o actual companheiro (n=1)		V.- “ Sim melhorou muito, muito mesmo, agora já é normal e converso normalmente com qualquer pessoa, quer seja homem ou mulher (...)”.	1
	A.- “Há uma nova pessoa e acho que ele é mais amigo, ajuda mais (...)”.	1			

Tabela 14. Percepção dos filhos/ mãe sobre o que melhorou na sua vida com a ausência do agressor

Com esta categoria desejava-se que as crianças fizessem referência aos aspectos que tivessem melhorado na sua vida, com a ausência do pai. O B. afirmou que actualmente tem paz e liberdade, enquanto a P. menciona que se encontra mais feliz do que anteriormente. Relativamente às mães, a participante V. revela que um dos aspectos que melhorou na sua vida foi sobretudo o facto de já não ter medo e que actualmente alterou a imagem que tinha do sexo masculino, sendo que esta também melhorou. É de salientar que esta participante no seu discurso, faz referência à imagem negativa da figura masculina, sentindo repulsa e ódio, sentindo repulsa, na sequência dos episódios de violência dos quais foi vítima.

Também a participante A. revela um sentimento de bem-estar tanto para si como para as filhas, com a ausência do agressor e por fim, a participante F. menciona um dos aspectos positivos desta mudança, foi o facto da relação com a filha ter melhorado e acrescenta ainda que se sente mais estável e que o facto de não residir com o agressor, permite a ambas viver num ambiente familiar mais saudável. Quanto à participante M. refere que o melhorou para si, foi ter sido mãe e que isso por si só, faz a diferença na sua vida.

Relativamente a esta categoria, não foi encontrada na revisão de literatura feita referências directa às percepções mencionadas anteriormente. No entanto, as informações obtidas que uma situação aversiva de violência por si só causa mau estar e sofrimento às vítimas e neste sentido, quando esta termina é reposto o bem-estar e estabilidade emocional das mesmas (Ballonga et al, 2007).

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj
Aspectos positivos do pai/ agressor	Filhos	Ausência de aspectos positivos (n=1)	Filhos	B. - “(...) não tem nenhuma coisa positiva (...)”	1
		Contente (n=2)		P.- “ (...) vejo-o contente (...)”	1
	Mães	Ausência de aspectos positivos (n=3)	Mães	V. - “Não vejo (...)”;	3
		Aparente preocupação com a família (n=2)		F.- “ (...) são muito poucas (...)”;	
				A.- “deixe-me ver são poucas (...)”	
		Amigo/ companheiro (n=1)		F.- “(...) aparentemente preocupa-se connosco (...)”	1
	Divertido	A.- “ele até era amigo e (...)”.	1		
			M.- “(...) as brincadeiras dela são tão parecidas com as dele (...)”.	1	

Tabela 15. Aspectos positivos do pai/ agressor

Esta tabela refere-se aos aspectos positivos e qualidades que os filhos / as mães percebem, relativamente ao pai/ agressor. No seu discurso o B. refere que o pai não tem nenhum aspecto positivo, enquanto a P. relata que vê o pai como alguém contente.

Relativamente às mães, três referem que o agressor poucos ou mesmo nenhum aspecto positivo. No entanto, a participante A. refere que o agressor revelava em alguns momentos,

ser um pai amigo e preocupado com as filhas. Quanto à participante F., indica que ex-marido aparenta mostrar alguma preocupação, tanto com ela como com a filha, uma vez que semanalmente contacta telefonicamente, para saber elas se encontram.

Por fim, a M. apresenta ambivalência de sentimentos, provenientes do suicídio do companheiro. No entanto, refere que um dos aspectos positivos que ele teria, seria o facto ser divertido.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj
Aspectos negativos do pai/ agressor	Filhos	Fraca participação económica (n=1)	Filhos	B. -“(…) quando ele tem o seu dinheiro (…)..Não tenho!”	1
		Proibições (n=2)		B. -“(…) , ele não deixa (…).”	1
		Ausência de aspectos negativos (n=1)		P.-“ Não vejo nada…”	1
	Mães	Ausência de arrependimento (n=1)	Mães	V.-“(…)e aquele arrependimento verdadeiro (…).”	1
		Ausência participação económica (n=1)		V.-“(…) não sustenta a família (…)”.	1
		Desvalorização dos filhos (n=1)		V. -“(…) humilha os filhos (…).”	1
		Isolamento / Solidão (n=4)		F.-“(…) é o mais facto de estar sozinho (…)”	1
		Agressividade (n=1)		A.-“(…) mas quando ele se tornava mau (…).”	

Tabela 16. Aspectos negativos do pai/ agressor

A presente categoria pretende indicar quais os aspectos negativos, que na opinião dos filhos e das mães, o agressor apresenta. Neste sentido, o B. considera que o pai proíbe determinadas actividades que são do seu agrado, como por exemplo, jogar computador, mostrando-se assim de algum modo castrador na sua opinião. Acrescenta ainda como outro aspecto negativo, o facto do pai não contribuir para as suas despesas. Relativamente à P. afirma que o pai não tem aspectos negativos, o que pode revelar-se como um factor de protecção e de idealização do pai.

No que diz respeito às mães, a participante V. refere que o ex-marido apresenta diversos aspectos negativos, nomeadamente o facto de nunca ter revelado arrependimento pelo sofrimento que causou a toda a família e por outro lado, aponta também, o facto dele não contribuir economicamente para o bem-estar dos filhos e ainda a constante desvalorização destes. Já a participante A., realça como aspecto negativo, a pessoa agressiva e violenta que o ex-marido sempre revelou ser. Por último, a participante F. nomeia como aspecto negativo, o facto de o ex-marido ter procurado o isolamento e a solidão e que isso não faz dele uma pessoa feliz.

As Tabelas 15 e 16 dizem respeito aos aspectos positivos e negativos que o agressor apresenta, na perspectiva das vítimas. No que se refere às crianças, ambas parecem revelar dificuldade em descrever aspectos da personalidade do pai, sobretudo porque uma delas menciona que o pai não tem qualquer aspecto negativo, o que poderá dever-se à dificuldade em descrever aspectos do pai, que causem sofrimento para as crianças, como é o facto de o pai ter sido violento e agressivo, e actualmente revelar-se ausente. Também Rocha (2007), no seu estudo mostra que as crianças não descrevem aspectos específicos da personalidade do pai, nem revelam características dele enquanto abusador.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO	N Suj
Percepção da relação da criança com o pai	Filhos	Boa (n=4)	B. -“ Boa!?”;	1
		Conversas más (n=1)	B.- “ ele está sempre a falar de coisas más (...)”	1
		Relação ambivalente (n=2)	P.- “ Um bocadinho boa, um bocadinho má!(...)”	1

Tabela 17. Percepção da relação da criança com o pai

Esta categoria remete para a percepção da criança face à relação que estabelece com o agressor. É de salientar que ambas as crianças apresentam uma percepção ambivalente, visto referirem que a relação que têm com o pai, tanto é boa, como é má. Deste modo, observa-se que tanto o B. como a P. revelam dificuldades em descrever a relação que tem com o pai.

Esta ambivalência de sentimentos face ao pai, é muitas vezes sentida pelas crianças que experienciam violência doméstica, uma vez que por um lado assumem gostar do pai e

sentem necessidade da reciprocidade de afecto por parte dele, mas por outro lado, sabem que o comportamento agressivo do pai para com a mãe, é errado e intolerável (Sani, 2003). Também Costa e Santos (2004), referem que é comum estas crianças sentirem-se confusas, nestas situações, uma vez que por um lado, tem amor pelo pai, mas ao mesmo tempo, a violência que este demonstra, faz com que o vejam, como uma pessoa má e por isso difícil de ser amada.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj
	Filhos		Filhos		
Percepção da relação entre os filhos / as mães e as mães / os filhos .	Filhos	Boa (n=3)	Filhos	P.-" É boa!"; B. -" Nós damo-nos muito bem."	2
	Mães	Boa (n=1)	Mães	V.- "(...)acho que é boa (...)".	1
		Próxima (n=3)		A.- "(...) somos mais amigas (...)".	3
		Especial (n=1)		F.-"É boa, somos próximas!" M.- " É muito especial."	1

Tabela 18. Percepção da relação entre os filhos / as mães e as mães / os filhos.

A Tabela 18 têm como objectivo compreender qual a percepção da relação entre os filhos, para com a mães e destas para com os seus filhos. As duas crianças afirmam que esta relação é boa. Relativamente às mães, a participante V. descreve a relação que têm com os filhos como sendo boa, enquanto a. M. afirma que entre ela e a filha é especial. Tanto a participante A., como a F. revelam que a relação que têm com as filhas, está mais próxima, desde que não estão com o agressor.

O discurso feito pelas mães sugere que a relação entre elas e os filhos tenha melhorado com o fim dos acontecimentos violentos. O que parece estar de acordo com o referido por alguns autores, que indicam que quando existe violência doméstica, são observados também conflitos nas interações entre as mães e os filhos, e que isto também revela ser um efeito negativo para a criança (Sani, 2003).

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO	N Suj
Percepção da relação da criança com os irmãos	Filhos	Boa (n=3)	Filhos P.- “É boa!” B.- “Também é boa!”	2
		Má (n=1)		P.- “ Ela às vezes é má (...).”

Tabela 19. Percepção da relação da criança com os irmãos

A presente categoria prende-se com a percepção que a criança tem, face a sua relação com os irmãos. As duas revelam percepções diferentes, enquanto que a P. parece assumir uma relação ambivalente com a irmã, uma vez que refere que esta, tanto é boa como má para si. Enquanto o B. afirma que tem uma boa relação com os dois irmãos mais velhos.

De acordo com a revisão de literatura realizada, não foram referências às relações entre irmãos, em famílias que experienciaram violência doméstica. Neste sentido, aquilo que foi referido pelos participantes poderá sugerir que está relacionado com factores pessoais de cada um.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO	N Suj
Percepção dos filhos/ da vítima sobre quem é para a mãe / a própria, o agressor	Filhos	Pessoa nojenta (n=1)	Filhos B.- “ (...) só digo que ele é nojice(...).” P.-“ Mal !”	1
		Pessoa má (n=1)		
	Mães	Alguém de quem têm pena (n=2)	Mães F.-“ pena dele (...).” M.-“(...) sentir muita pena dele).” F.-“ (...)homem amargurado (...).” M.-“ (...)ele nunca foi feliz (...):” M.- “é como se fossem dois, dois em um! (...).” V.- “ (...)ele é mau (...).” A. “É o pai das filhas.”	2
		Pessoa infeliz / amargurada (n=2)		2
		“Duas faces” (n=1)		1
		Mau (n=1)		1
		“Pai das filhas”( n=1)		1

Tabela 20. Percepção dos filhos/ da vítima sobre quem é para a mãe / a própria, o agressor

Esta categoria remete por um lado, para a percepção do menor sobre a quem é o pai para a mãe, e por outro lado como é que a vítima descreve o agressor. Assim, foi possível observar que a P. acredita que para a mãe, o pai é uma pessoa má, enquanto o B. remete para a opinião verbalizada pela mãe.

A participante A. apenas identifica o ex-marido como sendo o pai das suas filhas, enquanto a V. descreve o ex-marido como uma pessoa má. Relativamente às participantes M. e F., ambas referem que têm pena dos ex-companheiros, por consideram que são pessoas amarguradas e infelizes. Esta última acrescenta ainda que, para si ele é uma pessoa estranha e de algum modo, revela-se um estranho, uma vez que admite não o conhecer na sua totalidade apesar de todos os anos de casamento. A participante M. diz ainda que para si o ex-companheiro tinha “duas faces”, isto porque inicialmente era um príncipe e com o início das agressões transformou-se numa pessoa agressiva.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO	N Suj
<b>Percepção dos (as) filhos / mães face às diferenças actuais na sua vida</b>	<b>Filhos</b>	Inexistência de contactos diários com o pai (n=3)	<b>B.</b> -“(…) e eu não queria ouvir nada.”	1
		Felicidade familiar (n=1)	<b>B.</b> -“(…) minha família está feliz (…).”	1
		Melhor (n=2)	<b>P.</b> -“ Sim está melhor!”	
	<b>Mães</b>	Ambiente familiar saudável (n=2)	<b>F.</b> -“(…) agora vivemos num ambiente saudável (…).”	2
		Afecto (n=1)	<b>F.</b> -“(…)tenho afecto (…).”	1
		Bem-estar (n=1)	<b>V.</b> -“(…)a vida está boa (…).”	1
		Objectivo de vida (n=1)	<b>M.</b> -“ Agora tenho um objectivo(…).”	1
		Estabilidade (n=2)	<b>F.</b> -“(…) muito mais estável.” <b>A.</b> -“ temos mais estabilidade (…).”	2

Tabela 21. Percepções dos (as) filhos / mães face às diferenças actuais na sua vida

Com esta categoria, solicitava-se às crianças que referissem as suas percepções face às diferenças que sentem actualmente na sua vida, visto já não residem com o agressor. De acordo com a análise de conteúdo, verificam-se várias respostas. Para o B. a inexistência de contactos diários com o pai, é algo que melhorou na sua vida, assim como também refere que a ausência do pai, trouxe-lhe felicidade. A P. apenas refere que a sua vida está melhor, já

depois de ser questionada pela investigadora, deste modo, parece não conseguir descrever o que para si está melhor actualmente.

Relativamente às mães, a participante V. é da mesma opinião do seu filho, referindo que sente que a sua vida está boa. A participante A. afirma que o ambiente familiar é agora saudável e que sente estabilidade na família. A participante F. começa por referir que inicialmente sentia estranheza, pelo facto de não ir para sua casa, mas acrescenta que actualmente ela e a filha vivem num ambiente saudável e realça aspectos que não existiam na relação com o ex-marido, como por exemplo, o afecto. Por fim a participante M. revela que neste momento tem um objectivo de vida, que é a filha e que anteriormente não tinha.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO		N Suj
Sentimentos dos filhos, face à situação actual		Bem (n=2)	Filhos	B. - “ Sinto-me bem.” P. - “ Bem!”	2
		Livre (n=1)		B. -“ Agora (...) já posso sair à vontade (...).”	1
Sentimentos dos filhos, face à situação actual, na perspectiva das mães	Mães	Bem-estar emocional (n=5)	Mães	F.- “ (...)a minha filha está bem melhor (...)”. A-“(...)agora temos mais alegria de viver(..).”	3
		Crença de que com a presença do pai a situação económica melhor (n=1)		V.-“ (...)ele acha se o pai voltasse (...) é que as coisas iam melhorar (...).”	1

Tabela 22. Sentimentos da criança face à situação actual / Sentimentos dos filhos, face à situação actual, na perspectiva das mães

A Tabela 22 refere-se, por um lado aos sentimentos vivenciados pelos filhos actualmente, uma vez que já não vivem com o agressor e por outro lado, foi solicitado às mães que referissem os sentimentos que os filhos apresentam na situação actual.

Neste sentido, ambas as crianças afirmaram que se sentem bem, mas o B. acrescenta ainda que se sente livre, visto que, o pai o privava de determinadas actividades, como por exemplo, ir jogar à bola na rua, e agora com a saída deste, isso já é possível. Deste modo e tendo em conta as referidas respostas, estas parecem indicar que a saída do agressor, foi visto

como algo positivo, uma vez que isso revela-se sinónimo, do fim aos acontecimentos de violência.

Em relação às mães, é de salientar que todas consideram que os filhos sentem um bem-estar, à excepção da participante V. que menciona também que o filho mais velho acredita que se o pai voltasse para a casa a situação económica da família iria melhorar. De acordo, com a mãe, o filho tem esta crença derivada às promessas que o pai faz ao filho.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS		UNIDADES DE REGISTO	N Suj
Sentimentos da mãe face à situação actual, na perspectiva dos filhos	Filhos	Bem e feliz (n=1)	P. -“ Bem e feliz!”	1
		Livre (n=1)	B. - “Ela diz “ estou livre (...)”	1
Sentimentos vivenciados pelas mães na situação actual	Mães	Partilha familiar (n=1)	V.- “ (...) eu fizer gira e dá para todos (...)”.	1
		Bem-estar emocional (n=5)	V. “Eu me sinto bem (...)”; A. “ (...) agora temos mais alegria de viver”.	4
	Receosa (n=1)	M. “(...) sinto-me assustada por um lado porque estou sozinha(...)”	1	

Tabela 23. Sentimentos da mãe face à situação actual, na perspectiva dos filhos/ Sentimentos vivenciados pelas mães na situação actual

Esta categoria refere-se à perspectiva dos filhos, face aos sentimentos que as mães vivenciam actualmente que não são vítimas de violência. Assim, o B. considera que a mãe sente-se livre, enquanto a P. refere que a mãe sente-se bem. Também as mães partilham desta opinião, ao revelarem que sente um bem-estar emocional. A participante V. acrescenta também que na sua família existe partilha entre todos e a participante M. admite que se sente receosa pelo facto de ser mãe solteira e deste momento, ter de educar a filha sozinha.

As Tabelas 22 e 23 remetem para a percepção que as vítimas têm relativamente à situação presente. A análise de conteúdo, parece sugerir que a ausência do agressor do agregado familiar é visto como um acontecimento positivo, uma vez que pôs termo à situação de violência doméstica. Assim e de um modo geral, o discurso das vítimas remete para reacções emocionais de bem-estar e felicidade, com a situação actual. Neste sentido seguiram também os resultados do estudo de Rocha (2007), revelando que o discurso dos participantes, remetia para sentimentos de segurança física e emocional.

As percepções das mães revelam-se semelhantes aos dos filhos, salientam essencialmente sentimentos de bem-estar, felicidade, partilha e harmonia familiar.

Foi também solicitado às crianças que indicasse quais os sentimentos dos irmãos perante a situação actual. Ambos responderam que também se sentiam bem, sugerindo mais uma vez que a ausência do agressor melhorou o bem-estar familiar.

## **B- Mapa da rede social**

De acordo, com a análise do mapa de rede social foi possível observar que as duas crianças participantes neste estudo revelam uma rede social reduzida, sendo de destacar o quadrante da família e dos colegas de escola, como sendo aqueles onde se observa mais elementos de apoio. Relativamente ao quadrante das instituições, verifica-se que o B. apresenta mais elementos pelo facto de mencionar que tem proximidade com alguns professores e funcionários da escola. Contudo, a P. não nomeou nenhum elemento que representasse este quadrante, nem mesmo a sua psicóloga.

Deste modo, o presente estudo parece sugerir que da rede de apoio de ambas as crianças, fazem parte família e diversos amigos e colegas de escola. É de salientar que as fontes de apoio habitualmente mais referenciadas são precisamente a família, a escola e os pares e a comunidade e são estas que promovem o desenvolvimento das crianças e jovens (Costa, 2009). Também a conclusão da investigação realizada por Amar e Gómez (2006) refere que as crianças vítimas de violência familiar, tem tendência para estabelecer vínculos com amigos, revelando-se estes o seu apoio social e com quem constroem relações de confiança.

Relativamente às mães foi possível verificar que tal como os filhos, estas revelam uma rede social reduzida, no entanto, os quadrantes que se destacam são da família e das instituições. Este último quadrante está bastante presente uma vez que como foi anteriormente referido, todas as famílias em estudo são acompanhadas por instituições de vertente social. É de salientar ainda, que não demonstram ter relações próximas de amizade nem com colegas de trabalho/estudo.

Assim e de acordo com os estudos de Zuma (2004), as famílias onde ocorreu violência, apresentam tendência para revelarem isolamento, quer seja por iniciativa própria,

quer seja por sentimentos de vergonha que demonstram da própria situação ou até pelo preconceito que acreditam que os outros possam ter de si. Também no interior da família, o silêncio impõe-se tanto por medo ou por consideram que não é possível encontrar uma solução para evitarem o sofrimento vivido. Neste sentido, as redes sociais e comunitárias são aquelas que estão mais próximas das pessoas e é aqui que estas vão procurar protecção e apoio, mesmo que estas sejam reduzidas (Zuma, 2004).

Num outro estudo realizado, quando as vítimas recorrem a pessoas que estão fora do agregado família, isto dá a indicação sobre a percepção do suporte social encontrado para restabelecer o clima de segurança, apesar de não reduzir o equilíbrio emocional das vítimas menores (Sani, 2004a).

No entanto, as redes de apoio social das mães participantes deste estudo, parecem ser enfraquecidas e com poucos elementos vistos como suporte social, o que pode assim sugerir que estas participantes apresentem uma rede social reduzida. Deste modo e de acordo, com alguns estudos realizados com famílias que vivenciaram episódios de violência doméstica, indicam que estas têm tendência para apresentar isolamento social e um fraco suporte social (Fuster, 2002).

Outras investigações revelam ainda que as mulheres vítimas de violência doméstica são geralmente submissas, passivas e que demonstram isolamento social, quer seja de amigos, quer seja dos recursos da comunidade e que conseqüentemente podem perder a capacidade de se proteger tanto a si, como os filhos (Santos, 1999, cit. por Fuster, 2002).

## Conclusão

Os autores Franco, Cepero e Díaz (2009) realizaram um estudo com o objectivo de efectuarem, uma revisão bibliográfica entre os anos 2000 e 2007, sobre temática da violência doméstica. No final, constatara que a maior parte das investigações incidiam na perspectiva dos adultos (cerca 64%) e de seguida, surgem os estudos feitos com crianças e adolescentes (aproximadamente 38%), o que revela a necessidade de serem feitos mais estudos com esta última população.

Neste sentido, o presente estudo incidiu na perspectiva tanto das crianças, como das mães, tentando sobretudo analisar a dinâmica familiar, na sua vida actual em que já não residem com o agressor.

Os resultados indicam alguns aspectos comuns que foram vivenciados pelas vítimas, nomeadamente a presença e frequências de discussões e agressões entre o casal, o que reflectia a relação conflituosa e dificuldades de comunicação entre eles e despoletava sentimentos negativos como o mal-estar quer das filhas, quer das mães e estas acrescentam ainda a presença de sentimentos de vazio interior e em alguns momentos, vontade de abandonar o lar, mas que só posteriormente foram concretizados.

È possível constatar que os participantes deste estudo enunciam alguns dos motivos que a levaram a sair de casa, salientado como principal motivo, o bem-estar dos filhos. Também este sentimento é referido quando relatado com a ausência do pai de casa, uma vez que os comportamentos agressivos deste, causavam sofrimento. Do mesmo modo, é definido de uma forma geral, aquilo que o agressor sentiu com o fim da relação, sendo destacado a sensação de alívio e agrado. Por outro lado, é também mencionado a perda de poder, o que pode ter causado de alguma forma desagrado.

Por isso, o facto de o agressor não fazer parte da família actual, revela-se como algo positivo para toda a família.

Terminada esta investigação, é possível fazer uma análise crítica, apontando deste modo, algumas limitações a este estudo.

Um dos aspectos a considerar remete para a revisão bibliográfica referente aos dois temas abordados, violência doméstica e redes sociais, na medida, em que não forem encontrados estudos que conjuguem ambos temas, nomeadamente com o instrumento

utilizado. Deste modo, esta investigação assume um carácter inovado, sendo que pode ser considerada a título experimental.

Outra limitação encontrada neste estudo remete para a reduzida amostra, revelando-se este um dos maiores constrangimentos nesta investigação, uma vez que se trata de amostra “fugidia”, onde a maioria das vítimas prefere não falar sobre a situação que vivenciou.

Acresce ainda o facto de ter sido abordado a percepção das crianças, o que dificulta ainda mais adesão destas para a participação em investigações como estas. No entanto, pareceu importante arriscar e investir nestes participantes, uma vez que é através de fontes directas que se consegue obter resultados e consequentemente melhorar na forma de compreensão e posteriormente, de intervenção.

Nesta perspectiva, autores como Fautuzzo e Lindquist (1989, cit. por Sani & Abrunhosa, 2007), a maioria das investigações remetem para a experiência subjectiva das crianças que são testemunhas da violência entre os pais e é frequente ser a mãe a fonte de informação.

Neste estudo, recorreu-se igualmente à mulher e mãe, vítima directa dos acontecimentos de violência, como o objectivo de recolher por um lado, as informações referentes às suas vivências, mas sobretudo dados relativos à experiência dos filhos. Tal aconteceu, porque pareceu importante neste estudo, abordar a perspectiva familiar, uma vez que quando existe violência doméstica ela afecta não só a vítima directa, mas também toda a dinâmica familiar é perturbada.

Contudo, é de salientar que os filhos não são em igual número que as mães, pelos motivos já referidos anteriormente.

Por fim, parece importante referir outra limitação, que diz respeito ao guião de entrevista. Uma vez realizadas as entrevistas e analisada os seus conteúdos, foi possível constatar que em estudos futuros, poderão ser feitas outras abordagens, como por exemplo, perceber qual a concepção que as crianças têm do conceito de violência e se a utilizam em outros contextos sociais, como sendo a escola e a relação com os pares e se a usam como forma de resolução de conflitos.

No entanto, e como já referido anteriormente, a abordagem e a tentativa de relacionar os temas apresentados nesta investigação (violência doméstica e redes sociais), podem assumir alguma importância para a investigação nesta área e que se possibilite a continuidade de estudos como estes. Até porque temos a ideia de que a família é um lugar seguro, onde prevalece o afecto, contudo e tal como refere (Giddens, 1993, cit. por Fonseca et al, 2003)

*“A casa é o lugar mais perigoso  
das nossas sociedades e os  
parentes são os principais agressores”*

## Referências

- Aglio, D. D. D.; Koller, S.H. & Yunes, M. A. M. (2006). *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: Do conceito à avaliação. *Psychologica*, vol.4, 44, 353-376.
- Alarcão, M. & Gaspar, M.F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia*, 17, 36, 89-102.
- Alberto, I. (2004). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Almedina.
- Almeida, A.N. ; André, I.M & Almeida H. N. (1999). Sombras e marcas: os maus - tratos às crianças na família. *Análise Social* vol. XXXIV (150), 91-121.
- Amar, J.A. & Gómez, M. B. (2006). Vínculos de apego em niños vítimas de la violencia intrafamiliar. *Psicología desde ele Caribe*, nº 18, 1-22.
- Antoni, C.& Koller, S.H. (2000). A visão da família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 347-381.
- Bahamón, L.M.S. (2005). Transmisión intergeneracional de la violencia intrafamiliar: evidencia para las familias colombianas. *Desarrollly Y sociedad*, 2ºsemestres, 285 – 338.
- Ballonga, J.; Cánovas, C.; Casanny, R.; Caso, C.; Gimeno, J.; Guillamat, A.; Juliá, M.; Mercadal, C.; Ortí, M.; Sala, M. & Valbona, E. (2007). Estúdio descritivo de família com dinâmicas de violencia doméstica en un contexto judicial de orden civil. *Anuário de Psicologia Jurídica*, vol.17, 9-39.
- Bayle, F.& Martiinet, S. (2008). *Perturbações da parentalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Böiing, E.; Crepaldi, M.A.& Moré, C.L.O.O. (2008). Pesquisa com famílias: aspectos teóricos – metodológicos. *Paidéia*, 18, 40, 251 – 266.
- Brancalhona, P.G.; Fogo, C. J. & Williams, L. C. A. (2004). Crianças expostas à violência

conjugal: avaliação do desempenho acadêmico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol.29, n°2, 113 – 117.

Bronfenbrenner, U. (1996). *Ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bronfenbrenner, U. (1998). *Handbook of child psychology*. Newyork: Theoretical models of human development.

Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks: Sage. .

Carvalho, T. (2007). *Violência doméstica sobre os menores*. Actas de colóquio direito das crianças e jovens. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Casimiro, C. (2008). Violências na conjugalidade: a questão da simetria de género. *Análise Social*, vol. XIII.

Costa, L. G. (2009). *A rede de apoio social de jovens em situações de vulnerabilidade social e o uso de drogas*. (Dissertação de Mestrado). Rio Grande do Sul: Instituto de Psicologia, Universidade do Rio Grande do Sul.

Coutinho, M.J. & Sani, A.I. (2008a). A experiência de vitimação de crianças acolhidas em casas de abrigo. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 188-201.

Coutinho, M.J. & Sani, A.I. (2008b). Evidencia empírica na abordagem sobre as consequências da exposição à violência interparental. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, 5, 284-29.

Couto, M.C.P.P.; Koller, S. H.; Novo, R.; Soares, P.S. ( 2008). Adaptação e utilização de uma medida de avaliação da rede de apoio social – diagrama da escolta – para idosos brasileiros. *Universitas psychologica*, 7, n°2, 493 – 505.

Cuunningham, A. & Baker, L. (2007). *Little eyes, little ears: how violence against a mother's shapes a children as they grow*. London: Center for Children & Families in the Justice Systems of the London Family Court Clinic.

- Dell 'Aglio, D.D. (2002). *O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes*. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Dias, I. (1997). Estratégias de pesquisa qualitativa no estudo da violência na família. Metodologias qualitativas para as ciências sociais. *Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto*, 29-39.
- Duque, C. & Santos, P.I. (2009). Fragmentos da violência familiar: um estudo de caso. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 86-95.
- Ferreira, L.P.C. (2005). *Parentalidade e problemas de comportamento*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Fonseca, L.; Sousa, C.; Vaz, J.M (2003). *A sexologia, perspectiva multidisciplinar II*. Coimbra: Edições Quarteto.
- Franco, L.R; Cepero, J.L. & Díaz, F.J.R. (2009). Violencia doméstica: una revisión bibliográfica y bibliométrica. *Psicothema*, 21,2, 248-254.
- Fuster, E. G. (2002). Visibilidade y tolerancia social de la violencia familiar. *Intervencion Psicosocial*, vol.11, nº2, pp. 201-211.
- Galván, J.; Serna, G.& Hernández, A. (2008). Aproximación de las redes sociales: una vía alterna para el estudio de la conducta de uso de drogas y su tratamiento. *Salud mental*, 31, 391- 402.
- Giant, C. & Vartanian, L. (2003). Experiences with Parental Aggression During Childhood and Self-Concept in Adulthood: The Importance of Subjective Perceptions. *Journal of Family Violence*, 6, 361-367.
- Gómez, A.M.; Godoy, G.; García, D. & Sarmiento, F.E.L.(2009). Amor y violencia: outro coctel neuropatológico en el siglo XXI. *Salud Uninorte* 25(2), 350-361
- Gonçalves, S. & Sani, A.I. (2006). *Agressividade em crianças e jovens e exposição à violência interparental*. Actas da XI conferência internacional de avaliação psicológica: formas e contextos. Braga: Psiquilibrios.

- Grossi,R.; Partala, L.I.Z. & Kaminski, C.R. (2204). Aspectos psicológicos em crianças institucionalizadas vítimas de violência domestica. *Iniciação Científica, vol.6, n°1, pp.37-44.*
- Lisboa, C.; Koller, S.H.; Ribas, F.F.; Bitencourt, K; Oliveira, L.; Porciucula, L.P. & Marchi, R.B.(2002).*Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. Psicologia: Reflexão e Crítica, 15, (2),345-362.*
- Macedo, R. M.(1994). A família do ponto de vista psicológico. Lugar seguro para crescer? *Caderno Pesquisa, n°91, 62-68.*
- Machado, C.; Gonçalves, M. & Matos, M. (2004). Práticas educativas parentais e violência: Um estudo na região Norte. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia.*
- Machado, C.; Matos, M. & Gonçalves, M. (2008). *Avaliação psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa.* Coimbra: Edições Quarteto.
- Magalhães, T. (2002). *Maus-tratos em crianças e jovens.* Coimbra: Edições Quarteto.
- Manita, C. (2008). Programas de intervenção em agressores de violência conjugal: Intervenção psicológica e prevenção da violência doméstica. *Ousar Integrar – Revista de inserção social e prova.*
- Martins, D.D.R. (2005). *Auto - conceito de crianças expostas à violência interparental* (Monografia de Licenciatura). Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Martins, C.S.; Ferriani, M. G.C.; Silva, M.A.I.; Zahr, N.R.; Arone, K.M.B & Roque, E.M.S.T. (2007). Family Dynamics from the perspective of parents and children involved in domestic violence against children and adolescents. *Revista Latino -Americana Enfermagem, 15 (5), 889-894.*
- Matos, M. (2001). Retratos de violência na conjugalidade. *Revista Portuguesa de Ciência Criminal, 11, 99-128.*
- Matos, M. (2002). *Violência e Vítimas de crimes.* Coimbra: Edições Quarteto.
- Matos, M. & Machado, C. (1999). Violência conjugal e o modelo de intervenção em crise. *Psicologia, Investigação e Prática, vol.4, n°2,373-388.*

- Menard, S.(2002). Short –and long- term consequences of adolescent victimization. *Youth Violence Research Bulletin*.
- Miranda, M.P.M.; Paula, C.S. & Bordin, I. A. (2010). Violência conjugal física contra a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. *Revista Panam Salud Publica*, 27(4), 300-309.
- More, C. L.O. O. (2005). As redes pessoais significativas como instrumento de intervenção psicológica no contexto comunitário. *Paidéia*, 15 (31), 287-297.
- Neugut, T.B; Edleson, J.L. & Tolman, R.M. (2010). *Children exposure to domestic violence: Prevention approaches with mothers and fathers*. St. Louis, MO: G.W. Medic
- Neves, I. (2007). *As crianças e os jovens que testemunham a violência interparental: Uma perspectiva integral da vitimização nos casos de violência nas relações de intimidade*. Actas de colóquio direito das crianças e jovens. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Neves, A.S. & Romanelli, G. (2006). A violência doméstica e os desafios da compreensão interdisciplinar. *Estudos de Psicologia*, vol.23, nº3, 299-306.
- Piedrahita, L.E.; Martínez, D. A. & Vinazco, E.L. (2007). *Univeridade Psychology Bogotá*, 6 (3), 581-587.
- Pinto, J.M.; Montinho, L.M.S. & Gonçalves, P.R.C. (2008). O doente queimado e a dinâmica familiar: o impacto da doença na família. *Revista Referencia*, 2ªserie, nº6, 69-76.
- Ramírez, L.Y.A. (2008). Modelos ecológicos de la violencia familiar: Los sistemas autoritarios y de género como posibles referentes explicativos a su interior. *Perpectivas em psicologia*, 5,1,128-134.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, J.L.P. (1999). Escala de Satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3 (XVIII), 547-558.
- Rocha, V.A.D.M.Q. (2007). *Exposição à violência interparental: estudo de caso numa CPC J* (Monografia de Licenciatura). Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Roger, M.J. & Holmbeck, G. N. (1997). Effects of Interparental Agression on childrens’s

Adjustment: The Moderating role of cognitive appraisal and coping. *Journal of Family Psychology*, vol.11, 1, 125 – 130.

Rosas, F.K. & Cionek, M.I.G. D. (2006). O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem. *Conhecimento interactivo*, v.2, n.1, pp.10.15.

Sani, A.I. (1999). As vítimas silenciosas: a experiência da vitimização directa nas crianças. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 247-257.

Sani, A.I. (2003). *As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência interparental*. (Tese de Doutoramento). Braga: Universidade do Minho.

Sani, A.I. (2004a). O discurso de crianças expostas à violência interparental: estudo qualitativo. *Psychologica*, 36,109-139.

Sani, A.I. (2004b). Abordagens teóricas da violência interparental: compreensão do ajustamento da criança ao conflito dos pais. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 153-177.

Sani, A.I. (2006a). Vitimação indirecta de crianças em contexto familiar. *Análise Social*, vol. XLI, 849-864.

Sani, A. I. (2006b). As variáveis mediadoras do impacto na criança da exposição à violência interparental. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 2,111-133.

Sani, A.I. (2008). Mulher e mãe no contexto de violência domestica. *Ex aequo*, 18, pp.123-133.

Sani, A.I.; Gonçalves, R.A. & Keating, J.B. (2000). As realidades experienciais de crianças vítimas e testemunhas de violência. *Série Relatórios de Investigação*. Centro de Estudos de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.

Santos, L.V. & Costa, L. F. (2004). Avaliação da dinâmica conjugal violenta e suas repercussões sobre os filhos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 59-72.

Serrano, A.M. & Bento, A. (2004). Identificação das Redes de Apoio Social num grupo de Famílias de Risco. *Inclusão*, 5, 97 – 111.

- Silva, P.A.; Lunardi, V.L., Silva, M.R.S., Filho, W.D.L. (2009). A notificação da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes na percepção dos profissionais de saúde. *Cienc. Cuid. Saúde*, 8(1), 56-62.
- Vala, J. (2003). Análise de Conteúdo. In: Silva, A. S. & Pinto, J.M. (orgs). *Metodologia das Ciências Sociais*, 12º edição. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento.
- Venturini, F.F.; Alves, Z.M.B.; Sagim, M.B. & Delfino, V. (2005). A família para as crianças e adolescentes vitimizados. *Família, Saúde Desenvolvimento*, v.7, n.3, pp.230.237.
- Tavares, F. A. & Pereira, G. C. (2007). Reflexos da dor: contextualizando a situação das mulheres em situação de violência doméstica. *Revista Textos & Contextos*, 6,2, 410-424.
- Zottis, G.A.H.; Algeri, S. & Portella, V. C.C. (2006). Violência intrafamiliar contra a criança e as atribuições do profissional de enfermagem. *Família, Saúde Desenvolvimento*, v.8, n.2, p.146-153.
- Zuma, C.E. (2004). A visão sistémica e a metáfora de rede social no trabalho de prevenção de violência intrafamiliar em comunidades. *Nova Perspectiva Sistémica*, 23.

## **ANEXO 1**

## GUIÃO DE ENTREVISTA À CRIANÇA E ÀS MÃES

### VÍTIMAS DE EXPERIÊNCIA ABUSIVA

(adaptado de Sani, 2002)

#### 1ª PARTE – Entrevista às crianças e jovens – 3 Momentos

##### (1) Viver com a violência (com ambos os pais)

###### a) Percepção da violência

Para começar gostaria que me falasses um pouco da tua família...

- Gostaria agora que me falasses um pouco da relação com os teus pais, quando viviam juntos...
- Havia discussão...
- Do que te lembras...
- Quando acontecia... (Em que alturas acontecia...)
- E porquê...
- Quando haviam essas discussões, como é que te sentias...

##### (2) Viver em transição

###### b) Percepções sobre a saída de casa

Agora gostaria que me falasses um pouco do que aconteceu quando o teu pai saiu de casa....

- Fala-me um pouco sobre como e quem decidiu mudar / sair de casa...
- Quem tomou a decisão...
- E porquê...
- E como essa decisão foi sentida por ti... E pela tua mãe... Pai... E irmãos...

- O que sentiste com a saída do teu pai...
- Achas que a tua mãe podia ter feito alguma coisa antes ...Porquê...

**(3) Viver sem violência** (só com a mãe)

E por fim gostaria que me falasses como é a tua família agora ....

**c) Percepção do abusador / pai**

- O que melhorou na tua vida com esta decisão...
- Gostava que me falasses um pouco de como vês o teu pai ...Coisas positivas e coisas negativas...
- Como é que são os contactos do teu pai contigo...
- Como é a tua relação com o teu pai...
- E como é que a tua relação com a tua mãe...
- E como é que a tua relação com os teus irmãos...
- Como achas que a tua mãe vê o teu pai...

**d) Percepção das reacções cognitivas e emocionais**

- Em que é que é diferente a tua vida agora...
- Como é que te sentes agora...
- Como é que achas que se sente a tua mãe... E os teus irmãos...
- Sentes que a tua vida está melhor agora...

## 2ª PARTE – Entrevista às mães – 3 Momentos

### (1) Viver com a violência (com o abusador)

#### a) Percepção da violência

- Para começar gostaria que me falasse um pouco da sua família...
- Gostaria agora que me falasse um pouco da sua relação com o seu ex-companheiro, quando viviam juntos...
- Havia discussão...
- Do que se lembra...
- Quando acontecia... (Em que alturas acontecia...)
- E porquê...
- Quando haviam essas discussões, como é que se sentia...
- E como acha que os seus filhos se sentiam...

### (2) Viver em transição

#### b) Percepções sobre a saída de casa

Agora gostaria que me falasse um pouco do que aconteceu quando o seu ex-companheiro /marido saiu de casa....

- Fale-me um pouco sobre como e quem decidiu mudar / sair de casa...
- Quem tomou a decisão...
- E porquê...
- E como essa decisão foi sentida por si? E pelos seus filhos? E pelo seu ex-companheiro...
- O que sentiu com a saída do seu ex- companheiro/ marido...

- E como acha que os seus filhos se sentiram com a saída do pai...
- Acha que ter feito alguma coisa antes... Porquê...

**(3) Viver sem violência** (só com a mãe)

E por fim gostaria que me falasses como é a sua família agora ....

**c) Percepção do abusador / pai**

- O que melhorou na sua vida com esta decisão...
- Gostava que me falasse um pouco de como vê o seu ex-companheiro/marido... Coisas positivas e coisas negativas...
- Como é que são os contactos do ex- companheiro/marido consigo...E com os seus filhos...
- Como é a tua relação com os seus filhos...
- Quem é o seu ex- companheiro/ marido para si...

**d) Percepção das reacções cognitivas e emocionais**

- Em que é que é diferente a sua vida agora...
- Como é que se sente agora...
- Como é que acha que se sentem os seus filhos...
- Sente que a sua vida está melhor agora... E a dos seus filhos...

## **ANEXO 2**

O Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP-R), é um questionário sobre redes sociais que pretendem conhecer a estrutura da sua rede social, assim como a função e características específicas das relações que mantém com outras pessoas que são importantes para si.

Agradecemos a sua colaboração.

Responda a todas as questões, de acordo com a sua situação e faça-o com toda a sinceridade. Não existem respostas certas nem erradas.

## PARTE I

A. De seguida seguem-se algumas informações sobre si:

**Sexo:** Feminino

Masculino

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Estado Civil:** \_\_\_\_\_

**Profissão:** \_\_\_\_\_

**Situação Profissional:** \_\_\_\_\_

**Zona de Residência:** \_\_\_\_\_

**Escolaridade:**

Analfabeto /4ºano incompleto

4ºano completo

5/6ºano

7º/8º/9ºano

Ensino secundário

Frequência universitária

B. De seguida, indique o nome das pessoas ou instituições (técnicos) com quem esteve em contacto nos últimos seis meses e que foram significativos na sua vida (essa relação pode ser positiva ou negativa/conflitual).

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

B.1. Agora coloque estas pessoas que identificou, pelas seguintes categorias (caso a mesma pessoa pertença a duas ou mais categorias, coloque-a onde ache que é mais significativa):

Família: \_\_\_\_\_

---

---

---

Amigos: \_\_\_\_\_

---

---

---

Colegas de trabalho/ estudo: \_\_\_\_\_

---

---

---

Vizinhos: \_\_\_\_\_

---

---

---

Instituições: \_\_\_\_\_

---

---

---



	<b>ELEMENTO da REDE</b> (refira as pessoas ou instituições)	<b>IDADE</b>	<b>PROFISSÃO</b>	<b>FREQUÊNCIA DOS CONTACTOS</b> 1- Diariamente 2- Algumas vezes por semana 3- Semanalmente 4- Uma ou mais vezes por mês 5- Algumas vezes por ano	<b>RESIDÊNCIA</b> 1- Na mesma casa 2- Na mesma rua /bairro 3- Na mesma terra 4- Até 50 km 5- A mais de 50Km
FAMÍLIA					

	<b>ELEMENTO da REDE</b> (refira as pessoas ou instituições)	<b>IDADE</b>	<b>PROFISSÃO</b>	<b>FREQUÊNCIA DOS CONTACTOS</b> 1- Diariamente 2- Algumas vezes por semana 3- Semanalmente 4- Uma ou mais vezes por mês 5- Algumas vezes por ano	<b>RESIDÊNCIA</b> 1- Na mesma casa 2- Na mesma rua /bairro 3- Na mesma terra 4- Até 50 km 5- A mais de 50Km
AMIGOS					

	<b>ELEMENTO da REDE</b> (refira as pessoas ou instituições)	<b>IDADE</b>	<b>PROFISSÃO</b>	<b>FREQUÊNCIA DOS CONTACTOS</b> 1- Diariamente 2- Algumas vezes por semana 3- Semanalmente 4- Uma ou mais vezes por mês 5- Algumas vezes por ano	<b>RESIDÊNCIA</b> 1- Na mesma casa 2- Na mesma rua /bairro 3- Na mesma terra 4- Até 50 km 5- A mais de 50Km
VIZINHOS					

	<b>ELEMENTO da REDE</b> (refira as pessoas ou instituições)	<b>IDADE</b>	<b>PROFISSÃO</b>	<b>FREQUÊNCIA DOS CONTACTOS</b> 1- Diariamente 2- Algumas vezes por semana 3- Semanalmente 4- Uma ou mais vezes por mês 5- Algumas vezes por ano	<b>RESIDÊNCIA</b> 1- Na mesma casa 2- Na mesma rua /bairro 3- Na mesma terra 4- Até 50 km 5- A mais de 50Km
<b>COLEGAS</b> (de trabalho ou de estudo)					

	<b>ELEMENTO da REDE</b> (refira as pessoas ou instituições)	<b>IDADE</b>	<b>PROFISSÃO</b>	<b>FREQUÊNCIA DOS CONTACTOS</b> 1- Diariamente 2- Algumas vezes por semana 3- Semanalmente 4- Uma ou mais vezes por mês 5- Algumas vezes por ano	<b>RESIDÊNCIA</b> 1- Na mesma casa 2- Na mesma rua /bairro 3- Na mesma terra 4- Até 50 km 5- A mais de 50Km
<b>INSTITUIÇÕES</b>					

De seguida preencha o seguinte quadro, de acordo com o tipo de apoio que cada um dos elementos que identificou lhe dá, nomeadamente:

*Emocional* – “posso contar com essa pessoa num clima de simpatia, compreensão e carinho”

*Financeiro* - “essa pessoa empresta-me dinheiro em caso de necessidade”;

*Material ou Instrumental* – “essa pessoa ajuda-me nas coisas do dia-a-dia, como refeições, cuidar dos filhos, etc..”

*Técnico ou serviço* – “quando essa pessoa lhe presta um serviço técnico, com base em conhecimento especializado”;

*Cognitivo ou aconselhamento* – “uma pessoa que lhe dá conselhos ou lhe diz como deve fazer”;

*Acesso a novos contactos* – “alguém que lhe indica a quem deve recorrer e/ou apresenta-me a pessoas novas”;

*Companhia social* – “uma pessoa que lhe faz companhia”;

*Regulação social* – “essa pessoa lembra-me como devo ou não devo comportar-me”.

Relativamente a cada das pessoas/instituições que identificou e para cada tipo de apoio, refira ainda se essa pessoa:

1- não lhe dá nenhum apoio; 2- se lhe dá algum apoio; 3- dá-lhe apoio suficiente;

EMOCIONAL	FINANCEIRO	INSTRUMENTAL	TÉCNICO	ACONSELHAMENTO	ACESSO A NOVOS CONTACTOS	COMPANHIA SOCIAL	REGULAÇÃO
Nível apoio dado: 1-Nenhum apoio; 2- Algum apoio; 3- Apoio suficiente;							


Para terminar, refira quem conhece quem, das pessoas que identificou:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## **ANEXO 3**

## **Declaração de consentimento**

Eu \_\_\_\_\_, na qualidade de progenitora do (a) menor \_\_\_\_\_

Autorizo a sua participação no Estudo intitulado “A percepção da vítimas sobre a violência na família e a percepção da sua rede social”, realizado por Elisabete Marina dos Santos Amaral Fonseca, aluna do Mestrado de Psicocriminologia, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Declaro que fui informada de todos os objectivos e procedimentos do mesmo estudo, do seu carácter anónimo e sigiloso, assim como da possibilidade de desistência em qualquer momento da entrevista.

Autorizo também a gravação da entrevista, para futura análise do seu conteúdo.

## **ANEXO 4**

## ENTREVISTA AO B.

**E.-“ Eu gostava que tu me falasses um pouco de como era a tua família...”**

B. – “É uma boa família, por exemplo.”

**E.- “E o que é uma boa família para ti....”**

B.-“ É estar todos juntos ...”(silêncio...)

**E.- “Estar todos juntos...”**

B.-“ haaaaa.. Estarmos todos à mesa quando para o jantar ou para o pequeno – almoço...”

**E.-“ Às refeições...”**

B.- “Sim às refeições todas”.

**E.- “E quem são as pessoas de uma boa família...”**

B.-“ A mãe e os irmãos”.

**E.-“ Está bem...E lembras-te como era a relação dos teus pais quando eles viviam juntos...como era essa relação...”**

B.- Oh o meu pai discutia sempre com a minha mãe, sempre arranjava problemas, enquanto a minha mãe não fazia nada, ficava no seu cantinho. O meu pai ah...batia-lhe sempre, sem fazer nada.”

**E.-“ Então havia discussões...”**

B.- (Abana a cabeça a dizer que sim).

**E.-“ E do que é que tu te lembras...”**

B.-“ Também me lembro quando ele saiu de casa, um amigo dele lhe veio buscar para viver...viver na nova casa, mas teve que esperar alguns para viver nessa casa.”

**E.-“É disso que tu te lembras, do dia em que o teu pai saiu de casa...(B. acena com a cabeça que sim). E lembras-te das discussões...”**

B.- ah. (silêncio) Eu lembro-me de outra vez, a minha mãe estava tão bem disposta e o meu pai veio, veio e lhe torceu o dedo..(silêncio)”.

**E.- “ E tu viste...”**

**B.- “Sim vi..”**

**E.-“E lembras-te de quando acontecia...Em que altura do dia acontecia...”**

**B.-“ À noite...”**

**E.- “ Era a noite...E tu sabes porquê que acontecia...”**

**B.-“(abana a cabeça dizendo que não sabe e ao fins de alguns segundos...) Ah já sei, porque o pai às vezes tinha relações com outras mulheres, ele também ia muitas vezes à discoteca e também arranjava namoradas e depois é por isso que ele tinha de arranjar confusão com a minha mãe e ela quis divorciar-se dele.”**

**E.-“ Olha e quando haviam essas discussões, como é que tu te sentias...:”**

**B.-“ Me sentia bem mal.”**

**E.-“ Sentias-te bem mal, sentias-te muito mal...”(B. acena com a cabeça que sim). E o que é isso de uma pessoa se sentir bem mal....”**

**B.-“ Ah... não gosto muito de estar a ouvir discutir ou a ver uma pessoa muito triste, porque eu gosto de estar feliz ...”**

**E.-“ Gostas de estar feliz ... (B. acena com a cabeça que sim...) . Então depois o teu pai saiu de casa, lembras-te do que aconteceu quando ele saiu de casa...”**

**B.- “Ele primeiro foi, primeiro ele ficou uns dias na casa da irmã dele... “**

**E.-“ Lembras-te do dia em que ele saiu de casa...”**

**B.- “Não mas só sei que saiu ao fim da tarde ...”**

**E.- “Ao fim da tarde ..Sabes quem é que decidiu sair de casa...Quem tomou a decisão...”**

**B.- “Foi ele...”**

**E.- “ Foi ele que tomou essa decisão...”**

**B.-“ Acena com a cabeça que sim...”**

**E.-“ E sabes porque é que ele tomou essa decisão...”**

B.-(silêncio)...acena com a cabeça que não...

**E.-“ Tens alguma ideia porquê que ele saiu...”**

B.- “Porque ele não queria mais a minha mãe. Agora... agora já tem uma namorada, agora até a namorada diz “ah! Este é o meu filho e este é o meu esposo, este é o meu esposo futureiro.”

**E.-“ Podes repetir o que ela diz..:”**

B.-“ Ela diz este é o meu filho e este é o meu esposo futureiro ...”

**E.-“ E ela quando diz filho, é para ti... És tu que és o filho dela...”**

B.-“ Sim mas eu digo que não..”

**E.-“ Tens a tua mãe. E como é que tu sentiste essa decisão do teu pai...”**

B.-“ Eu fiquei feliz porque assim para lhe deixar mais em paz, para não haver mais discussões.”

**E.-“ E como achas que a tua mãe sentiu com essa decisão de ele sair de casa...”**

B.-“ Também foi a mesma decisão.”

**E.-“ Sim e como achas que ela se sentiu..:”**

B.-“ Sentiu bem!”

**E.-“ E o teu pai..”**

B.-“ Também sentiu bem...”

**E.-“ Também se sentiu bem...e como é que tu te sentiste com a decisão do teu pai...”**

B.-“ Também...”.

**E.-“ Também te sentiste melhor... (B. acena com a cabeça que sim...). E achas que a tua mãe podia ter feito alguma coisa antes para terminar as discussões...”**

B.-“ hum..na minha opinião ou ia para outra casa ou ia para uma casa de uma pessoa conhecida ... Assim ele já não descobria as coisas.”

**E.-“ E porquê que tu achas que a tua mãe poderia ter feito alguma coisa antes...”**

**B.-“ (silêncio)...ah...ela devia ter fugido dali. Era a melhor opinião.”**

**E.-“ Depois o teu pai saiu de casa, como é tu vês a tua família agora...”**

**B.-“ Vejo bem... Aprecio bem a minha família.”**

**E.-“ E quem são as pessoas da tua família....”**

**B.-“ Eu, a mãe e os irmãos.”**

**E.-“ E o que é que melhorou na tua vida com a saída do teu pai...”**

**B.- “Porque ele quase que não me deixava mexer em nada, agora quase que não me deixa ir jogar no computador.”**

**E.-“ E para ti o que é que melhorou na tua vida com a saída dele, foi poder mexeres nas coisas que tu querias...”**

**B.- “Assim ele me deixou em paz! Assim eu já estou disposto a mexer nas coisas.”**

**E.-“ Podias fazer o que tu querias, é isso...(B. acena com a cabeça que sim). E como é que tu vês o teu pai....”**

**B.-“ Agora ele já tem uma casa mas só que é alugada, a outra esposa agora diz que é o outro filho... que a esposa futureira diz... “este é o meu filho””**

**E.-“ Quando te digo como vês o teu pai, é saber coisas positivas e coisas negativas que ele tem....”**

**B.- “ (silêncio). Eu não sei.... (silêncio). Acho que não tem nenhuma coisa positiva porque arranjava sempre discussões com a minha mãe e ela ficava sempre no seu cantinho.... E...deixava, deixava em paz quase toda a gente aqui de casa, mas só ...mas o meu pai é que incomodava muito, às vezes quando chegava às cinco da manhã, acordava sempre a minha mãe para lhe bater...(silêncio).”**

**E.-“ E tu lembras-te disso (B. acena com a cabeça que sim) Ele fazia barulho....”**

**B.- “Sim fazia...”**

**E.-“ E tu acordavas....”**

B.-“ Eu não, mas ouvia tudo.”

E.- “Ficavas lá na tua cama (B. acena com a cabeça que sim). Então e coisas negativas que achas que o teu pai tem....”

B.-“ Negativas.. epá muita coisa!”

E.-“ Muita coisa como o quê....”

B.-“ Por exemplo, ah..quando ele tem o seu dinheiro mas quando eu lhe peço para aí três euros, ele diz “ah! não tenho!, mas quando é para a esposa futureira já tem!”

E.-“ Para ti não tem....”

B.-“(acena com a cabeça que não).

E.-“ então quando tu precisas e ele não te dá, é uma coisa negativa para ti...”

B.-“ Sim.. Por exemplo jogar no computador, ele não deixa, ele diz “vais estragar o computador”(silêncio)....”

E.-“ E tu não jogas...”

B.-“ Não...tenho que pedir a *psp* no meu primo, porque eu não gosto de pedir.”

E.-“ Então mas tu disseste que havia muitas coisas negativas, há mais alguma ...”

B.- “Quando eu vou ligar a *psp*, ele diz sempre “desliga isso”.(silêncio).

E.- “Então tu na casa dele continuas sem mexer nas coisas dele....”( B. acena com a cabeça que sim). E como são os contactos com o teu pai...”

B.- “Alguns bons, alguns maus...”

E.-“ Mas costumavas vê-lo...(B. acena com a cabeça que sim). E quantos dias por semana tu vais à casa dele.”

B.-“ ah...só na outra semana é que eu vou, e terças e quintas.”

E.-“ Só vais esses dias...”

B.-“ Só e vou aos fins-de-semana também, alguns....”

**E.-“ É de quinze em quinze dias...(B. acena com a cabeça que sim) E como é a relação com o teu pai...”**

**B.-“(silêncio). Boa!”**

**E.-“ E o que é isso de ser boa...”**

**B.-“ Eu converso com ele, falo de bom gesto.”**

**E.-“ Falas de bom gesto ...”**

**B.-“ Eu falo de bom gesto mas ele....negativo! Fala de mau gesto.”**

**E.- “ Queres explicar melhor o que é falar de bom gesto...”**

**B.-“ Falar de boas coisas e ele está sempre a falar de coisas más, até fica sempre a ver pornografia no computador!”**

**E.-“ Mas à tua frente....”**

**B.-“ Não!”**

**E.-“ Então como é que tu sabes....”**

**B.-“ Da outra vez, da outra vez quando eu lhe abri o computador já estava lá o coiso da pornografia. E isso já não é pela primeira vez que acontece.”**

**E.-“ Mas tu dizias há pouco que a tua relação com o teu pai era boa....”**

**B.- “Ele às vezes fala de bom gesto, outras vezes deixa-me fazer tudo o que eu quiser, mas menos mexer no computador.”**

**E.-“ Isso é que ele não deixa...”**

**B.-“ Sim!”**

**E.- “Deixa ver se eu entendi, falar de bom gesto é falar de coisas boas, como a escola, é isso...Ele fala de quê contigo...”**

**B.-“ Ele fala do trabalho lá da embaixada que ele trabalha.... “**

**E.-“ E como a tua mãe, como é que é a tua relação...”**

**B.-** “ Ele não fala da minha mãe, ele da outra vez disse “ah a minha esposa vai morrer”. Está toda a hora a dizer isso.”

**E.-** “ **Mas diz isso à tua frente...**”

**B.-** “ Sim com a irmã, eu ouvi tudo mesmo!”

**E.-** “ **E a tua relação com a tua mãe, como é...como é que vocês se dão...**”

**B.-** “ Nós damo-nos muito bem!”

**E.-** “ **E o que é dar muito bem...**”

**B.-** “ Ah...falamos bem uns aos outros...”

**E.-** “ **O que é que tu falas com a tua mãe...**”

**B.-** “Coisas boas! Não é coisas más, como é que o pai fala, às vezes também! Da outra vez fez sexo...eu ouvi o barulho da cama e tudo (silêncio). ”

**E.-** “ **E como é a tua relação com os teus irmãos....**”

**B.-** “ Também é boa!”

**E.-** “ **Também é boa...E o que é isso de ter uma relação boa...**”

**B.-** “ Conversamos, jogamos computador, vemos filmes juntos...e vamos passear também juntos com a minha mãe.”

**E.-** “ **Isso é bom! (B. acena com a cabeça que sim!). E como achas que a tua mãe vê o teu pai...**”

**B.-** “ah... minha mãe ela diz ..“Eu falo dele, eu não falo dele, só digo que ele é nojice”. A minha mãe diz isso, mas eu não digo nada ao meu pai.”

**E.-** “ **Então a tua mãe vê o teu pai como uma pessoa nojenta...(B. acena com a cabeça que sim) E agora em quê que a tua vida é diferente desde que o teu pai saiu...**”

**B.-** “Ele saiu e também desencaminhou o meu irmão.”

**E.-** “ **Qual dos teus irmãos...**”

**B.-** “ O do meio...agora ele quase que não sai...”

**E.-“ E o que queres dizer com o desencaminhar...”**

**B.-“(silêncio). Desencaminhar é como é que eu posso explicar isso...desencaminhar é .... (silêncio)....”**

**E.-“ Em quê que estás a pensar....”**

**B.- “ Desencaminhar é uma pessoa que tenta, que uma pessoa vá parar no caminho errado... e não no caminho certo...”**

**E.-“ E tu sabes o que o teu pai fez para desencaminhar o teu irmão...”**

**B.-“ Não!”**

**E.-“ Não sabes...”**

**B.-“ Como ele batia na minha mãe, também a mesma coisa que acontece comigo agora, acontece, acontecia a mesma coisa com o meu irmão.”**

**E.-“ Mas estás a dizer que o teu pai te bate....”**

**B.-“ Não”.**

**E.-“ Então consegues explicar melhor...”**

**B.-“ Ele dizer...não deixar jogar *playstation*, essas cenas todas...”**

**E.-“ Mas eu percebi que estavas a dizer que o teu pai o que fez com a tua mãe, fez com o teu irmão, mas em que sentido...ele batia ao teu irmão...”**

**B.-“ Não, é a mesma coisa que eu.”**

**E.-“ Não te deixar fazer coisas...”**

**B.-“ Sim!”**

**E.-“ E o teu pai também fazia isso com a tua mãe...Não a deixar fazer certas coisas..”**

**B.-“ Ele, ele...fingia da minha mãe que ela sempre era empregada para ele!”**

**E.-“ Consegues explicar melhor...”**

**B.-**“ As empregadas fazem ...fazem o trabalho para os homens ou as mulheres. E depois ele fazia a minha mãe de empregada.”

**E.-**“ **E que tipo de trabalho...**”

**B.-**“ Quando ela fazia comida, depois ela...depois quando a minha mãe fazia a comida, ele ia sempre de bom garfo.”

**E.-**“ **Ele comia (B. acena com a cabeça que sim.) E era só isso na cozinha que ela era empregada...**”

**B. –** “ Sim.”

**E.-**“ **E como quem são as pessoas da tua família ....**”

**B.-**“ Eu, a minha mãe e irmãos.”

**E.-**“ **Mas para ti a tua vida está diferente agora que o teu pai saiu...**”

**B.-**“ Está!”

**E.-** “ **E em quê, consegues dizer...**”

**B.-**“ (silêncio). (B. pede para eu repetir o que disse)...ah por exemplo, o meu pai só deixava sair o N. mais ninguém, eu ficava, eu e o meu irmão do meio ficávamos sempre em casa, a perder o azar dele.”

**E.-**“ **A perder o azar dele....consegues explicar melhor...tens de me por a par das tuas expressões**”

**B.-** “Azar quer dizer...azar quer dizer que está a fazer chantagem numa pessoa!”

**E.-**“ **Então o teu irmão saía e vocês em casa e ele fazia chantagem com vocês...**”

**B.-**“ Sim!”

**E.-**“ **Que tipo de chantagem...**”

**B.-**“ (silêncio). Para ouvir as expressões dele, e eu não queria ouvir nada!”

**E.-**“ **E que expressões eram....**”

**B.-**“ Só asneiras, ele dizia baboseiras”.

**E.-“ Que tipo de baboseiras....”**

**B.-“** Epá ele dizia muitas asneiras, depois “ ah..não sei quê, a tua mãe não presta, não sabe cozinhar”, começou a usar essas expressões e depois já vinha com muitas asneiras.”

**E.-“ Isso é que é fica aqui com o azar dele....(B. acena com a cabeça que sim) E agora isso acabou, vocês podem sair todos...”**

**B.-** “Sim!”

**E.-“E por isso a tua vida está diferente....É só isso...”**

**B.-“** Sim. E montes de cenas também!”

**E.-“ E que montes de cenas são essas....” (tive que repetir pois B. distraiu-se)**

**B.-“** As coisas estão diferentes porque.....agora...a minha família está feliz, porque o meu pai dizia sempre muitas coisas que a minha mãe não gostava. Um dia tirou o meu passaporte, mexia sempre nos meus documentos... mexia sempre nos documentos, andava a vasculhar e tirou o meu passaporte....”

**E.-“ E depois....”**

**B.-“** Ele tirou e ficou com o meu passaporte....”

**E.-“ E sabes porquê que ele queria o teu passaporte...(B. acena com a cabeça que não). Então e como é que tu sentes agora que o teu pai já não vive aqui...**

**B. -** “Sinto-me bem! Agora já posso...já posso sair à vontade, jogar à bola porque ele também não me deixava sair para jogar à bola...”

**E.-** “ E agora sais...(B. acena com a cabeça que sim). E como achas que a tua mãe se sente...”

**B.-** “Ela diz “ estou livre, estou melhor do que ele!”.

**E.-** “ Isso é o que ela diz e o que tu achas...”

**B.-“** Eu acho melhor!”

**E.-“** Achas melhor que ele não esteja aqui. (B. acena com a cabeça que sim). E como tu achas que a tua mãe se sente sem ele estar aqui...”

**B.-** “ Sente-se bem, sente-se à sua disposição.”

**E.-**“ À sua disposição, é poder fazer o que ela quiser?”

**B.-**“ Sim!”

**E.-**“ E os teus irmãos como achas que eles se sentem...”

**B.-**“ É a mesma coisa.”

**E.-** “ A mesma coisa que a tua mãe...(B. acena com a cabeça). E no que pensas que a tua vida está melhor agora...(silêncio) B. estava distraído novamente e eu repeti...”estavas distraído....”

**B.-** “Sim um bocadinho...”

**E.-** “Não faz mal...Em que é que tu sentes que a tua vida está melhor agora...”

**B.-**“ Por exemplo, é melhor, eu ia com a minha mãe ao minimercado, só que o meu pai não deixava, agora já posso, já tou libertado para ir... para ir ao minimercado com a minha mãe.”

**E.-**“ E antes não ias...”

**B.-**“ Não!”

**E.-**“ Nem ias jogar á bola, nem passear...”

**B.-**“ Passear com ele era um azar....ele estava toda a hora a fazer perguntas, ele sabia que eu não falava, como é que ele ia fazer perguntas...”

**E.-**“ Porquê que tu não falavas...”

**B.-**“ Eu tinha três anos...ainda não falava .”

**E.-**“ tu não falas porque não querias, mas porque não sabias...”

**B.-**“ Sim, não sabia falar. Eu comecei a falar com cinco anos.”

**E.-** “ Mas agora falas muito bem e na escola não falas demais...”

**B.-**“ Não!”

**E.-**“ B. terminamos, muito obrigada!”.

## **ANEXO 5**

## ENTREVISTA À SENHORA V.

**E. – “Eu para começar, gostaria que me falasse um pouco da sua família...”**

V. – “A minha família...estou perdida!...A minha família, dos nomes dos filhos, como nós vivemos...bem isso começou assim...primeiro em 91 o marido veio para aqui, ele para vir para aqui foi com o meu dinheiro, com o meu dinheiro ele comprou bilhete e trouxe mais alguns na mão para comprar algo para a casa, para quando ele voltasse. Na altura já tínhamos os dois filhos... não só tinha o mais velho e estava grávida do segundo filho e ele veio. Só que veio para aqui e não voltou, mas encontrou emprego, estava a trabalhar mas isso na obra e depois numa altura como ele lá já percebia de... me esqueci... então foi trabalhar para a embaixada, arranjou emprego ali na embaixada...”

**E. – “Como administrativo?”**

V. – “Não, era como segurança. E ele foi estudando, foi estudando no entanto, depois formou-se já mais deixa ver...Eu vim de férias, já depois de seis anos vim de férias, e trouxe o menino já tinha uns seis anos também e ele insistia que eu sempre tinha que voltar mas eu lhe mostrava que o que eu aprendi é que quando se trata de uma família, quando uma pessoa tem uma família tem de saber cuidar da família, que era da mulher e dos filhos, por sua vez a mãe tratava do marido e dos filhos... e ele “mas tens de voltar, porque assim estás ilegal” e eu “tudo bem”. Eu voltei e depois de eu voltar levei, os documentos para tratar, lá para tratar dos documentos para depois poder vir para aqui já legal. Mas depois na embaixada na altura em que eu ia tratar dos documentos ...eh...ele disse que não tinha dinheiro para mim comprar o bilhete porque eu na altura já não tinha nada, já tinha vendido tudo o que tinha em casa e a casa também era alugada então mas eu tinha um bom emprego na altura e trabalhava e fui juntando o dinheiro já estava na casa de uma pessoa conhecida e fui juntando o dinheiro, só que depois na embaixada para vir para aqui encontrei um senhor, um português que me disse “olha o governo de lá é um pouco difícil, vocês aqui se tu trabalhas à hora ou se trabalhas de manhã, à tarde estás em casa, para quem gosta de ir ao mercado ainda vai vender no mercado e leva a vida fácil, mas lá você só depende de trabalho, por isso tu tens uma...oportunidade podes escolher ou escolhes o visto diplomático ou então escolhes um visto de residência”. Eu na altura até para mim o senhor estava a falar chinês, por causa que eu não percebia nada ..e ... fui para casa pensei, pensei... e no dia em que me chamaram para me darem o visto, fui lá e eu preferi, achei melhor o visto de residência porque se eu viesse com visto de residência, eu aqui podia trabalhar e tinham-me dito que os senhores que trabalhavam cá, principalmente na

embaixada faziam vida cara às mulheres, e a mulher sendo esposa de um senhor diplomata, é diplomático é assim que se diz talvez, não podia trabalhar ...então para não correr esse risco levei um visto de residência, eu achei melhor e vim com um visto de residência. Depois de estar cá, cheguei em Outubro, em Novembro comecei logo a trabalhar...comecei a trabalhar mas era uma coisa fim do mês, eu na altura ainda não percebia bem esse escudo, de mil escudos quanto valia em cunza, eu sabia mas não ...pronto pegava no dinheiro e dava-lhe alias eu também pedi emprestado algum dinheiro para pagar os documentos lá, porque lá o visto é muito caro...tinha que trazer a certidão de nascimento, certidão de casamento, e... aquilo de escola ..certificado de habilitações e tudo tinha que passar na embaixada nas relações exteriores e tudo era dinheiro..pedi emprestado dinheiro para autenticar tudo isso...depois de estar cá comecei a trabalhar e dava-lhe o dinheiro para ele guardar mas eu depois tinha que trocar aquilo em dólar para poder enviar para as pessoas porque quando uma pessoa promete, tem de fazer..pedi depois ...pedi à senhora e então a pedir metade do dinheiro e eu até tenho todo o dinheiro para dar a senhora ..e ele diz “tu andas a comer o quê? Eu gastei o dinheiro, tu pensas que aqui é só comer e dormir? Eu gastei o dinheiro”. Eu comecei a olhar ..e na altura até era fim do mês , ainda tinha quarenta ..quarenta contos ou quarenta mil escudos, depois eu comprei duzentos ou quê dólares e fui dar este dinheiro à senhora ..A partir dali eu percebi que eu não podia lhe dar dinheiro, que era para guardar .. pronto fui levando a minha vida, fui trabalhando mas...ele sempre gostou de discotecas, de comer e beber depois nós morávamos lá embaixada, aquilo ali era uma sala, nem uma sala era um salão, e para angolano com um salão era todos os dias kizomba..eu nem conseguia falar, fins-de-semana era comidas e bebidas, meio de semana xuxa no dedo, não tem...depois saí daí fui trabalhar para um hotel, para o hotel...e já estava a ganhar setenta contos e ..setenta e seis ou sete, era oitenta contos já com desconto.. então o primeiro ordenado ele disse “ ai isso é muito dinheiro e.. é melhor começar a fazer transferência no banco e..tens de ..eu tenho uma conta que não vai nada e por isso tu ficavas com essa conta “. Eu olhei para ele e disse olha vou pensar melhor no assunto...fui para a cama dormir, mas fui pensando e fui olhando para ele e fui pensando, pensei no primeiro dinheiro e eu disse não.. só que à frente do prédio havia um banco Bpi e eu disse “olha o patrão disse que trabalha com o Bpi e eu só tenho que abrir uma conta no Bpi, por isso não posso ficar com a tua conta. Lá abri a conta no Bpi e opor acaso fui recebendo até hoje e recebo até agora e ele ..ele ficou muito chateado comigo porque depois queria dinheiro, “quero dinheiro para não sei o quê , para tirar carta” .. eu nessa altura já ganhava cento e sessenta mil, que eu acho que era um bom dinheiro para ele. No entanto, na altura morávamos na embaixada não pagávamos nem luz, nem água nem

renda, estava mesmo de favor, era só para o sustento, depois de um tempo me engravidei deste menino que tem agora onze anos, e aí é que eu vi tudo não conseguia mais trabalhar, mas como também tinha acabado o meu contrato, recebi algum, na altura recebi trezentos e tal, pus lá no banco e fiquei em casa, só que durante a gravidez passei muito mal, eu fui tirando um pouco do banco para poder sustentar, porque ele nem sustento dava. Então fui-me sustentando até ter o bebé comprei algumas coisas para o bebé e depois de ter comprado essas coisas para o bebé, ele levou-me ao hospital...eu estava com muitas dores e fui ao hospital da Amadora uma sexta-feira para o médico ver e depois de o médico ver mandou-me ir para casa afinal devia-me ter mandado ficar e eu fui para casa e já não consegui andar e ia tendo o bebé no Marquês de Pombal...mas olha fui-me ajeitando e fui para casa e ele pegou assim a tardinha e sábado a embaixada não abre, domingo não abre, segunda-feira chegou em casa, o indivíduo tomou banho e foi embora e onde estavam esses miúdos...estavam de férias ... eu acho que iam ido os dois de férias, no entanto, para sair do prédio para a rua eu não podia, eu praticamente era uma presa tinha que ser ele a abrir a porta e eu sair e fiquei ali rebentou a bolsa de água e eu fiquei ali ..e toda a sexta-feira, sábado, domingo, apareceu domingo à tardinha, apareceu ele mais um colega, mais o primo e eu já nem falava nada, porque eu estava aí... o primo é que disse “olha lá ela deve estar mesmo mal, é melhor levar para o hospital”. Levou-me para o hospital quando eu cheguei lá nem me apercebi porque eu já estava desmaiada.. então fui para o bloco, operaram, tiraram o bebé, depois puseram-me na sala, o bebé estava na sala...foi para uma das salas não sei bem...e pronto e ..eu fiquei quando eu recuperei a médica e a enfermeira perguntou, me disse para ele ver o bebé fiquei assim .. “sim tiveste o menino” e eu disse “eu?” parecia até tinha perdido os sentidos, depois ele apareceu olhou para o bebé e a enfermeira foi buscar o bebé trouxe e eu comecei a ver um rapaz e ele começou a olhar e disse “este filho não é meu!” (riu-se) eu olhei para ele, olhei para a senhora, olhei para a criança e eu nem liguei ..pegou e foi-se embora. No dia seguinte terça-feira, levou uma rapariga que também é testemunha de Jeová., levou lá para me visitar e ela foi e ele já tinha feito o comentário que o filho não era dele ..eu saí e pronto lá foi e miúda ainda era jovem, coitada da miúda foi e olhou para o bebé, olhou para ele, olhou para mim quase que lhe dava na cara e disse “pá tu és mesmo burro ou porco? achas que esse filho não é teu? então ela ficou tanto tempo em Angola com os miúdos sozinha, não fez um outro filho, depois de estar aqui dois ou três anos é que tu vais dizer que o filho não é teu? vais dizer que ela veio grávida de Angola então?” Depois tive alta, e ele para me ir buscar? Eu tive alta às dez horas, até às duas horas ainda estava lá, no corredor com o bebé nos braços. Agora imagina como a pessoa se sente? Com uma operação, cansada, já não podias comer lá porque

já tinha alta, não podias estar na cama porque a cama já tinham feito e lavado... a senhora auxiliar ligou para ele não sei quantas vezes, até que ele apareceu lá levou o bebé e fomos para casa, por acaso encontrei a moça que estava em minha casa fez o aloco, almocei e lá fiquei e ela lá foi falando as suas coisas e eu não liguei... só que é assim, se eu percebesse na altura talvez as coisas nem tivessem andado a este ponto, mas diz-se que o amor é cego e a pessoa estava aí toda burrinha não percebia quase nada e fomos andando e chegou a uma altura que nós tínhamos que deixar a embaixada, o embaixador achou que tínhamos de deixar a embaixada e que eles tinham que alugar uma casa que a embaixada pagava, como ele já tinha essa casa comprada, quando ele comprou esta casa nós já estávamos casados mais de cinco ou seis anos, mas ele comprou como se fosse solteiro e ele a mim me disse “eu comprei a casa como se fosse solteiro faça de contas que nós casamos agora, como eu na altura também não percebia, eu não estava nem aí... mas está bem, peguei viemos para aqui em 99, sim..Setembro de 99 viemos para aqui, o indivíduo quando viemos para aqui me lembro que nem almoçou ficou a falar de mim com um primo, falou para o primo que era assada, cozida, frita que eu cria, só humilhava, deixei passar...eu peguei fui a Amadora, até foi a primeira vez que andei no comboio sozinha, peguei no meu bebé e fui à Amadora, fui lá depois voltei fiz o almoço, e pronto mas no entanto a vida foi andando. A embaixada pagava a renda de casa e acho que paga até agora, a embaixada a pagar de renda de casa e ele a receber muito bem nunca sustentou nem filho dizia que os abonos dos miúdos estava a pagar a tv cabo, ora dizia que estava a pagar o carro ora dizia que estava a pagar a água ou a luz, porque até o abono ele gastava ..este miúdo achei que tinha que ir para o infantário ou para a ama porque eu tinha mesmo que trabalhar porque eu não tinha mais dinheiro...eu deixava o miúdo na ama sem fralda, sem comida, sem leite, o bebé só mamava quando eu voltava, fui muitas vezes à segurança social pedir que passassem o abono para mim, e diziam que eu tinha de pedir ao meu marido e o marido até tinha que dar para mim, tanto para mim, mas claro ele gozava o dinheiro para a boa vida no entanto, ele é um senhor e grande senhor ele só veste roupas caras, sapatos caros, camisa cara, tudo muito caro, grande senhor! Até agora muitos que me vêem na rua, me dão como maluca, porque ele é boa pessoa, maluca sou eu! Então quando ele se viu formado, ele pegou e deu entrada no divorcio, encontrei até a carta na caixa do correio, lá fomos ao tribunal, da primeira vez eu “mas eu não fiz nada, ele é que se divorciar sem eu ter feito nada, mas tem de me explicar.” A senhora olhou para mim, o advogado que eu levei, eu levei mas ele até me disse que nem precisava levar advogado nem preciso que lá vai-se tratar de tudo, mas eu levei um advogado porque sabia que lá com quem..depois eu já comecei a enxerguei as coisas, e eu achei por bem levar um advogado. O advogado me disse “olha é

melhor se ele diz que se quer divorciar , é melhor divorciar , dás o divórcio e mais nada”. Bem eu fui pensado naquilo, na terceira vez que fomos para lá eu concordei que tínhamos que divorciar, que eu tinha que lhe dar o divórcio. Divorciamos se está divorciado ou senão, eu não sei..mas eu tenho aí a certidão só que deram-me uma primeira certidão eu já fui mais de cinco ou seis vezes pedir uma nova certidão porque esta já caducou, o tribunal não me consegui passar uma certidão, é tudo esquisito , olha que isto até fomos à segurança social, entrevistaram a ele e a mim, os miúdos, a senhora ainda me disse “mas tu foste burra, quem te mandou tu aceites trabalhar e ele se formar para depois arranjar melhor condições “Eu disse bem mas esse é o papel da esposa, a menos que a pessoa vê que tipo de marido tem e ainda e aí você já põe alguma coisa para si, mas não .. eu não apanhava e eu concordei, você quer se formar mas arranjar melhores condições, para casa, para nós, melhor! então depois a senhora disse “olhe depois recibes a resposta em casa”. Eu vim para casa, o advogado que eu tinha depois foi-me fazendo chantagem “ai mas ele bonito, formado, charmoso, nos fizemos as coisas como ele quer..”mas eu disse “ eu acho que o senhor é formado, se o senhor é mesmo um advogado, tu não farias isso para si e então vais fazer isso para mim? É que eu não estou aqui a mentir, por aquilo que aquilo que eu sei, pá se a pessoa adulterar sim senhora, ela tem direito a divórcio ou se você como mulher não participar nas despesas ou marido, até nem é divórcio é separação, até as coisas se voltarem a recompor, mas agora o senhor é advogado, a ver as minhas condições”, e eu na altura já tinha problemas, eu disse eu não sei se vou parar numa cadeira de rodas ou quê, agora o senhor a fazer as coisas conforme ele quer, desculpa lá mas eu não sei como isso vai dar”... isso demorou muito tempo até às partilhas, foram feitas as partilhas em 2008 e ... fiquei com a casa mas tinha que lhe dar a parte dele, mas nesta altura já tinha sido operada e não fiquei bem, no entanto, nenhum banco me aceita dar empréstimo sem ter ordenado nenhum...ele pegou e recorreu de novo ao tribunal para que lhe fosse dada a casa a ele, o tribunal até concordou e ele pegou os dezanove mil que ele tinha para me dar, ele depositou no banco pela ordem do tribunal que é para me dar a mim e o advogado me disse, mas este já é um outro advogado porque teve que mudar de advogado, então vê bem eu agora eu agora não tenho para lhe dar, todas as copias das baixas que eu tenho..e as cópias da filha do meu ordenado que eu não recebo nada e pus lá, como eu estou doente e não estou a receber nada por enquanto não tenho condições de lhe dar a parte dele ..quando eu tiver melhor e tiver um ordenado então eu lhe dou o dinheiro, até tenho o papel a dizer que eu tenho o caso do acidente de trabalho está no mesmo tribunal..”

**E. – “Para tentar então por isto por pontos....o que eu lhe tinha pedido para que me falasse era da sua família. Para si quem era a sua família...”**

V. – “Para mim a minha família neste momento são os meus filhos.”

**E.-“ E na altura que vivia com o seu ex-marido quem era a sua família...”**

V.-“ Eu, ele e os filhos.”

**E. – “Como era a sua relação com o ex – marido?”**

V.- “ Xi...isso se não és casada, não vás casar...(ri-se)... foi isso que eu estou a dizer, fui criada numa família muito humilde e no início tanto que nós aprendemos que todos nós somos imperfeitos e erramos e a necessidade de perdoar os erros dos outros, ele aprontava mesmo à sério e eu não enxergava”.

**E. - “E o que era isso de aprontar mesmo a sério?”**

V. – “Por exemplo, põe, vai para a discoteca, vai viajar, no entanto, eu estou aqui e nunca saí daqui e ele sempre viajou, foi para Espanha, para o Brasil sei lá mais para aonde, sempre viajou, sempre é o senhor das suas viagens e os filhos em casa ficava sem comida, eu cheguei ao ponto de apanhar o pão que sobrasse do caixote há muito tempo com bolor, aquece o chá por o açúcar e dar aos filhos, por minha a minha relação com ele, em sentido nenhum foi boa, eu é que fui burra e nunca fiz...eu dormia uma ponta da cama e ele noutra, eu se lhe tocasse um bocadinho sem querer, a pessoa se vira minha querida levavas cada uma, vai lá vai..hum...depois ele separou-se, sai do quarto achou que eu era porca, era feia já haviam todos os defeitos, já é normal não é? com esses defeitos todos ele foi para a sala, só que uma vez veio da rua às cinco da manhã, pensou que eu estava a dormir entra pelo quarto, põe-me aqui a mão (coloca a mão no pescoço) para me dar um grande murro, mas como eu nunca dormir antes de ele chegar à porta da sala, eu pus a mão e ele apanhou-me aqui assim (aponta para o ombro), nesse dia chamei a polícia, chamei a polícia, a policia veio encontrei o carro dele aberto com tudo, se o gatuno viesse olha levava tudo sem problemas nenhuns...lá o polícia me mandou ir ao posto de saúde no dia seguinte, depois o caso foi a tribunal, mas como ele é um senhor esperto, ficou em nada, depois outra vez ele bateu-me e fui a policia, mas ele próprio foi à policia dizer que eu lhe tinha batido e que o tentei matar com uma faca, e levou esse menino para testemunhar contra mim, só que o caso não foi aqui na polícia onde estão os amigos dele, foi parar lá em Queluz, o senhor o ouviu, só que disse que o miúdo não

podia entrar porque era menor e depois me ouviu..eu disse logo “eu sou testemunha de Jeová”, contei tudo o que se passava, o que ele fazia, o que ele não fazia, o que aconteceu, ele entrou no quarto pões-me a mão..entrou no quarto, veio da rua e deu-me só que eu defendi-me e ele achou que isso era mau, mas eu não peguei faca, só que ele agora argumenta que eu peguei faca e o polícia me disse “deixa eu te dizer uma coisa não vou dizer o que ele disse, mas quando o tribunal se aperceber quem é este senhor, a senhora não falta muito tempo “, vê lá ele ainda me disse isto, e daí enviou-se o caso para tribunal mas também não deu em nada, de novo então pronto fui esperando o divórcio uma advogada me diz, você tem de aguentar, não liga e olha só vai bater?..

**E. – “Para além dessa agressão física, havia discussões também...”**

V. – “Muitas vezes, havia até com as famílias dele quando entrasse aqui, a casa tinha que estar a brilhar como sei lá o quê, porque elas entravam “você é mesmo porca, o marido merece outra mulher, você nem sabe cozinhar, aí você não sabe decorar porta”, viam defeito em tudo, depois queriam bater, faltavam ao respeito, “pá” eram coisas..

**E.- “ E ele, a discussão começava por algum motivo ou não havia motivo, como é que começava...”**

V. – “Às vezes era um botão da camisa, ou pela calça, ele começava não custava nada, eu acho que ele pirava, a pessoa passa a camisa e vê se não tem um botão, punha para eu botar, mas se por acaso não chegava a por botão porque eram geralmente camisas novas ele geralmente usava uma ou duas semanas depois não usava mais, se usou duas vezes era com muita sorte.”

**E. – “ E quando é que acontecia...Tinha alturas “**

B. – “Tinha tinha alturas, eu me lembro da ultima vez, ultima não, uma das vezes que a mãe dele estava aqui ele achou que tinha que por uma camisa amarela, e na altura a camisa até estava suja, eu nesse dia até estava de folga porque o meu horário é entrava as sete e largava ao meio-dia e entrava às duas para sair às sete ou então entrava às dez para vir almoçar às duas horas, para entrar as quatro e sair às nove ou às dez e era assim, mas no entanto lavei a camisa, pus a secar e eu tirar a roupa na corda e a mãe saiu aqui de manhã, sentou na estação e eu não sei, não percebi ela quis que eu levasse lá o café e o leite lá na estação, desculpa lá eu sou muito humilde mas quando me salta a tampa eu tenho mais de três metros, eu disse a senhora “ se foste à estação então lá comes”, esperou lá o filho na estação, quando veio me

tratou mal ela assim que entra abriu logo à porta, chamou logo nomes, eu estava aí encostada (aponta para a parede), eu tinha apanhado a roupa, encostei aqui assim e diz “o que é que você fez à minha mãe?” largar-me e deu-me logo uma chapada na cara, então o que eu fiz, escorrei com a roupa toda para o chão e puxei-lhe as pernas e sento-me na barriga, comecei mesmo a dar-lhe na cara, depois vem a mãe dele e pegou-me atrás, ele empurrou-me no chão e pôe-se a bater, quando eu saí dali veio uma vizinha minha que vive lá em cima e trouxe uma toalha, eu acho até que eu estava nua e ela até trouxe uma toalha de mesa e amarrou-me levou-me para a casa dela. Ele sempre arranjava , não era preciso...

**E.-“ Não era preciso motivos...”**

**V. “ Não não...e uma coisa ser testemunha de Jeová diz que uma mulher tem de ser uma mulher capaz, tem de saber cuidar da casa, dos filhos, do marido, o marido na rua é o espelho da esposa, pode se ver que tipo de mulher tem em casa, eu aprendi assim e no entanto, eu já aos dez anos já sabia vincar um fato ou uma calça.**

**E. – “ Mas nem sempre é assim..”**

**V.- Ele sempre vestiu bem! Podia ser..”**

**E- “Já entendi, ele vestia bem queria dizer que a mulher tratava bem dele..**

**V.- “Ele sempre vestiu bem, há uns coitados que não tem nada, antes do nosso casamento ele não tinha nada.”**

**E.- “ Eu queria saber era se havia alturas do dia especificais, ou se podia ser de manhã ou à noite...”**

**V.-“ Era mais à sexta-feira, ao fim-de-semana porque ele tinha ido na rua e tinha levado o bolso cheio e se fosse fim do mês ... (ri-se)..**

**E. – “ Mais ainda...”**

**V.- “ Mais ainda...depois uma coisa e em vez de uma pessoa chegar e eu quero ir às compras , “ai mas eu vou sair, não tenho tempo para ti “, com carro lá em baixo, eu pegava no carrinho de compras e ia até ao “Lidl” lá de cima.. (...) fazia compras e imagina aquilo a puxar e o senhor com carro vai quando vir traz os amigos para comer e você tem de pôr a comida na mesa e assim quando eu achei que estava errado, o que aprendi é que a pessoa sustentar a família, que era os filhos e a mulher ...esta era responsabilidade dele e ele não fazia isso**

porque podia ver os meus filhos a morrer fome e a passar fome , eu vim mesmo que não dava, eu comecei a cozinhar e não punha comida para ele ..

**E. – “ E isso gerava violência?”**

V.- “ Gerava violência.. é... chegava não tinha comida “pumbas” e se encontrasse comida “ ah! Tu puseste veneno, tu és uma assada, uma cozida...” era motivo de porrada e quando ele já vivia com as outras mulheres essas sextas-feiras que ele ia para a rua já vivia com mulheres.

**E.- “E porque acha que isso acontecia...”**

V.- “ É assim isso acontecia porque ele não queria mais, ele trabalhava na embaixada e na embaixada vai mulher de toda a qualidade .. ele vê mulher com unha assim (faz gesto de unha grande) e cabelo a bater atrás, o sapato aqui e a mulher lhe bate asa, eu olha até penso higiénico não punha, punha papel higiénico, porque o meu dinheiro, as despesas, porque eu paga água, luz , comprava o gás, punha comida em casa, ou tinha que contar e o que restava comprava a fralda, o leite do miúdo, às vezes coisas para os miúdos irem para a escola, caderno, lápis ou uma caneta ou um lanche e era sempre preciso alguma coisa e eu retirei os meus pensos, eu estou a usar os pensos agora desde que ele está fora de casa..por isso até penso eu não usava, punha papel higiénico...

**E.- “ Pois abdicava para dar aos filhos...E como é que se sentia com essas discussões...”**

V.- “Eu não me sentia, estava mesmo maluca, mesmo doida , doida doida mesmo, porque eu sabia que todas as vezes que ele entrava por aquela porta era para bater, eu no fim me punha a disposição, ele entrava e eu já estava por cima dele ...

**E.- “ Já não se defendia, é isso?”**

V.- “ Não, eu me defendia ele é que já não conseguia, porque eu já não lhe dava tempo, ele mal abria a porta já eu estava por cima dele..eu estava tão stressada que ele já não me podia sequer dirigir uma palavra nem olhar para mim, que eu já estava por cima.. eu sabia que ia apanhar mas eu ia para cima ..

**E. – “ Não levava só, também já dava nessa altura....”**

V. – “ Sim eu sabia que eu podia dar duas, pelo menos já dei ..é foi demais..foi demais, apanhei muita surra, muita muita, muita porrada, minha senhora aprenda a se defender...eu aprendi a me defender..

**E. - “ Era uma questão de sobrevivência “**

V. – “ Ai isso mesmo foi, que no entanto, com este individuo em aprendi a não ter inimigos, é verdade que eu não tenho inimigos, mas ele não é meu inimigo não vou atrás dele, porque deixa de dar comida aos filhos ou porque...olha eu até se vejo na rua estou a ver uma pessoa dar um sorriso e dar um olá, mas estás a ver um cão sarnento, um cão que já não dá para olhar? Não é para eu humilhar, desculpa eu dizer isto que é feio mas é do jeito que eu olho para ele...não é aquela de é o pai dos filhos, não ..

**E.- “Já não consegue.”**

V.- “ Não isso já não resta ...”

**E.- “ E como acha que os filhos se sentiam no meio de toda esta situação...”**

V.- “ É assim ...o L. foi o que ficou muito mais abalado, no princípio ficava abalado mas segurava-se, até que no ficou começou a ir a casa do pai até depois do pai sair de casa, começou , o tribunal estipulou que tinha de ficar um fim-de-semana com ele e um fim-de-semana comigo e ele como na altura era menor tinha de ir à casa do pai eu não sei o que se passou na casa do pai, mas sei que da última vez que ele veio da casa do pai fechou-se naquela sala ali e ficou lá três meses sem sair, quando saiu não tinha pele no rosto...

**E.- “ Três meses sem sair?”**

V.-“ Sim, quando ele sai de lá nós estávamos a dormir, não falava com ninguém, ficava fechado ..nós podíamos tentar, eu fui ao “olho vivo” as senhoras vieram para aqui tentar falar com ele, para tentar arranjar psicólogo, arranjaram até no hospital X. ...

**E.- “E ele nunca lhe disse o que tinha acontecido...”**

V.- “Não..., só a única coisa que ele me disse é que ele tinha a mania das coisas, quando tu operaste, ele dizia “ela vai morrer, ela tem de morrer”, eu acho que isso também mexia com ele, mas eu acho que foi coisa muito mais grave que isto, porque o B. até tem cama, mas até agora dorme na minha cama, o miúdo ficou com trauma, ia para a casa do pai, o pai dizia

essas coisas “ a tua mãe ..” era o pai e a mulher do pai “ a tua mãe vai morrer, a tua mãe não sei o quê”, toda a hora a dizer isso.

**E.- “ Mas isso já foi depois de ele sair..., mas quando viviam todos como é que acha que eles se sentiam..”**

V.- “Também não se sentiam bem porque sem ele em casa estávamos bem mas bastava ele chegar que ...que cada ia para o seu canto..

**E.- “ E ele era agressivo só para si ou também para eles?”**

V.- “É assim às vezes os miúdos se aprontassem ele também era agressivo, mas era raro os meus filhos aprontarem.”

**E.- “ Era mais consigo?”**

V.- “O objectivo dele era que eu saísse de casa, aí ele alegava abandono de lar, mas eu aprendi que uma mulher nunca pode abandonar a casa, aconteça o que acontecer nunca deve abandonar a casa e também não sair do quarto, não sair do quarto nem abandonar a casa, pois...o tribunal mandou ele sair a ele e pronto... mesmo com dificuldade mas ... vamos bem..

**E.- “E o que é isso de não se sentirem muito bem...”**

V.- “Quando ele estava cá...”

**E.- “ Disse que os filhos não se sentiam muito bem quando ele estava em casa, o que isso quer dizer de “ eles não se sentirem muito bem...”**

V.- “E como se estivesse uma pessoa autoritária em casa, e que a pessoa não é bem-vinda está a ver? Às vezes os miúdos o pai entrava e eu me lembro que ele foi para o Brasil ou para a Espanha e chegou abriu a porta e pôs-se na porta... “meninos (parecia até uma publicidade” cheguei..”olharam-se um para o outro fartaram-se de rir ..e cada um arranjou o seu buraco e deixaram lá ele, foi para o quarto e pôs-se a pensar ..

**E.- “ Então eles fugiam quando?”**

V.-“ Sim eles fugiam, era aquela pessoa, porque às vezes até podia puxar os filhos ...uma vez até levava os filhos, mas os filhos não iam ...assim vamos passear com o pai, aquela vontade, mas não ..”

**E.-“ Tinham medo?”**

V.- “Sim estavam a ser obrigados, mesmo B. vai ao pai porque era obrigado, há dias que o pai vem buscar, terças, quintas fim-de-semana sim fim-de-semana não, o miúdo diz “ já lá se vai a minha vida, o meu pesadelo vai começar”... é que isso não é bom..se fosse eu a mãe que errei e que visse o meu filho nessas condições, e visse que estava bem com o pai, ele deixava lá com o pai, à vontade e ajudava a dar de comer e mais nada, pelo menos eu tentava arranjar as coisas... e ele não até fica lá na casa do pai, na casa do pai não, ele alugou uma casa para dizer que está a pagar, mas ele não vive lá, vive na casa da mulher que ele arranjou que tem casa e vive lá...”

**E.- “Entretanto ele saiu e o que o foi que aconteceu quando ele saiu de casa... Ele saiu?”**

V.- “ Não foi o tribunal que mandou ele sair!”

**E.- “ O tribunal mandou e ele saiu?”**

V.- “Sim.”

**E.- “ E o que é que aconteceu nessa altura...”**

V.- “Quando ele saiu estava tudo bem só que as coisas... estava tudo bem não.... Ele so saiu 2008, estou a fazer confusões, acho que o L. ficou assim em 2008 ou em 2007...olha já não sei... é que o maior problema é o L. ficou assim, há dias que ele respeita toda a gente, mas há aqueles dias que eu não de perto ...”

**E.- “O L. é o filho do meio?”**

V.- “ É e eu costumo dizer que tenho grande trabalho com ele...ele por acaso na rua, na rua não, na escola é bom aluno mas em casa tudo o que ele aprontar ..”

**E.- Então acha que isso se deve à separação e ao que foi vivido quando o seu ex-marido estava cá...”**

V.- “ Sim ele sempre foi bom aluno nem na escola reclamava, não reclamava ...mas depois disso..”

**E.-“ Mas de quando o pai saiu...”**

V.- “ É assim ele já era assim quando havia essas confusões todas, mas tudo piorou a pele, quando o pai saiu e ele começou a frequentar a casa do pai..

**E.- “Perdi-me, pensei que estivesse a falar do filho mais novo...”**

V.- “ Não, estou a falar do meio..o mais novo vai para lá e volta pronto, não vem bem disposto mas ...”

**E.- “Portanto quem ficou três meses em casa, foi o filho do meio?”**

V.- “Sim foi o do meio.”

**E.- “Ele saiu por ordem do tribunal e acha que as coisas melhoraram com a saída dele..”**

V.-“ É assim, eu acho que com a saída dele para mim melhoraram bastante as coisas, melhoraram muito, porque eu só estou assim porque não consigo trabalhar para cobrir as despesas, as necessidades, porque se eu trabalhasse eu acho que....porque ele nunca foi daqueles que sentava o filho na mesa, educava o filho por exemplo eu na minha terra quando saía da escola, chegava a casa eu tinha que mostrar o caderno, nem era tanto para o meu pai mas para a minha mãe e ela nem sabia ler, depois de escrever mandava-me certificar se estava certo, como é que foi a escola, como foi o meu comportamento com a professora, o que a professora disse e o que não disse, ai de mim que eu dissesse de uma brincadeira “ mas mãe todos brincaram e ..”aqui não se bate mas vai lá vai, se a professora te der duas a mãe dá-te cem, é que tuavas e levavas ..ai..eu até agora se cruzar com um professor meu, aliás nem digo senhor professor, é tio fulano, é ..

**E.- “É diferente..”**

V.- “Sim é diferente.”

**E.- “Então ele saiu por ordem do tribunal mas quem é que decidiu por o fim à situação..**

V.- “Foi ele.”

**E.- “Quando pediu o divórcio...Portanto não tinha tomado essa decisão?”**

V.- “Quem eu?”

**E.- “Sim.”**

V.-“ Eu...se eu disser que não estaria a mentir, a princípio que era demais, que as coisas já chegaram aos extremos e os miúdos bastavam ver o pai chegar para irem, o pequenino então o B. chorava muito, ele chorava por tudo e por nada..

**E.-“ Por estar assustado?”**

V.-“ Sim e esses dois também por tudo nada começavam a brigar e depois era muita fome em casa, era quando fosse fim do mês o dinheiro era meu mas eu não tinha dinheiro, tinha o coração pela boca nem conseguia ..eu por acaso até arranjei um advogado por coiso mas depois segundo as leis da Bíblia .. eu quando casei com ele já estudava a Bíblia e a Bíblia é bem clara, hoje em dia as pessoas casam e ouvem muito bem aquele discurso na doença, na morte, na miséria, na desgraça será sempre o seu esposo e sua esposa mas as pessoas fazem isso de boca para fora, na bíblia quem estuda a bíblia vive o que se disse é para cumprir..então depois de eu ler e voltar a ler eu vi que eu não podia fazer isso, só que passado dois anos ele próprio também ele já estava feito, comia bem, vestia bem, tinha empregada em casa era só pô-la na rua e ele ficava com a casa, com tudo ficava bem, não lhe faltava mais nada.”

**E.-“ Acha que por isso que ele tomou essa decisão...”**

V.- “ Sim, porque ele já tinha isso na mente, porque vê ele quando compra a casa, comprou a casa nós já estávamos casados, comprou a casa como se fosse solteiro e depois ele diz para mim “isso não tem importância nenhuma faça de conta que acabamos de casar agora “ e no entanto, ele me pôs a trabalhar, ele não podia sustentar os filhos, porque estava a arranjar novas condições de vida, visto que ele estava feito e conseguiu adquirir as novas condições eu já era lixo, já começou a bater, olha até me convidou a ir.. acho que começaram a convidar para ir sei lá para o norte ou para onde que davam emprego e não sei quê, ele até me disse “vão-te dar casa porquê que tu não vais lá, tu e os miúdos” e eu disse “ mas oiça lá eu vou para lá, vou para lá trabalhar vão-me dar casa e você vai ficar aqui? achas que isso é justo?” eu lhe disse “ quando tu morreres eu sou a mãe para cuidar dos filhos. Eu aprendi que os filhos têm de ficar junto das mães e com os pais, não é separado” “vais para Londres para os miúdos estudarem” eu disse “ mas tu não sustentas os miúdos, se eu vou para Londres como é que eui vou sustentar os miúdos?” Até já me fez o convite para ir para a prostituição, e ganhava bem que não era preciso ir ao Pingo Doce... olha aí eu me passei eu disse “ Eu nunca ouvi uma coisa dessas”. Eu me lembro que em 82 em Angola, houve uma crise que na altura o meu pai também já não estava em casa, só estava eu, a minha mãe e os meus irmãos, mas a

maioria dos filhos já se tinha casado, eu não me lembro de ver a minha mãe com alguém porque este senhor vinha trazer o arroz, a carne ou o peixe, minha mãe tinha uma quinta ia buscar a fruta na quinta, trabalhava no hospital depois ia para casa de uma colega lavava e engomava e recebia e nós sobrevivíamos assim, não me lembro e agora marido que me tira da casa da minha mãe vai me mandar...quer dizer eu ia fazer isso e o dinheiro ia ser para ele? Ah não sei...eu disse “ tu para mim já não vales nada”... ele falou muitas coisas mesmo terríveis..”

**E.- “E essa decisão que ele teve, como é que foi sentida por si...”**

**V.-** Foi muito agressiva, eu ia morrendo.. eu gritava noite e dia só de saber que eu não tinha feito nada, trabalhei arduamente, trabalhava, trabalho só que estou de baixa, trabalhei, trabalho no pingo doce, trabalhei naquela parte da fruta e depois as minhas colegas..mas não foram as minhas colegas estou a mentir, as minhas colegas fizeram-me isso em função da chefe, porque eu tenho uma amiga que trabalha no pingo doce não nesta loja, mas noutra loja, e é muito amiga da minha gerente, da minha gerente não, da minha chefe de secção e fui dali que veio a minha doença então a senhora metia-se no gabinete a escrever e as outras colegas que eram seis, estavam a ver não sei o quê, então peguei, as coisas tinham que estar arrumadas e eu não percebia, eu ficava ali, só que eu fazia as coisas na boa, só que uma coisa é a pessoa tem coisas para fazer e vai fazer com calma e saber o que está a fazer, outra coisa é fazer com muita pressão, eu deixava a loja pronta para abrir no dia seguinte e que até agora desde que eu sai de lá, eu ainda, até clientes que disseram “olha B. aquilo está mesmo uma desgraça, tens mesmo que voltar para lá”, porque elas ficam mais na conversa que trabalhar e não tinha tempo para conversas, eu tinha tempo era para trabalhar, porque se nós vivemos por um pão e para a pessoa adquirir um pão não é a roubar, nem apanhar, tens de trabalhar, então tenho que trabalhar, porque eu fui ensinada assim e eu não ficava ali, pegava nas paletes punha na loja, e punhas os vazios, punha por cima, mas elas inventavam com cada conversa, então com a conversa desta depois ela “ai não quero preto na minha secção, a B. não sabe fazer nada, a B. não sabe ler, a B. ...era tidos os dias, todos os dias, oito de horas de trabalho levava sempre com a minha chefe e depois ela foi envolvendo as minhas outras colegas, foi envolvendo a gerente.... “

**E.- “ Mas isso no trabalho...”**

**V.-** “ Sim no trabalho”.

**E.- “Mas sentiu-se mal com a decisão que ele tomou...”**

V.- “Senti-me muito mal, muito mal mesmo, eu gritava todos os dias, mas também quando eu me conformei que afinal que era melhor para mim, olha eu calei a minha boquinha e já nem falava para ele, nem discutia, nem que me encontrasse com alguém que nos conhecesse, já não falava do que tinha sucedido, já não fazia isso, cheguei do tribunal dei-lhe o divórcio e acabou que no fundo é um divorcio que não é!”

**E.- “ E como acha que os seus filhos se sentiram...”**

V.-“ É assim os meus filhos sentiram-se bem, mas o meu mais velho não era assim tão a favor, eu não sei porque eu por mim também não seria a favor mas quando se trata da vida e da saúde da pessoa, aí desculpe lá não coiso...o filho tu aprendeste, e eu lhe ensinei que os filhos tem de ficar ao pé do pai, mas um pai que não quer a mãe? quer dizer tu não me queres viva, vais querer-me morta? desculpe lá filho...”

**E.- “Então acha que só o mais velho não se sentiu tão bem como os outros...”**

V.- “Não se sentiu tão bem como os outros, se bem que ele aparentava sentir-se bem mas ...mas não...”

**E.-“ E como acha que o seu ex-marido se sentiu?”**

V.- “ É assim ele até se sentiu aliviado, porque uma vez contaram-me que ele vibrou né? Lá com a mulher foi passear porque consegui o divórcio não sei quê e consegui como “que queria” foi o que ele disse. Só que ele sente-se bem, só que ele quer a casa dele, para ficar concluído para ele, se eu sair de casa, se mim entregar a casa está bom..”

**E.- “È o que falta para ele...”**

V.- “ É o que falta para ele!”

**E.-“ E o que é que melhorou na sua vida com a saída dele...”**

V.-“ È assim a minha vida melhorou, se eu estivesse a correr estaria melhor. Eu com estes anos aprendi que um homem é capaz e eu tenho muita má impressão do homem e eu digo uma coisa o homem, está bem que não são todos e eu digo e o melhor está em casa com a sua esposa e os seus filhos, o pior está na rua à procura de mulher são os cães, por isso eu tive um tempo que ... que homem que viesse ter comigo a dizer ..”oh moça gosto de ti” eu virava logo e dava chapada na cara, é verdade! Eu achei que só assim desde que eu operei e fiquei em

casa e agora estou na rua e a pessoa fala para mim como se fosse uma coisa qualquer, senão depois disse homem nenhum podia olhar para mim, homem nenhum podia falar para mim eu fui mesmo muito agressiva, muita muita agressiva mesmo e alias depois tinha aquilo que era, era até mais com o pai dos meus filhos, se eu o visse na rua eu sentia, imagina que tu bebias cinco litros de azeite, e ele queria sair fora, quer se queira quer senão tem de sair fora, tem de sair...eu estava sempre assim...agora é que eu já olho e não sinto isso.”

**E.- “Agora já consegue manter a distância?”**

V.- “Sim agora consigo.”

**E.- “Isso foi o que melhorou na sua vida...”**

V.- “Sim melhorou muito, muito mesmo, agora já é normal e converso normalmente com qualquer pessoa, quer seja homem ou mulher converso com qualquer pessoa, mas se me tocarem em assuntos...eu aí mesmo...começo a ficar feia...”

**E.-“ E o que é que sentiu quando ele saiu...”**

V.-“ Senti-me aliviada, já conseguia dormir, já não tinha medo...e era mesmo à vontade porque eu podia entrar e sair do trabalho para casa na boa, já não pensava “fulano já está aí e não vai discutir e dizer “o que é que a senhora fez? Onde é que a senhora andou?” Já viu o que é do “pingo doce” depois eu passava pela segurança social até aqui escuro, passava pela ferreira dias escuro, e aí sempre esfaqueavam pessoas mas eu pronto eu sempre era a única que vinha para estes lados e eu vinha sempre sozinha, ele se quisesse com o carro ia lá buscar-me, “onde é que a senhora andou?”, eu lhe disse “a tua insinuação não me fere porque quem não deve não teme, eu andei nas ondas do mar por isso cá estou, na mesma cheguei”, então o que é que ele queria que eu dissesse?”

**E.- “ E como é que acha que os seus filhos se sentiram com a saída do pai...”**

V.- “Sentiram-se bem...”

**E.- “Sentiram-se bem como já tínhamos falado há pouco...”**

V.- “Muito bem...”

**E.- “E acha que podia ter feito alguma coisa antes...”**

V.- “ Eu acho sim... mas na altura em que estava a morar em L. foi muito boa altura porque não eu estava ilegal, tinha documentos, podia sair até que nem podia sair só com a minha roupa do corpo porque eu trabalhava e podia me virar e não estaria nessas condições...”

**E.- “ Agora já não pode voltar atrás ...”**

V.- “ Ai se eu pudesse voltar atrás....mas pronto agora não posso voltar atrás, o que está feito está...”

**E.- “Como é a sua família agora, já nos falou um pouco...”**

V.- “Sou eu e os meus filhos..”

**E.-“ Gostava agora que me falasse como vê o seu ex- marido, coisas positivas, coisas negativas..:”**

V.- “ Coisas negativas, ele agora está a viver com uma senhora, como ele não consegue chegar a mim, insultar, fazer e desfazer ele usa a tal senhora eu aprendi a não ter inimigos... porque uma pessoa que tem inimigos tem sempre problemas, se a pessoa não tiver inimigos não tem problemas, a pessoa vem insultar nós temos de procurar esfriar um pouco, então o que é que eu faço quando ela vem com aquela, então ela para e eu digo “tudo bem querida, vais para o trabalho? bom trabalho, adeus!”pronto!”

**E.- “Não dá conversa..?”**

V.- “ Não, não ..e se tiver que lhe dar converso, eu pego para ela e pergunto se ela consegue ler um texto da bíblia, ou se quer levar uma revista, leva porque se é para coisa que na minha mala não falta, é uma revista na mala e uma bíblia, se ela quiser tudo bem, mas se bem vem com outra conversa não estou para isso...”

**E. – “ Mas isso é o que ele faz... é muito negativo, mas ele como pessoa como esteve bastantes anos com ele consegue ver coisas positivas nele...”**

V.- “ Não vejo, até digo uma coisa, talvez se ele ...porque se é assim nós aprendemos a perdoar os outros, se eu visse algo de positivo nele e aquele arrependimento verdadeiro... eu disse sempre se eu visse isso eu dava um passo atrás e se eu de tanto procurar algo de bom na nossa relação anterior, eu dava um passo atrás, mas ... “

**E.- “ E coisas negativas...”**

V.- “ Então que não sustenta a família, que humilha os filhos, humilha a mulher, que dá mais valor aos amigos e filhos dos outros, nem um cão nem um gato faz isso, quanto mais um humano? há cérebro maior que consegue construir e desconstruir que um humano? não há... então ele nem chega ao pé de um rato...por isso, eu desejo que ele se dê bem e que tenha boa vida, boa saúde, assim como ele está, desejo tudo mas que ele fique a 100Km de mim...ele chega, toca e dá dois passos atrás, quando ele vem pegar o V. mas houve uma vez há coisa de duas semanas que ele veio levar o B. e subiu e eu a partir do hall de entrada eu estava na cozinha e já consegui ouvir os passos dele a subir... eu só disse “meu Deus não vou fazer disparate..” eu abri a porta atrás da porta e dei dois passos atrás e deixei o miúdo entrar, mas se ele entrasse eu saía dali é verdade que estou doente e talvez estivesse numa cadeira de rodas de vez, mas se ele saísse dali directo da janela para a rua, não saía mais da porta, da porta ele não saía, porque eu sempre avisei, se ele saiu da porta já não volta, ele para sair da porta e voltar tinha que ter motivos de sobra, por isso não depois o B. entrou e eu ouvi ele a descer e disse B. “diz ao pai que quando te traz é lá em baixo, toca a campainha e dá dois passos atrás, volta para o carro e nem para o hall do prédio que um dia não me responsabilizo por aquilo que eu vou fazer, a mãe está doente mas ainda sou capaz de fazer alguma coisa mas também se for que seja de uma vez, só não prometo. Ele já mandou muitos recados por pessoas a dizer “ a entrar na casa pelo menos para ver como é que está e como ela está”, quem entrar em casa para ver como eu estou? Para estar viva ou para estar morta? Os filhos passam fome, por exemplo o B. a pensão dele tem de subir, tive que ir com ele a tribunal para a pensar dele subir a pensão do filho e outro filho do meio não trabalha, ainda está no deve dele, ele devia sustentar o filho, o filho vai viver de quê? Ele não sustenta o filho...o meu filho mais velho trabalha mas também não ganha, porque enquanto ele não vender ele não ganha, estou a viver com 140€, junto com os 150€ que ele dá pelo abono do B. pela pensão do B. junto com o abono são 140€ , para pagar a renda de casa, o resto fica-se assim...Se ele fosse bom pai ia dizer não, “eu prometi e quero recuperar o que eu prometi” então pegava e dava pelo menos de comer aos filhos, porque os filhos são dele, dava de comer aos filhos né? Pela necessidade dos filhos ele tinha de cobrir, também eu não sou família dele não sou nada, mas agora até o seu próprio filho, oh nem um pássaro faria isso...por isso para mim... ”

**E.- “Os contactos já falou sobre isso, não tem qualquer contacto com ele..nem quer..”**

V.-“ Nem nos sonhos!”

**E.- “ E os seus filhos, os dois mais novos vão de fim-de-semana?”**

V.- “ Sem ser o mais novo, o outro não vai desde que é maior...”

**E.- “ Já não vai uma vez que já é maior não é obrigado, e o mais novo são todos os fins-de-semana?”**

V.- “È fim-de-semana sim, fim-de-semana não, é segunda, todas terças-feiras e todas as quintas-feiras ele vêm buscar o menino.

**E.-“ E no fim-de-semana ele fica lá em casa, não vem dormir aqui?”**

V.- “ No fim-de-semana dele ele leva para a casa dele e dorme lá...”

**E.- “ E como é a sua relação com os seus filhos...”**

V.- “ A minha relação com os meus filhos é... não sei ... eu acho que é boa, eu não sou do tipo de mãe...acho que é boa ...porque quando eu saio, a minha saída é mais com o meu filho mais velho, vais à reunião, vamos ao testemunho, fora de casa, vou para o trabalho , ou alguma consulta, não sou do tipo de mãe que sai e que depois traz desconhecido não sei de onde, isso não, não tenho cabeça para isso...

**E.- “Mas o que é isso da relação boa...”**

V.- “Rimos, falamos, brincamos, conversamos...”

**E.- “Fazem tudo?”**

V.-“ Sim fazemos tudo...”

**E.- “ Quem é o seu ex-marido para si, também já falou um pouco...que é uma pessoa que é má...”**

V.-“ Para mim ele é mau...”

**E.-“ Como é que ele é para si..?”**

V.-“ Para mim ele é...me quebrou mesmo...não tenho expressão...talvez para mim ele ainda me podia fazer maldade, podia ter na mente os filhos mas para uma pessoa que não consegue olhar os seus filhos, aliás se ele olhasse para os filhos também me ia fazer mal porque sabe que a fazer mal a mim, está a fazer mal aos filhos , tinha que me fazer mal, se ele me fez tanta maldade ao ponto de e ainda se exhibir na rua e o filho sempre a definhar e ..nem devia ter filho, mas eu acho também que ele é assim .. por aqui a lei aqui não é pesada, a lei aqui é

conforme o conhecimento da pessoa , porque eu no tribunal sou humilhada que nem um cão e se eu muitas vezes levasse um gravador ou uma coisa para filmar isso, isso não é de humano e eu já disse muitas vezes que um dia os animais iam começar a mandar a nós porque para nós o cérebro do ser humano já chegou ao fim... eu olhava para aquela juíza e a dizer aqui “ a senhora não está aqui para humilhar ninguém, nem para ...” eu não estava para humilhar a ela, estava apenas a contar o que eu vivi, se ela é juíza e se quisesse ouvir ouvia, senão quisesse dizia “ a senhora é melhor não contar isso porque não fica bem”, pronto certos juízos sabem muito bem como são essas coisas porque ela sabe lidar com isso, agora se “quiser vai lá para fora, não está para humilhar o senhor, responde senhor”..., e sinceramente acho ..pronto, quem não é nada é sempre nada e tem que sujeitar...”

**E.-“ Em quê que é diferente a sua vida agora desde que ele não está consigo...”**

V.- “Eu digo independentemente da minha doença, a minha vida está bem. Eu consigo mandar o meu filho fazer aquilo, e ele faz, se ele não quiser fazer também não obrigo e.. acho mesmo que a vida está boa pronto é mesmo por eu não conseguir trabalhar, fazer aquilo que eu consigo dar, uma pessoa está aqui está parada porque eu ia mostrar dez vezes mais ao senhor se eu tivesse as duas pernas e a coluna direita, eu tinha capacidade até para aturar essa minha chefe de secção dez vezes...”

**E.- “ Como é que se sente agora...”**

V.-“ Eu me sinto bem, psicologicamente me sinto bem, se bem que...pronto sempre fica alguma coisa, fui arrasada mas eu me sinto bem porque eu sei com que dinheiro eu pago as minhas dívidas, o que é tenho para comer, o que é que filho precisa, o que é que todos nós precisamos, e eu que eu fizer gira e dá para todos, agora o pai era trazia um bolo e dizia “não mexe nisso que é do pai”...desculpe lá se eu venho da rua com um coiso de gelado, o filho vem a correr dois beijinhos para a mãe e vem logo receber e vem logo dizer “mãe podemos comer?” e eu digo que é para o lanche ou para a sobremesa, ou qualquer coisa assim, agora não digo “ não come isso que isso é da mãe”, tu comes e ainda dizes “tava bom!”..ai desculpe lá eu vivi com cada coisa que sinceramente, por isso eu digo não tenho inveja da pessoa com quem ele está nem sinto raiva dele, sinceramente se há muitos humanos assim, há muita pena... Eu sinto pena dele às vezes.....”

**E.-“ Porquê...”**

V.-“ Porque vê eu não estudei muito, fiz o 8º ano parei por aí, alias quando eu fiz o 8º eu estava grávida não estudei, mas estou a mentira não conclui estava grávida do meu filho mais velho..no entanto, eu consegui aprender o suficiente, não digo para viver mas para sobreviver .. então ele..ele tirou relações internacionais...ele praticamente lida, consegue lidar com vários problemas de cada país, pessoa diferente, cultura diferente ,epá tudo diferente e ele está habilitado a lidar com essas pessoas , então se ele vai na rua e consegue resolver os problemas e não consegue resolver os problemas na casa dele? Ou do seu próprio filho ou da sua própria esposa... olha seu eu fosse embaixador ele nem teria lugar lá...porque esta pessoa para mim não dá...sinceramente...”

**E.-“ Hoje também já me falou de como os seus filhos se sentem agora ...estão melhor..”**

V.-“ O filho mais velho não diz o que ele acha, se eu disser o que ele acha estou a mentir, o que ele acha se o pai voltasse cá para casa, é o que ele tenta dizer no filho é que as coisas iam melhorar, mas eu sei que não, se ele voltasse cá para casa, à frente do filho e das pessoas ele tenta mudar o ritmo a história é outra, mas quando estiver sozinho...”

**E.- “ É igual...”**

V.-“ É igual ou pior ainda..., porque as minhas condições para a cova eu estou a centímetro, se antes estava a um centímetro, agora estou a meio centímetro porque eu agora não tenho como me defender ...mas ele fica a incutir na cabeça do menino que ..por exemplo eu tenho um carro que eu agora nem eu nem ele conseguimos pagar, e ele diz “estás a ver mãe, o senhor fulano ligou e disse que tu e a tua mãe podiam pagar o carro” e eu disse “oh filho todas as vezes que tu ficaste sem trabalhar, a mãe pagou o teu carro, mas tu tens de ver que a mãe não está a trabalhar e por isso não tem onde tirar, eu já faço tripas coração para poder segurar o mínimo, eu já não posso mais, “mas mãe se não pagarmos o carro vou ter de vender a leilão” “ mas filho se tiver que ser, vai ser”. Eu já não faço mais, porque fazer mais é tirar a minha vida e isso eu não posso fazer, ela é preciosa para mim e para qualquer um, há a única coisa que nós temos e que nos dá valor como pessoa ou mesmo animal, é a vida, tirando a vida somos lixo, não somos nada, mas lixo mesmo, por isso senão enterraes as pessoas já nem olham e eu digo isso, porque eu vivi isso, eu vi isso..nós temos valor quando estamos vivos, nem dinheiro, nem casa, nem carro, nem nada isso nada vale, fica aí , a olhar para ti ,se você tiver que apodrecer dentro do carro com uma mala cheia de dinheiro apodreces e eu já vi isso, e no entanto o dinheiro não te tira daí para te dar a vida, e o carro também não te tira daí para te levar ao hospital e te dar a vida, primeiro temos que valorizar a nossa vida, a pessoa

quando tem vida consegue fazer o resto então a primeira coisa é manter o meu plano de vida com isso eu faço muita coisa ...”E agora o carro dele eu disse “oh filho se tiver que vender, eu já expliquei ao senhor ou você faz por escrito que eu não estou a trabalhar e lhe dou os papéis todos da baixa para comprovar e eles que esperem até o seguro ver isso..quando tiver eu até sou capaz de pegar no dinheiro todo, como o pouco que resta pagava de vez, mas agora filho não tenho condições..”

**E.-“ Então ele deve ficar balançado com o que o pai promete que o ajuda?”**

V.-“ O pai ganha muito bem, muito bem mesmo, é a segunda pessoa lá na embaixada, segundo dizem né?”

**E.-“ Pois porque não sabe...Nós terminámos...Muito obrigada..!”**

## **ANEXO 6**

## A. 1 Entrevistas aos filhos

### Área: Viver com violência

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº Sujeitos
<b>Percepção do agregado familiar com a presença do agressor</b>	O próprio, mãe e irmãos (n=1)	<b>B.</b> - “A mãe e os irmãos.”	1
	A própria, mãe, irmã e família alargada (n=1)	<b>P.</b> - “Era minha a mãe, a minha irmã (...) e mais a minha avó”.	1
<b>Existência de discussões entre o casal</b>	Sim (n=2)	<b>B.</b> - “(...) meu pai discutia sempre com a minha mãe sempre arranjava problemas, enquanto a minha mãe não fazia nada (...)” <b>P.</b> “ Sim.”	2
<b>Origem das discussões</b>	Dinheiro (n=1)	<b>P.</b> - “(...) e discutiam sempre por causa do dinheiro...”	1
	Relações extra – conjugais (n=1)	<b>B.</b> - “(...) porque o pai às vezes tinha relações com outras mulheres, ele também ia muitas vezes à discoteca e também arranjava namoradas e depois é por isso que ele tinha de arranjar confusão com a minha mãe (...)”	1
<b>Recordações das discussões</b>	Saída do pai de casa (n=1)	<b>B.</b> - “Também me lembro quando ele saiu de casa.(...)”	1
	Episódio de agressão (n=3)	<b>B.</b> - “ Eu lembro-me de outra vez, a minha mãe estava tão bem disposta e o meu pai veio, veio e lhe torceu o dedo.” <b>B.</b> - “(...)às vezes quando chegava às cinco da manhã, acordava sempre a minha mãe para lhe bater.” <b>P.</b> - “O meu pai bateu nela (...)”	2
<b>Relação entre os pais na altura em que viviam juntos</b>	Relação má / agressividade (n=3)	<b>B.</b> - “meu pai ah...batia-lhe sempre, sem fazer nada.” <b>P.</b> - “Era má.. porque o meu pai sempre batia na minha mãe.”	

		<b>P.</b> - “O meu pai sempre batia na minha mãe (...).”	2
<b>Altura do dia que decorriam com maior frequência as discussões</b>	Tarde e noite (n=1)	<b>P.</b> - “ Era mais à noite, às vezes era a tarde.”	1
	Noite (n=1)	<b>B.</b> - “ À noite.”	1
<b>Frequência das discussões</b>	Diariamente (n=1)	<b>P.</b> - “Todos os dias...”	1
<b>Sentimento da criança face às discussões entre os pais</b>	Mal (n=4)	<p><b>B.</b>- “Me sentia bem mal.”</p> <p><b>B.</b>- “(...) não gosto muito de estar a ouvir discutir ou a ver uma pessoa muito triste (...)”</p> <p><b>P.</b> - “ Mal...eles quando discutiam e depois eu ia para o meu quarto...”</p> <p><b>P.</b> - “Eu não gostava que eles tivessem assim a discutir...”</p>	2

### Área: Viver em transição

<b>CATEGORIA</b>	<b>SUB-CATEGORIA</b>	<b>UNIDADE DE REGISTO</b>	<b>Nº Sujeitos</b>
<b>Quem saiu de casa</b>	Mãe (n=1)	<b>P.</b> - “Foi a minha mãe.”	1
	Pai (n=1)	<b>B.</b> -“Foi ele...”	1
<b>Quais os motivos que levaram à saída de casa</b>	Por fim à violência (n=2)	<b>P.</b> - “Foi a minha mãe...ela já estava farta!”	1
	Bem-estar das filhas (n=2)	<p><b>P.</b>- “ (...) porque ela não queria que a minha irmã visse estas coisas...ela não queria que ela passasse o mesmo que eu passei e eu também não queria (...)”</p> <p><b>P.</b>- “ (...) e não queria que ela visse eles</p>	1

		a discutirem e a gritarem (...)”	
	Separação do casal (n=1)	<b>B.</b> - “Porque ele não queria mais a minha mãe (...)”	1
<b>Sentimentos vivenciados pela criança, com a saída do/a pai/mãe de sair de casa</b>	Feliz	<b>B.</b> - “Eu fiquei feliz porque assim para lhe deixar mais em paz, para não haver mais discussões.” <b>P.</b> - “Agora podemos ser felizes”	1
	Bem (n=1)	<b>P.</b> - “ Bem”.	1
<b>Sentimentos vivenciados pela mãe, na perspectiva da criança, com a decisão de sair de casa</b>	Bem (n=2)	<b>P.</b> - “Acho que ela ficou bem (...) já não discutia todos os dias, estava bem...” <b>B.</b> - “ Sentiu bem.”	2
<b>Sentimentos vivenciados pelo pai, na perspectiva da criança, com a decisão de sair de casa</b>	Bem (n=1)	<b>B.</b> - “Também sentiu bem.”	1
	Ausência de opinião (n=1)	<b>P.</b> - “ Não sei.”	1
<b>Percepção da criança relativamente aquilo que a mãe poderia ter feito antes para terminar com a situação de violência</b>	Sair mais cedo de casa (n=3)	<b>P.</b> - “ (...) podia ter saído antes, antes de a minha irmã nascer.” <b>B.</b> - “ (...) na minha opinião ou ia para outra casa ou ia para uma casa de uma pessoa conhecida (...)” <b>B.</b> - “ (...) ela devia ter fugido dali.”	2

**Área: Viver sem violência**

<b>CATEGORIA</b>	<b>SUB-CATEGORIA</b>	<b>UNIDADE DE REGISTO</b>	<b>Nº de Sujeito</b>
<b>Percepção do agregado familiar sem a presença do agressor</b>	A própria, mãe, irmã, padrasto e família alargada (n=1)	<b>P.</b> - “A minha mãe, eu, o meu pai, aí o meu padrasto e a minha irmã...e a minha avó às vezes (...).	1
	O próprio, mãe e irmãos	<b>B.-</b> “ Eu, a minha mãe e irmãos.”	1
<b>Percepção da criança sobre o que melhorou na sua vida com ausência do agressor</b>	Ter paz (n=1)	<b>B.</b> - “ Assim ele me deixou em paz! (...)”	1
	Liberdade (n=1)	<b>B.</b> - “Assim eu já estou disposto a mexer nas coisas.”	1
	Felicidade (n=1)	<b>P.</b> -“ Estou feliz (...).”	1
<b>Aspectos positivos do agressor</b>	Ausência de aspectos positivos(n=1)	<b>B.</b> - “Acho que não tem nenhuma coisa positiva porque arranjava sempre discussões com a minha mãe (...).”	1
	Contente (n=2)	<b>P.-</b> “ (...) vejo-o contente (...).”; <b>P.</b> - “ (...) tão contente.”	1
<b>Aspectos negativos do agressor</b>	Não participar economicamente (n=1)	<b>B.</b> -“ (...) quando ele tem o seu dinheiro mas quando eu lhe peço para aí três euros, ele diz “ah! Não tenho!”	1
	Proibições (n=2)	<b>B.</b> - “Por exemplo jogar no computador, ele não deixa, ele diz “vais estragar o computador” (...).”; <b>B.-</b> “(...) ele diz sempre “desliga isso”. ”	1
	Ausência de aspectos negativos (n=1)	<b>P.-</b> “ Não vejo nada...”	1

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº de Sujeitos
Frequência dos contactos entre criança e o agressor	Contactos regulares (n=1)	B.- “(...) terças e quintas.”  B.- “ (...) fins-de-semana também, alguns.”	1
	Contactos pontuais (n=3)	P.- “Quase nunca.”;  P.- “ (...) às vezes liga para saber se nós estamos bem?”;  P.- “É de vez em quando...às vezes...”	1
Percepção da relação com o agressor	Boa (n=4)	B.- “Boa!”;  B.- “Eu converso com ele, falo de bom gesto.”;  B.- “Falar de boas coisas (...).”  B.- “Ele às vezes fala de bom gesto, outras vezes deixa-me fazer tudo o que eu quiser (...).”	1
	Conversas más (n=1)	B.- “ ele está sempre a falar de coisas más (...).”	1
	Relação ambivalente (n=2)	P.- “ Um bocadinho boa, um bocadinho má! Às vezes eu não gosto de ir para lá e às gosto!”  E.- Como são essas vezes que tu gostas....”  P. -Não sei...;  E.- “ Não consegues explicar...”  P.- “ Não...”	1
Percepção da relação com a mãe	Boa (n=3)	P.- “É boa!”;  P.- “Fazemos algumas coisas...Dá-nos comida ...dá-nos carinho!”;	2

		<b>B.</b> -“ Nós damo-nos muito bem.”	
<b>Percepção da relação com os irmãos</b>	Boa (n=3)	<b>P.</b> - “É boa!” <b>B.</b> -“Também é boa!” <b>B.</b> -“ Conversamos, jogamos computador, vemos filmes juntos...e vamos passear também juntos com a minha mãe.”	2
	Má (n=1)	<b>P.</b> - “ Ela às vezes é má, porque ela às vezes começa a chamar-me nomes (...) depois começa-me a bater e eu também lhe bato...depois ela embirra comigo(...)”	1
<b>Percepções de quem é o pai para a mãe, na perspectiva da criança</b>	Pessoa nojenta (n=1)	<b>B.</b> -“ (...) só digo que ele é nojice(...)”	1
	Mal (n=1)	<b>P.</b> - “ Mal...”	1
<b>XXIV. Percepções das crianças sobre as diferenças actuais na sua vida</b>	Inexistência de contactos diários com o pai (n=3)	<b>B.</b> - “(...) eu e o meu irmão do meio ficávamos sempre em casa, a perder o azar dele (...)”; <b>B.</b> - “ (...) azar quer dizer que está a fazer chantagem numa pessoa.” <b>B.</b> - “Para ouvir as expressões dele, e eu não queria ouvir nada...”	1
	Felicidade familiar (n=1)	<b>B.</b> -“ (...) minha família está feliz, porque o meu pai dizia sempre muitas coisas que a minha mãe não gostava (...)”	1
	Melhor (n=2)	<b>E.</b> -“ Sentes que a tua vida está melhor agora...” <b>P.</b> -“ Sim!”	2

<b>CATEGORIA</b>	<b>SUB-CATEGORIA</b>	<b>UNIDADE DE REGISTO</b>	<b>Nº de Sujeitos</b>
<b>Sentimentos da criança face à situação actual</b>	Bem (n=2)	<b>B.</b> -“ Sinto-me bem.” <b>P.</b> - “ Bem!”	1
	Liberdade (n=1)	<b>B.</b> -“ Agora já posso...já posso sair à vontade, jogar à bola porque ele também não me deixava sair para jogar à bola.”	1
<b>Sentimentos da mãe face à situação actual, na perspectiva da criança</b>	Liberdade (n=1)	<b>B.</b> - “Ela diz “ estou livre, estou melhor do que ele!”.	1
	Bem e feliz (n=1)	<b>P.</b> -“ Bem e feliz!”	1
<b>Sentimentos dos irmãos face à situação actual, na perspectiva da criança</b>	Bem e Feliz (n=1)	<b>P.</b> -“ É como eu, um bocadinho bem e às vezes mal.”	1
	Liberdade (n=1)	<b>B.</b> -“ É a mesma coisa.”	1

## B. Entrevistas às mães

### Área: Viver com violência

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº Sujeitos
Percepção do agregado familiar sem a presença do agressor	A própria, filhos e ex-companheiro (n=2)	F.- “A minha família, marido, filha e eu.”; A.- “Era a P., o meu ex-marido, a S. e eu (...).” V.- “Eu, ele e os filhos.”	2
	A própria, companheiro e família alargada (n=1)	M.- “Eu era eu e ele, o meu irmão (...).”	1
Relação com o agressor antes de ocorrerem as discussões e agressões	Boa (n=3)	A.- “(...) Ao início era boa (...) depois estávamos sempre a discutir” M.- “Antes de começaram as agressões era ... era o melhor que podia haver, ele era a pessoa mais meiga (...).” F. “enquanto vivi com ele... tivemos momentos muito bons...”	3
	Má (n=1)	V. “Ele aprontava mesmo à sério e eu não enxergava.”	1
Relação com o agressor quando se iniciaram as discussões	Má (n=2)	V.- “a minha relação com ele em nenhum sentido foi boa (...).” A.- “Era má!”.	1
	Conturbada (n=1)	F. - “Muito conturbada ultimamente (...) a relação foi-se deteriorando(...)”.	1
Existência de discussões entre o casal	Sim (n=3)	A.- “Sim (...) discutíamos várias vezes” (...) o que a gente já não capaz de estar sem discutir já era um hábito.” V. - “Havia muitas vezes (...).” F.- “Houve algumas, muitas vezes quando ele	3

	Não (n=1)	estava em casa (...).”  <b>M.</b> - “Muito pouca... (...) eu às vezes para tenta para saber o que se passava falava mas ele...calava-se (...).”	1
<b>Origem das discussões</b>	Dinheiro / Trabalho	<b>A.</b> - “(...) discutíamos por várias coisas , coisa pelo dinheiro que ele não queria dar ou porque ia e que eu trabalhasse (...).”	1
	Sem objectivo específico (n=1)	<b>V.</b> “ (...)ele começava não custava.”	1
	Práticas educativas (n=1)	<b>F.</b> -“ Muito mais depois de a minha filha nascer, sobretudo quando ela começou a ter a sua personalidade (...) em que já se queria afirmar (...) e eu achava que não devia fazer, vinha o pai e dizia “não deixa lá, que ela é pequena!”(...)”	1
<b>Dia que decorriam com maior frequência as discussões</b>	Sexta – feira e fins-de-semana (n=2)	<b>V.</b> - “Era mais à sexta-feira, fins-de-semana porque ele tinha ido à rua e tinha levado o bolso cheio (...).”  <b>F.</b> - “(...) fins-de-semana mais, claro, porque era quando estávamos mais tempo juntos (...).”	2
	Diariamente (n=1)	<b>A.</b> - “ Eram quase todos os dias...”	1
<b>Altura do dia que decorriam com maior frequência as discussões</b>	Final de tarde e noite (n=2)	<b>F.</b> - “Ora bem quando eu chegava a casa (...).”  <b>M.</b> - “Ao final do dia...ou à noite porque ele às vezes já aparecia tarde em casa (...).”	2
	Noite (n=1)	<b>A.</b> - “Era à noite quando ele vinha do trabalho.”	1

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº Sujeitos
Sentimento da vítima face às discussões	“Ausência de sentimento”; sentimento de vazio (n=2)	<p><b>Sra. V.</b> -“Eu não me sentia, estava maluca, mesmo doida (...).”</p> <p><b>Sra. M.</b> -“ Eu acho que a gente deixa de sentir...acho que a gente deixa completamente de sentir...a gente sente-se tão... sente dor...oca (...).”</p>	2
	Mal (n=1)	<p><b>A.</b> -“Senti-me um bocadinho mal! Hum... já não me sentia bem na minha própria casa e já não tinha alegria de viver ali.”</p>	1
	Revoltada / Abandonar o lar (n=1)	<p><b>F.</b> -“Revoltada... e com vontade de pegar na miúda e desaparecer (...).”</p>	1
Percepção sobre os sentimentos dos filhos face às discussões, na perspectiva das mães	Mal-estar / sofrimento (n=3)	<p><b>V.</b> - “O L. foi o que ficou muito mais abalado, mas depois segurava-se (...).”;</p> <p><b>V.</b> - “Não se sentiam bem porque sem ele em casa estávamos bem mas bastava ele chegar que ...que cada ia para o seu canto.”;</p> <p><b>A.</b> - (...) Sentiam-se mal (...) acho que sim que não gostavam de estar em casa”.</p>	2
	Rebelde (n=1)	<p><b>F.</b>- “(...) ela estava a tornar-se uma miúda rebelde, ainda hoje é rebelde, mas na altura era mais (...).”</p>	1
	Tristeza (n=1)	<p><b>F.</b>- “Triste também (...) o pai falava comigo da pior maneira, palavrões ela dizia sempre “não fales assim com a mãe” e metia-se no meio e isso era o que mais me custava (...).”</p>	1

Área: Viver em transição

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº Sujeitos
Quem saiu de casa	Vítima (n=3)	<p><b>A.-</b> “Fui eu que decidi sair!”</p> <p><b>M.-</b> “Sim fui eu (...) porque estava grávida e era a única, foi a única razão que eu tive de reagir de maneira diferente(...).”</p> <p><b>F.</b> “ (...) quando saímos de casa (...).”</p>	1
	Agressor (n=1)	<b>V.</b> -“ Foi ele (...) por ordem do tribunal.”	1
Motivos que levaram à saída de casa	Gravidez (n=1)	<b>M.-</b> “Porque estava grávida, porque era outra pessoa e porque não havia grande hipóteses de as coisas serem diferentes do que foram (...).”	1
	Filhos (n=2)	<p><b>F.</b> -“Foi pela miúda...mais por ela..”</p> <p><b>A.-</b> “Porque eu acho que já estava a pôr as minhas filhas muito em risco, eu acho que ele se era capaz de me fazer a mim, um dia mais tarde poderia fazer às meninas.”</p>	2
	Intenção de separar-se da família (n=1)	<b>V.-</b> “ Sim, porque ele já tinha isso na mente (...) porque estava a arranjar novas condições de vida, visto que ele estava feito e conseguiu adquirir as novas condições, eu já era lixo, já começou a bater.”	1
	Revolta (n=1)	<b>F.-</b> “Primeiro senti uma revolta muito grande, saber que estava a ser obrigada (...).”	1

<b>Sentimentos vivenciados pela vítima, com a decisão de sair de casa</b>	“A melhor opção” (n=1)	<b>F.</b> - “ (...) por outro lado também sabia que era a melhor opção.”	1
	Aliviada	<b>V.</b> - “ Senti-me aliviada.”	
	Liberdade	<b>V.</b> - “(...)era mesmo à vontade porque eu podia entrar e sair do trabalho para casa na boa, já não pensava “fulano já está aí e não vai discutir e dizer “o que é que a senhora fez? Onde é que a senhora andou?”(...)”	
<b>CATEGORIA</b>	<b>SUB- CATEGORIA</b>	<b>UNIDADE DE REGISTO</b>	<b>Nº de Sujeitos</b>
<b>Sentimentos vivenciados pela vítima, com a decisão de sair de casa (cont.)</b>	Medo/ Receio (n=3)	<b>F.</b> - “ (...) e depois era o medo, era a expectativa de como era a minha vida cá fora ...embora no fundo, no fundo eu sabia que ia ser melhor, porque pior do que aquilo acho que não há muito.”;  <b>A.</b> - “(...)mas também sentia-me um bocadinho de receio por causa das meninas, tinha medo de no sentido de como é que ia fazer para criar sozinhas as minhas filhas.”;  <b>A.</b> - “ (...) Senti um bocadinho de receio (...)”.	2
	Agressividade / zanga (n=1)	<b>V.</b> - “Muito agressiva, eu ia morrendo... eu gritava noite e dia só de saber que eu não tinha feito nada (...)”	1
	“Vazio” (n=1)	<b>M.</b> - “ Eu acho que fô das piores decisões que tive que tomar, na altura que saí não me apercebi bem, porque... estava a deixar para trás qualquer coisa mas não me apercebi bem... deixei para trás tudo (...)”	1

	Bem (n=1)	A.- “Bem (...).”	1
<b>Sentimentos vivenciados pelos filhos, na perspectiva da mãe, com a decisão de sair de casa</b>	Bem / Satisfação (n=2)	V. - “ Os meus filhos sentiram-se bem (...).”; A.- “Eu acho que elas ficaram contentes, principalmente a P. que foi quem assistiu mais.”	2
	Sufrimento (n=1)	F.- “Ela sofreu mais do que eu.”	1
	Atribuição de culpa à mãe (n=1)	F.- “ (...) que se virou para mim e me culpou “mãe tu é que tivesses a culpa, ainda hoje podíamos estar com o pai, e hoje nem tenho o pai nem te tenho a ti!”	1
	Sentimento de perda (n=1)	F.- “porque ela achava que me ia perder também porque eu na altura embora pensasse sempre nela e foi por ela que eu sai (...).” F. -“(...) perdi o pai e perdi-te a ti e agora nem tenho pai nem tenho a ti(...).”	1
	Tristeza (n=1)	Sra. F. -“Triste, na altura foi complicado (...).”	1

<b>Sentimentos vivenciados pelos agressor, na perspectiva da mãe, face à decisão de sair de casa</b>	Aliviado (n=2)	<p><b>V.-</b> “ (...) ele até se sentiu aliviado, porque uma vez contaram-me que ele vibrou (...).”</p> <p><b>F.-</b> “Penso que aliviado...”</p>
	Bem (n=1)	<p><b>V.-</b> “Só que ele sente-se bem, só que ele quer a casa dele, para ficar concluído para ele, se eu sair de casa (...).”</p>
	Sentimento de dor pela filha (n=1)	<p><b>F.-</b> “acho que ele suportou muito melhor a dor, e se teve dor foi pela filha e não por mim...é verdade!”</p>
	Desagrado (n=1)	<p><b>A.-</b> “ Eu acho que ela não gostou, quer dizer, acho não tenho a certeza porque ele depois nem queria dar o divórcio por causa disso. Acho que ele não queria.”</p>
	“Estar sozinho” (n=1)	<p><b>F.-</b> “isso faz-me mesmo pensar que ele queria mesmo estar sozinho (...).”</p>
	Desconhecimento do sentimento do agressor (n=4)	<p><b>M.-</b> “ Eu nunca percebi, como nunca tive, como nunca falei com ele depois disso, ele nunca tentou falar comigo (...).; ”</p> <p><b>M.-</b> “Eu não consigo, eu já tentei arranjar uma justificação ele ou ficou bem demais ou ficou mal demais (...).”; ”</p> <p><b>M.-</b> (...) para mim não, ele nunca falou comigo, depois desse dia que eu saí de casa eu nunca mais falei nada com ele, por isso não consigo perceber, não ... não houve conversas nenhuma entre a gente já não houve nada, não consigo perceber se para ele foi bom se foi mau (...).”; ”</p>

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº de Sujeitos
<b>Sentimentos vivenciados pelo agressor, na perspectiva da mãe, face à decisão de sair de casa (cont.)</b>	Desconhecimento do sentimento do agressor (cont.) (n=4)	<b>M.</b> - “Por mais voltas que eu tente dar (...) porque eu estou sempre a tentar arranjar uma explicação para o que aconteceu mas não consigo (...) nada, nem para o que aconteceu para acabar assim, nem para o depois porque nem houve conversa (...)”.	1
<b>Imagem do sexo masculino na sequencia da situação de violência</b>	Imagem negativa do homem (n=3)	<p><b>V.</b>- “(...)aprendi que um homem é capaz e eu tenho muita má impressão do homem(...)”;</p> <p><b>V.</b>- “(...)o pior está na rua à procura de mulher são os cães, por isso eu tive um tempo que ... que homem que viesse ter comigo a dizer ..”oh moça gosto de ti” eu virava logo e dava chapada na cara, é verdade!”;</p> <p><b>V.</b>- “(...) homem nenhum podia olhar para mim, homem nenhum podia falar para mim eu fui mesmo muito agressiva, muita agressiva mesmo(...)”.</p>	1
	Por fim à situação de violência mais cedo (n=1)	<b>A.</b> - “(...) acho que devia ter tomado essa decisão antes de acontecer as coisas que aconteceram, não devia ter deixado agravado tanto as coisas”.	1
	Tentativa de melhorar a relação (n=2)	<p><b>F.</b>- “Podia e fiz tentei dar o meu melhor para que a relação desse certo, mas não basta uma parte querer, tem de ser as duas.”;</p> <p><b>F.</b>- “ (...) tentei mas não consegui. Não consegui, porque se ele precisava de ajuda e eu tentei dar essas ajudas, tentei</p>	1

Percepção da vítima sobre o que poderia ter feito para terminar antes com a situação de violência		nesse aspecto (...)."	
	Crença de que poderia ter feito alguma coisa (n=3)	<p><b>M.-</b> “Gostava de ter feito alguma coisa antes...se calhar se fizesse...ele não tinha feito aquilo...(.).”;</p> <p><b>V.-</b> “Eu acho sim... mas na altura em que estava a morar em L. foi muito boa altura(.).”;</p> <p><b>V.</b> “Ai se eu pudesse voltar atrás...mas pronto agora não posso voltar atrás, o que está feito está...”</p>	2

#### Área: Viver sem violência

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº de Sujeitos
Percepção do agregado familiar sem a presença do agressor	A própria e filhos (n=1)	<b>V.-</b> “Sou eu e os meus filhos.”	1
	A própria, filha e família alargada (n=2)	<p><b>M.-</b>“(...)eu ganhei uma mãe e ganhei uma filha!”;</p> <p><b>F.-</b> “ (...) eu, a minha filha e os meus pais.”</p>	2
	A própria, filhas e actual companheiro (n=1)	<b>A.-</b> “ É o L., é a P. e S. e eu.”	1
	Relação com a filha (n=2)	<p><b>F.-</b> “Melhorou a minha relação com miúda”.</p> <p><b>F.-</b> “ (...) melhorei eu também em relação à minha relação com ela (...).”</p>	1

<b>Percepção da vítima sobre o que melhorou na sua vida com decisão de sair de casa</b>	Maternidade (n=1)	<b>M.-</b> “(...) ela merecia que eu tentasse fazer por ela...porque no fundo...no fundo ela precisava de mim (...)”.	1
	Estabilidade da vítima (n=1)	<b>F.-</b> “(...) fiquei mais estável(...)”.	1
	Fim das discussões (n=1)	<b>A. -</b> (...) “Não criar discussões (...)”.	1

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº de Sujeitos
<b>Percepção da vítima sobre o que melhorou na sua vida com decisão de sair de casa (cont.)</b>	Ambiente familiar (n=1)	<b>A.-</b> “ O ambiente em casa, a maneira de ser em casa com a família (...).” <b>F.-</b> “ (...) melhorou tudo...melhorou a tal paz de espírito que a F. necessitava e que agora tem paz de espírito (...).”	1
	Bem-estar das vítimas (n=3)	<b>A.-</b> “ (...). Acho que as minhas filhas vivem mais felizes e eu também!”; <b>V.</b> “Senti-me aliviada, já conseguia dormir, já não tinha medo (...).”	2
	Imagem positiva do homem (n=1)	<b>V.-</b> “ Sim melhorou muito, muito mesmo, agora já é normal e converso normalmente com qualquer pessoa, quer seja homem ou mulher converso com qualquer pessoa (...).”	1
	Relação com o actual companheiro (n=1)	<b>A.</b> “Há uma nova pessoa e acho que ele é mais amigo, ajuda mais ...ele gosta mais das minhas filhas eu acho, que o próprio pai!”	
<b>Aspectos positivos do agressor</b>	Ausência de aspectos positivos (n=3)	<b>V.</b> -“Não vejo (...).”; <b>F.-</b> “ (...) as coisas positivas são muito poucas (...).”; <b>A.-</b> “Coisas positivas que ele tinha...deixe-me ver são poucas... Acho que agora não me recordo de nenhuma.”	3

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº de Sujeitos
-----------	---------------	--------------------	----------------

<b>Aspectos positivos do agressor (cont.)</b>	Aparente preocupação com a família (n=2)	<b>F.-</b> “(...) ele aparentemente preocupa-se connosco (...). <b>F.-</b> “(...) embora eu ache que ele goste de nós à maneira dele (...).”	1
	Amigo/ companheiro (n=1)	<b>A.-</b> “ Não às vezes quando ele estava bem, ele até era amigo e gostava de passear e sair com as miúdas (...)”.	1
	“Pessoa normal”(n=1)	<b>A.-</b> Vejo-o como uma pessoa normal, eu não fico com raiva e não tenho sentimento...acho que é uma pessoa normal como outra pessoa qualquer, é como se fosse outra pessoa qualquer.”	1
	Divertido	<b>M.-</b> “(...) porque às vezes as brincadeiras dela são tão parecidas com as dele(...)”.	
<b>Aspectos negativos do agressor</b>	Ausência de arrependimento (n=1)	<b>V.-</b> “(...) eu visse algo de positivo nele e aquele arrependimento verdadeiro... eu disse sempre se eu visse isso eu dava um passo atrás.”	1
	Não contribui para as despesas dos filhos (n=2)	<b>V.-</b> “(...) não sustenta a família (...)”. <b>V.-</b> “ Os filhos passam fome, por exemplo o B. a pensão dele tem de subir, tive que ir com ele a tribunal para a pensar dele subir a pensão do filho e outro filho do meio não trabalha (...)”.	1

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº de
-----------	---------------	--------------------	-------

			Sujeitos
<b>Aspectos negativos do agressor (cont.)</b>	Desvalorização dos filhos (n=1)	V.- “(...) humilha os filhos (...) que dá mais valor aos amigos e filhos dos outros”	1
	Isolamento / Solidão (n=4)	F.- “Coisas negativas, é o mais facto de estar sozinho embora ele quisesse mas também não está bem (...)”.  F.- “ (...) não liga muito aos problemas dele, à própria situação em que ele está, se ele desligou do mundo, não pode dar grande valor a outras coisas (...)”;  F.- “ (...) e que se preocupa connosco no aspecto de saber como está a nossa saúde, senão nos falta nada...agora até que ponto essa preocupação é ...é assim tão verdadeira, não sei...(ri-se)... não sei, tenho as minhas dúvidas.”;  F.- “Ele lutasse por isto, embora ele quisesse estar sozinho, não está feliz!”	1
	Agressividade (n=1)	A.- “ (...) mas quando ele se tornava mau...fica assim.”	1
<b>Dificuldade em definir sentimentos relativos ao agressor</b>	“Confusão de sentimentos”(n=1)	M.- “ Ver como eu o via, como um bicho mau...passei a sentir pena dele, para mim é muito complicado...”	1
<b>Frequência dos contactos entre a vítima e o agressor</b>	Ausência de contactos (n=1)	E.- (...) não tem qualquer contacto com ele... V.- “Nem nos sonhos!”	1
	Contactos regulares (n=1)	F.- (...) duas três vezes mês (...)”	1
	Contactos pontuais (n=1)	A.- “Agora...só falamos por causa das meninas (...) A gente já não falava... ele agora procura pouco as meninas...já não falávamos aí há uns dois meses ou três.”	1

<b>Tipo de contactos estabelecidos entre a vítima e o agressor</b>	Telefónicos (n=1)	F.- “Telefone...”	1
	Presenciais (n=1)	F.- “(...)às vezes vou lá ver como ele está (...)”	1
<b>Frequência dos contactos entre os menores e o agressor</b>	Contactos regulares (n=2)	V. “É fim-de-semana sim, fim-de-semana não... todas terças-feiras e todas as quintas-feiras ele vêm buscar o menino.”; F. “É quase todos os dias que fala com a filha, ao fim-de-semana é que não...diz que ao fim-de-semana estamos pouco em casa e não liga”.	2
<b>Relação da mãe com os filhos</b>	Boa (n=1)	V.“A minha relação com os meus filhos é... não sei ... eu acho que é boa (...)”. Rimos, falamos, brincamos, conversamos”.	1
	Próxima (n=3)	A.- “Eu acho que agora é melhor.. Acho que agora falamos mais e somos mais amigas, eu acho que somos mais unidas.” M.- “ (...) antes de nascer já estava muito ligada a mim e isso mantêm-se (...)”. F. “É boa, somos próximas!”	3
	Especial (n=1)	M. “ É muito especial.”	1
<b>Percepções de quem é o ex - companheiro para a vítima</b>	“Pai das filhas” (n=1)	A “Eu vejo-o como se fosse o pai das minhas filhas e pronto! Só isso!”	1
	Alguém que têm Pena (n=2)	F. “ (...) talvez porque no fundo tenho um sentimento que não se deve ter por ninguém que é pena dele, acabo por ter pena dele (...)”. M. “(...)mas no fundo faz-me sentir muita pena dele...eu não queria sentir pena dele, não queria mas não consigo(...)”.	2

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº de Sujeito
<b>Percepções de quem é o ex - companheiro para a vítima (cont.)</b>	Pessoa estranha (n=1)	<b>F.</b> “É uma pessoa estranha, ainda hoje acho que é uma pessoa estranha...”	
	Desconhecido / estranho (n=1)	<b>F.</b> “Não digo que é um desconhecido, mas é uma pessoa que não consegui conhecê-lo completamente, conheci-o para aí a 50% apenas (...)”	1
	“Duas faces” (n=1)	<b>M</b> “Depende ... é como se fossem dois, dois em um! Primeiro foi um príncipe daqueles príncipes que a gente lê nas histórias, aquelas pessoas que acha que não os tem, depois passou a ser.. (...) E depois todas as reacções que ele tinha mais agressivas”.	1
	Mau (n=1)	<b>V.</b> “ Para mim ele é mau (...) ele me fez tanta maldade (...)”	1
	Pessoa infeliz / amargurada (n=2)	<b>F.</b> “ (...) entregou-se à desgraça dele, entregou-se à situação...e hoje é um homem amargurado ...por culpa dele ou não e é um homem amargurado (...)”. <b>M.-</b> “ (...)ele nunca foi feliz e não fez ninguém feliz, porque ele também nunca foi feliz, ele foi muito agredido em pequeno(...)”.	2

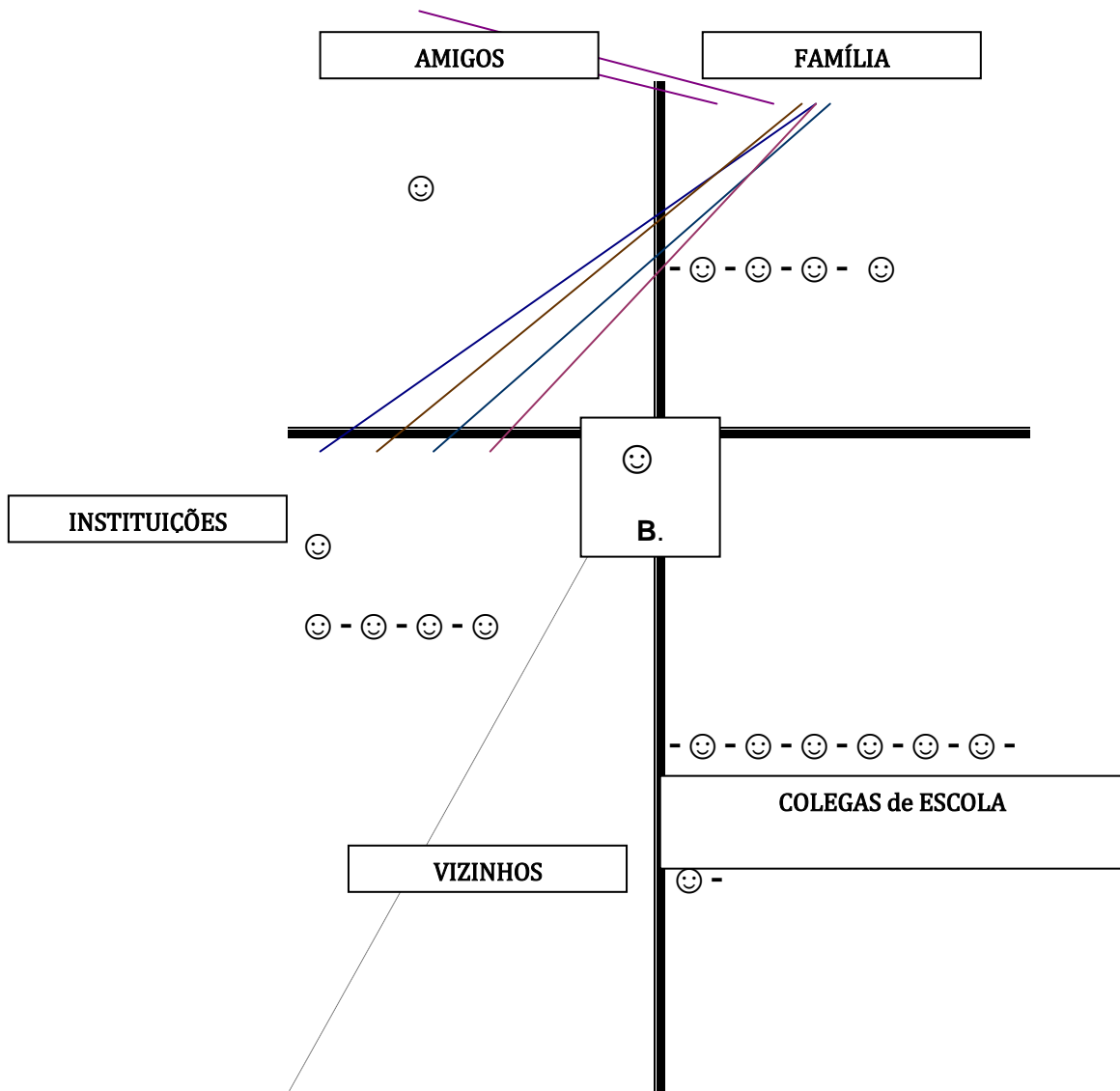
CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº de
-----------	---------------	--------------------	-------

			Sujeito
<b>Percepções das vítimas sobre as diferenças na sua vida actual</b>	Sensação de estranheza (n=1)	<b>Sra. F.</b> “(...)comecei por estranhar muito quando estava a trabalhar e sair do serviço e estava habituada a ir para casa (...)”.	1
	Ambiente familiar saudável (n=2)	<b>Sra. F.</b> “ (...) não tem nada a ver, agora vivemos num ambiente saudável, num ambiente de família, em que há união, em que nos ajudamos(...)”; <b>A.</b> “ (...) não temos discussões nem chatices dentro de casa”.	2
	Afecto (n=1)	<b>F.</b> “(...)tenho afecto que também não tinha (...)”.	1
	Bem-estar (n=1)	<b>V.</b> “Eu digo independentemente da minha doença, a minha vida está bem (...) a vida está boa (...)”.	1
	Objectivo de vida (n=1)	<b>M.</b> “ Agora tenho um objectivo que antes não tinha (...) agora tenho um objectivo.”	1
	Estabilidade (n=2)	<b>F.</b> Acho que está, muito mais estável.” <b>A.</b> “ temos mais estabilidade, não temos discussões nem chatices dentro de casa (...)”	2
<b>Sentimentos vivenciados pela mãe no momento actual</b>	Partilha familiar (n=1)	<b>V.</b> “ (...) que é tenho para comer, o que é que filho precisa, o que é que todos nós precisamos, e eu que eu fizer gira e dá para todos (...)”.	1

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTO	Nº de Sujeito
<b>Sentimentos de agora vivenciado pela mãe (cont.)</b>	Bem-estar emocional (n=5)	<p><b>V.</b> “Eu me sinto bem, psicologicamente me sinto bem (...);”</p> <p><b>M.</b> “Por um lado aliviada por tudo o que se passou para trás, ficou para trás (...);”</p> <p><b>M.</b> “ (...) mais tranquila devido à situação toda, aí está mais uma vez se o pai fosse vivo se calhar não estava numa situação tão tranquila (...);”</p> <p><b>F.</b> “(...) melhor mas não posso dizer que estou a 100% não... é difícil estar-se a 100% (...);”</p> <p><b>A.</b> “ (...) agora temos mais alegria de viver”.</p>	Bem-estar emocional (n=5)
	Receosa (n=1)	<b>M.</b> “(...) sinto-me assustada por um lado porque estou sozinha... com um filho para criar isso assusta-me muito (...).”	1
<b>Sentimentos de agora vivenciados pelos filhos, na perspectiva da mãe</b>	Bem-estar emocional (n=4)	<p><b>F.</b> “ (...) a minha filha está bem melhor (...).”</p> <p><b>F.</b> “Ela agora sabe que foi melhor assim para os dois, aliás ela sabe que foi melhor para os três (...).”</p> <p><b>A.</b> “Bem. Basta não ouvirem as discussões que eu acho que era ...era isso que isso que elas sentiam muito.”</p> <p><b>M.</b> “ Sim, não seria bom ela ver a mãe à briga com o pai, porque eu nunca ir conseguir ter uma relação amigável com o pai.”</p>	3
	Crença de que com a presença do pai a situação melhora (n=1)	<b>V.</b> “ (...) que ele acha se o pai voltasse cá para casa, é o que ele tenta dizer no filho é que as coisas iam melhorar (...).”	1

## **ANEXO 7**

MAPA REDE SOCIAL



MAPA REDE SOCIAL

